a Cena Muda

CINEMA e RÁDIO

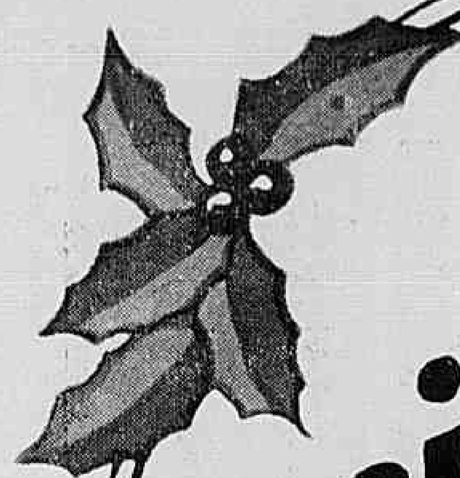
EMILINHA: "Eu serei Rainha do Rádio"!

O NOVO FILME de LUIZ de BARROS

EDIÇÃO DE NATAL (cinco cruzeiros)

N.º 51 ★ 19-12-52 ★ 5,00 em todo o Brasil









insinuante

A SAPATARIA
MAIS QUERIDA
da CIDADE

Sugere
UM PRESENTE
UTIL
AGRADAVEL
ECONOMICO

insinuante
CARIOCA, 46-48 – 7 de SETEMBRO, 199-201

DEVOLVE A IMPORTANCIA COM O MESMO SORRISO COM QUE LHE VENDE.

AT. SEMOG.

LEVY KLEIMAN

apresenta em



CINEMA

REPORTAGENS ESPECIAIS

«Você é que é feliz, Lulu», por Paulo Brandão 4/5
Anselmo e Leonora juntos pela primeira vez 7
George Sanders já foi cantor de teatro 11
Os últimos serão os primeiros, por Dulce Damasceno Brito 17/18
Van Heflin, aviador, estudante, atleta e astro de cinema 25

CINE-ROMANCES

A Mulher Marcada 15
Escravo de si mesmo 20/21
Amôres e Venenos 27

SEÇÕES PERMANENTES

Comentário: FAZENDO HISTÓRIA, de Alberto Dines 3
Estréias no Mundo do Cinema 6
Notícias e Comentários do Cinema Nacional 10
Cine-Mundial 13
Hollywood Boulevard, por Dulce Damasceno Brito 19
CENA responde 28

EXTRA

Os astros de Hollywood desejam aos leitores de A CENA bom Natal e feliz ANO NOVO

RÁDIO

REPORTAGENS ESPECIAIS

JOÃO DIAS QUER MOSTRAR O QUE APRENDEU COM CHICO ALVES 29/31
ZÉ GONZAGA ENSINOU OS FRANCESES A DANÇAR O BAIÃO 33/34
EMILINHA: «EU SEREI RAINHA DO RADIO» 35/37

SEÇÕES PERMANENTES

Disse-me-disse, Pontos de Vista, Daqui, dali, dacolá e Vale a Pena Saber 32
Sintonizando e Rádio-Social 41
Rádio-Novela — «As Rosas de Maria Angélica», 16º capítulo, de José Fernandes.

MUSICA POPULAR

Para Você Cantar 38

COMENTÁRIO

FAZENDO HISTÓRIA

Riram-se. Quando naquela ocasião clamamos por coerência, mostrando que cada novo dia que passa e um novo que entra era HISTÓRIA que se estava escrevendo, êles mofaram, naquela indiferença cega dos homens que vivem sem saber o que é Vida!

Riram-se, mofaram alguns dos grandes e pequenos fazedores e teóricos de cinema no Brasil quando alguém lhes veio apontar, inocentemente, o dedo no nariz, clamando que não bastam fazer bombásticos discursos em entusiasmados congressos. E' preciso mais, é preciso que no dia seguinte, na vida prática das realizações, usemos da mesma honestidade de intenções que foi berrada nos incandescentes discursos. Mas tal não se deu.

— Fazendo História, que pretensão! — comentaram êles. — Estamos simplesmente é construindo uma indústria que nos deverá encher, ou não, de dinheiro e lucros.

Falta coerência aos que se dedicam a cinema no Brasil. Falta aos nossos idealistas uma completa identificação das aéreas aspirações com o labor cotidiano. Mas, sobretudo, falta em nossa gente de cinema seriedade para encarar o trabalho cotidiano e insignificante de todo e todos os dias como um trabalho histórico.

A mesma despreocupação indiferente e esquecida de nossa gente no viver, no ser levada pela Vida, tropeçando ou não, sem se importar consigo, com os outros, e com que ela exige de nós, esta mesma pacatez e «facilidade» no viver impregna a nossas atividades coletivas. Daí o caráter dispersivo dos labôres de todo o dia e daí, no seu geral, o caráter leviano dos ideais coletivos. Usa-se um ideal como se usa um adôrno: para enfeitar, para «brilhar», para camuflar a pobreza feia das aspirações, para encher a bôca com um nome pomposo e bombástico.

E ao avizinhar-se o fim do ano, ao pararmos por alguns instantes e olharmos para trás e percebermos que êste ano foi, não só negro, mas que êste ano foi totalmente vazio e sêco de realizações, de feitos, de idéias, de esforços, de honestidade, de coerência e seriedade, aí então será preciso freiar e estancar esta carreira cega, que não nos leva a nenhum lugar.

O ano de 1953 será um ano sério. A morte de uma época histórica avizinha-se vertiginosamente sem que nós, filhos desta que morre e da outra que já nasce, estejamos preparados para recebê-la e agüentar suas responsabilidades. Seremos nós que agüentaremos a longa, exasperante e dolorosa agonia desta que morre, seremos nós que agüentaremos os primeiros dias incertos, inseguros, cambaleantes e incompreensíveis de nova época que se incuba e se gesta.

E isto exige seriedade. E isto exige honestidade integral, absoluta, em cada parcela do dia, em cada ação, em cada reação, sobretudo naquelas que dizem respeito a mais de um, em cada filme realizado, em cada crítica ou artigo escrito numa coluna.

O rebanho humano está disperso, está estagnado numa moleza bovina, na preguiça, no sono e sonho morfínicos. E' preciso acordá-lo e conduzi-lo honestamente por êste ano de 1953, que se anuncia cheio de ilusões.

Preparemo-nos para defrontar um ano cheio de realidades!

ALBERTO DINES

NOSSA CAPA

Piper Laurie, a graciosa estrelinha da Universal, deseja um feliz Natal aos leitores de A CENA (Foto da UNIVERSAL-INTERNATIONAL).

EXPEDIENTE

Fundada em 1921
Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Diretor: **Gratuliano Brito** — Assistente: **Renato de Alencar**
Chefe de Publicidade: **Severino Guimarães**
Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro — Brasil

TELEFONES:

Redação 22-4447
Administração e Publicidade 22-9570
Gerência 22-8647
Contabilidade 22-2550
Portaria 22-5602

Endereço Telegráfico: «REVISTA»
Distribuição e Publicidade em **São Paulo**: AGENCIA ZAMBARDINO, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1596

PREÇO e ASSINATURA

Número avulso em todo o território nacional	Cr$	3,00
Assinatura anual (52 números)	Cr$	150,00
Assinatura semestral (26 num.)	Cr$	75,00
Assinatura anual sob registro	Cr$	180,00
Assinatura semestral sob registro	Cr$	90,06
Assinatura para o estrangeiro, anual	Cr$	280,00
Assinatura para o estrangeiro, semestral	Cr$	140,00
Número atrasado	Cr$	4,50



Durante o intervalo de filmagem, foi oferecido um lanche para o pessoal. A hora de comer constitui sempre um prazer

Numa manhã bonita e calorenta, rumamos para o Alto da Boa Vista, onde estão localizados os Estúdios da Brasil Vita Filmes.

Iamos de encontro com uma das figuras mais discutidas no cenário do cinema brasileiro. Trata-se de Luís de Barros, ou melhor, na intimidade "Lulu", como é chamado no meio cinematográfico. Ao avistarmos com Lulu, veio êle correndo para nos receber mui cavalheirescamente. Indagamos sôbre o tema dêste seu novo filme; contou-nos que o original é de autoria de José Wanderley e as situações são diversas em face do principal protagonista ser um professor dedicado de corpo e alma à causa da cura de amor. E' uma comédia divertida para fazer o público rir a valer e ouvir os maiores números de música do carnaval de 53.

Fomos convidados a assistir as filmagens. Chegando ao set, deparamos com uma camera que se acha em cima de um Dolly, que dá, dó, de ver. Ali montados vimos o Tonico Gonçalves (o operador luso) e o cineclubista Ubirajara. Num dado momento é dada a palavra de ordem, de ensaio geral.

VOCÊ É QUE É FELIZ, LULU!

O ESTÚDIO DA VITA FILMES PARECIA O DA PARAMOUNT COM DE MILLE DIRIGINDO — REMEMBER ATLANTIDA — SÓ EXISTE TAKE

Por PAULO BRANDÃO

Duas cenas do filme de Carnaval de Luís de Barros: à esquerda, Zizinha Macedo e Manoel Vieira confabulam o diálogo, e à direita: Mary Gonçalves mata a fome de Ronaldo Lupo, sob as vistas de Manoel Vieira





Minha gente; ficamos boquiabertos diante do desfile de celebridades que assistimos. Parecia que estávamos nos estúdios da Paramount vendo De Mille dirigir. Para vocês terem uma pálida idéia do que assistimos vamos dizer quem conseguimos identificar: César de Alencar, Mary Gonçalves, Mesquitinha, Ronaldo Lupo, Manoel Vieira, Barbosa Júnior, Jorge Murad, Manèzinho Araújo, Silva Filho, Walter Sequeira, Marly la "So[illegible]la", Zizinha Macedo, Zé Bacurau, Carlos Tovar, Bill Farr, Virgínia Lane, Linda Batista, Dircinha Batista, Marion, Carmélia Alves, Jorge Veiga e ainda Ruy Rey com orquestra e os 4 Ases sem o Coringa e finalmente uma criaturinha bastante simpática e agradável que se chama Marta Ritter.

Diante de tanta coisa assim, nunca vista no cinema brasileiro, eu já estava esfalfado, e tratei de procurar discretamente um lugar para sentar, e com alguma dificuldade achei.

Mas acontece que cinco minutos depois de estar confortàvelmente instalado, veio um cavalheiro (aquêle cacique dos Três Vagabundos) e convidou-me a levantar-me, alegando tratar-se da cadeira do diretor. Agradeci ao cacique e fiz uma saudação que aprendi com a Diacuí e benzi-me.

Outro fato curioso é que se vê, por todos os cantos do estúdio o seguinte aviso: "FAZ O FAVOR DE NÃO FUMAR, REMEMBER ATLANTIDA".

Aproveitamos a oportunidade para enxergar de perto a decoração do estúdio e confessamos que nunca podíamos pensar de ver tanta coisa de bom gôsto como vimos, metida numa comédia carnavalesca. E vocês querem saber de quem é o "decor" do filme? E' do próprio Lulu.

Não podemos deixar de registrar um fato importante para vocês: refere-se a maneira pela qual o Lulu economiza tempo e película, êle executa um ensaio em regra, uma só vez e também de uma só vez, manda rodar a cena e tudo dá certo.

Para êle só existe o Take e não o Rètake...

A nossa reportagem ficou bastante satisfeita quando viu o nosso colega Alberto Dines, servindo como assistente de direção do Lulu.

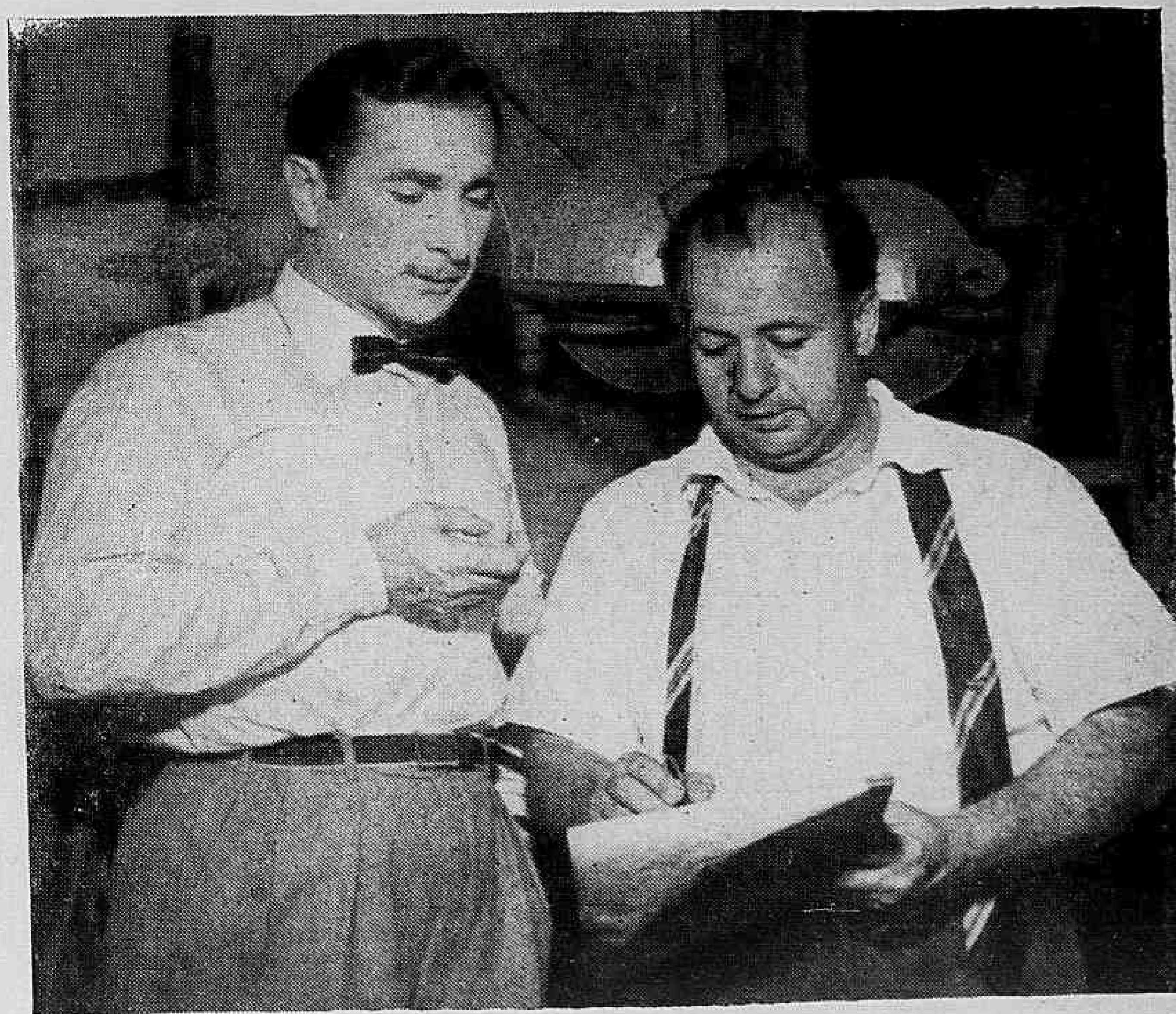
Antes de finalizarmos a nossa reportagem procuramos saber o título do filme e a resposta foi de que ainda não acharam um bom título para mais esta fita nacional produzida pela Castelo Filmes, de São Paulo.



Ronaldo Lupo, examinando o colar de coral que leva a rainha Mary Gonçalves



Lulu de Barros (de roteiro na mão) preocupado com o que vai filmar. Ao fundo a equipe técnica da produção



Murilo Lopes, o páreo duro de Lulu de Barros marca a data do pagamento com Ronaldo Lupo e Mary Gonçalves



Pier Angeli e Gene Kelly em «Homem, Mulher e o Diabo»

ESTRÉIAS no MUNDO do CINEMA

«LA MINUTE DE VÉRITÉ) — Filme francês

Chamado à cabeceira de um jovem que tentara o suicídio, doutor Richard (Jean Gabin) descobre que seu cliente fôra o amante de sua mulher (Michéle Morgan). Na mesma noite, êle exige uma explicação e o filme será a narração das causas remotas e das circunstâncias que levaram a espôsa a trair o marido. Foi a decisão de romper a amizade que motivou o gesto do rapaz. Na manhã seguinte, doutor Richard vem a saber que o rapaz morreu durante a noite. E a vida recomeçará como antes nesse lar por um momento ameaçado...

Prognóstico: Jean Gabin e Michéle Morgan, que não trabalham juntos desde «Cais de Sombras», encabeçam o elento do filme. Seus nomes justificam uma previsão favorável para essa realização de Jean Delannoy.

«HOMEM, MULHER E DIABO» (The Devil Makes Three) — Metro

A Alemanha de após-guerra fornece o «background» para êsse interessante drama de perseguição. Gene Kelly retornando àquele país para visitar uma família que o ajudou a fugir dos nazistas durante a guerra, encontra tudo transformado. O casal morrera e sua filha, Pier Angeli, servia aos interêsses de um novo grupo de nazistas que se organizava. Kelly, que foi encarregado pelo Intelligence Service de vigiar o assunto, convida Pier para uma excursão. Os objetos que êles levavam não indiciavam nada de importante, mas acidentalmente vem a se saber que os acolchoados do carro estavam recheados de ouro por baixo da espêssa camada de tinta do fôrro. O ouro deveria ser usado em prol da causa neo-nazista. Êsse fato quase que lhes custa a própria vida, diante das autoridades militares. Uma atmosfera de «suspense» e tensão nervosa impregna todo o desenrolar dos acontecimentos.

Prognóstico: Gene Kelly fora de seu legítimo «metier» que é a dança. Por seu turno, Pier Angeli num papel de mulher fatal. Mas, a história de «Homem, Mulher e Diabo» tem meios para eliminar os possíveis desajustamentos do «cast».

★

O MELHOR PRESENTE:
UM CÓRTE DOS AFAMADOS TECIDOS "MARCA OLHO"





DE EXCLUSIVA DISTRIBUIÇÃO DAS

CASAS PERNAMBUCANAS



- SEMPRE IMITADAS ·
- NUNCA IGUALADAS

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON





Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

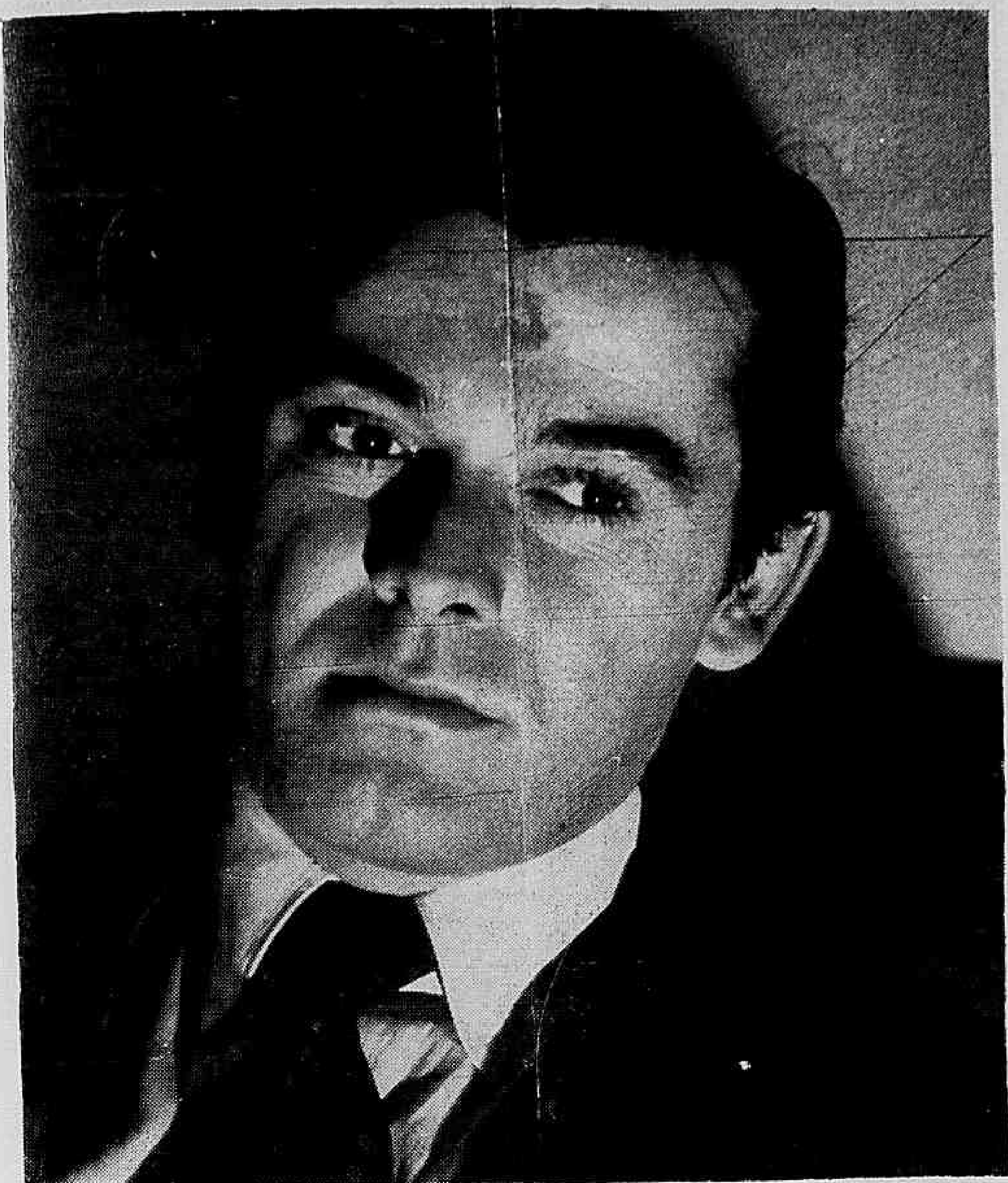
Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00



ANSELMO e LEONORA JUNTOS PELA 1a. VEZ

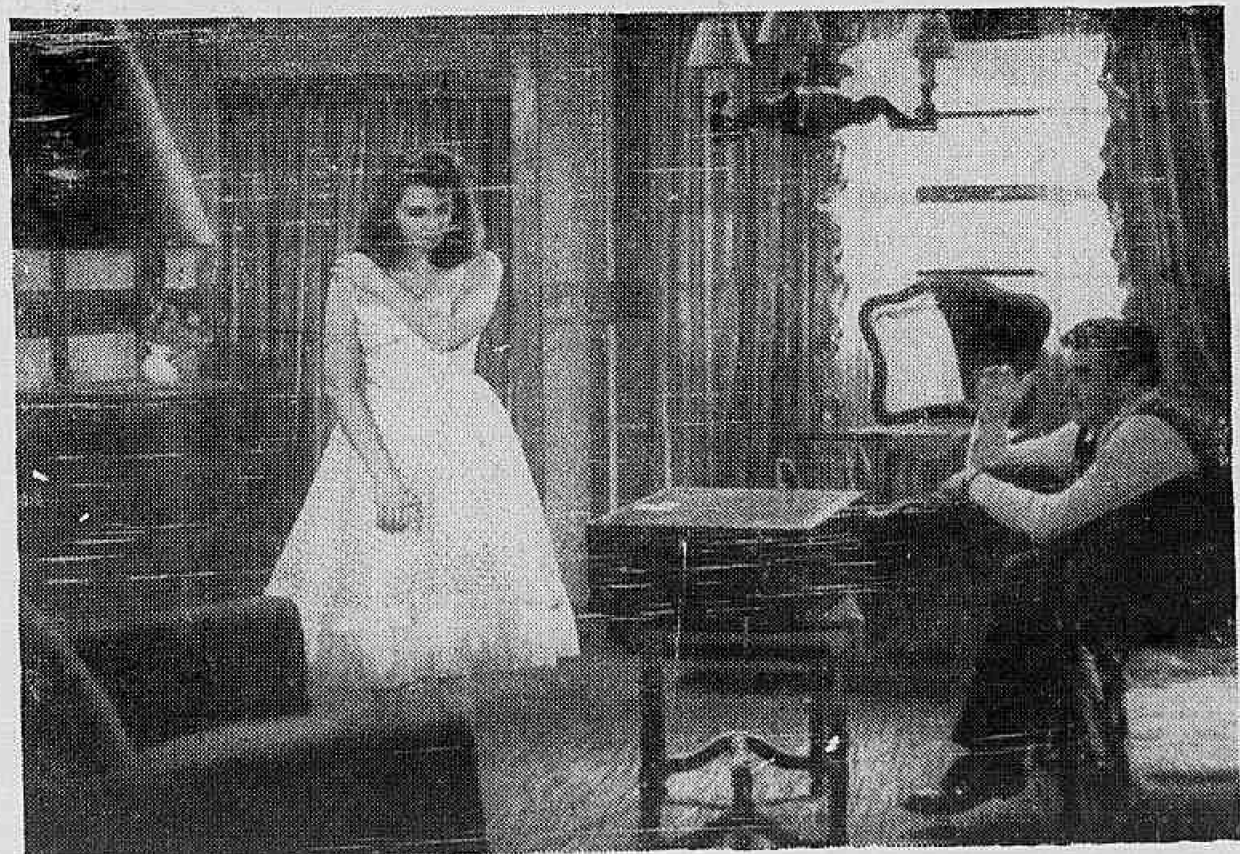
Em «Veneno» aparecerão juntos pela primeira vez Leonora Amar, a bela estrêla brasileira que triunfou no cinema mexicano e Anselmo Duarte, indiscutivelmente o galã máximo do «écran» nacional. Essa dupla tem um desempenho interessante no policial dirigido por Gianni Pons. Leonora Amar não é um nome desconhecido, pois que já figurou em oito filmes produzidos no México, dentre os quais se destacam «Curvas Perigosas», «O Mago», «Cuide de seu Marido» e «Mulher Maldita». Sua aquisição para o cinema nacional, através da Vera Cruz, constitui um acontecimento, pois que como tipo de beleza e talento artístico a bela protagonista de «Veneno» vem contribuir para elevação do padrão artístico de mais uma produção brasileira.

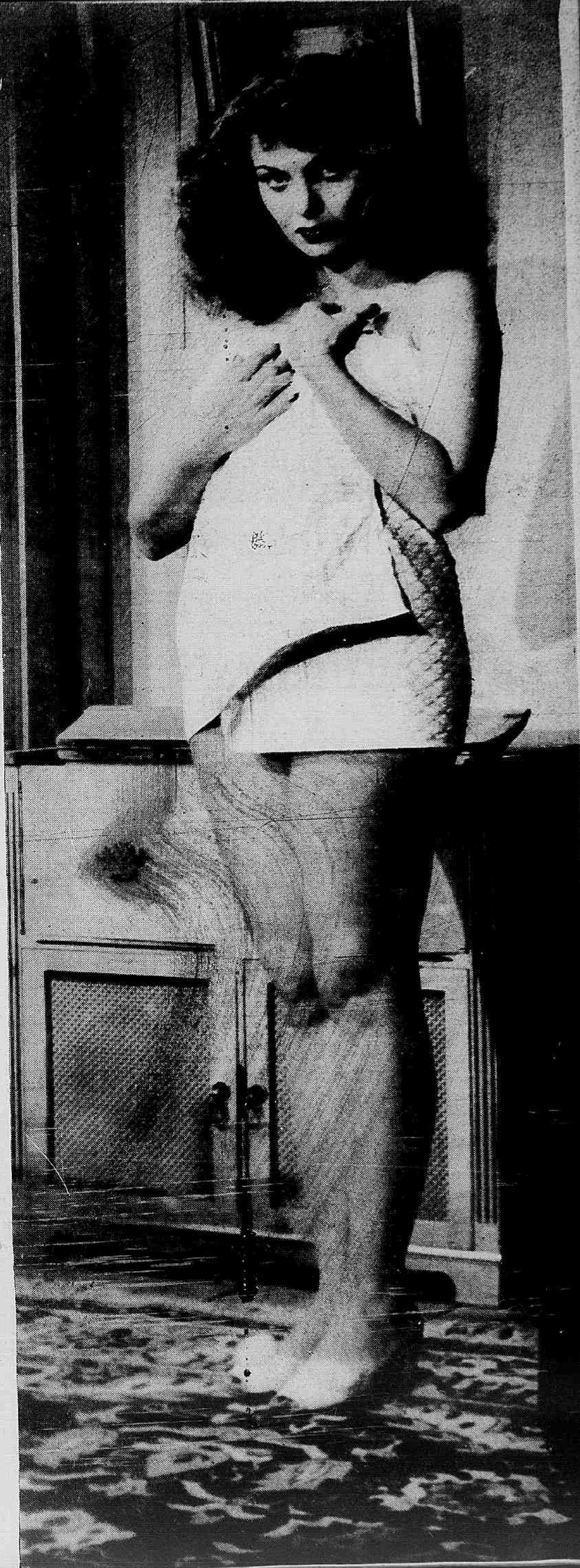
Para os fãs: Leonora Amar nasceu em 1927, no Rio de Janeiro. Pesa 53 quilos e mede 1,68 de altura. Tem olhos castanhos esverdeados. Cabelos côr de caju. Primeiro filme: «Desquite». Último: «Veneno», do qual diz ter sido sua melhor película. Leonora Amar é solteira e reside no México, mas pretende voltar a filmar no Brasil.

Anselmo Duarte é um nome e uma carreira excepcional. Seu primeiro filme data de 1947, «Querida Suzana». Desde 1950 pertence à Vera Cruz, para a qual já fêz «Tico-Tico no Fubá» e «Appassionata». Atualmente está filmando «Sinhá Moça» e sua aparição em «Veneno», ao lado de Leonora Amar, marcará um dos pontos altos de sua carreira. Há pouco foi premiado com o «Oscar» brasileiro, o «Saci», como melhor ator de 1951.

Anselmo Duarte nasceu em 1920 na cidade de Salto, em São Paulo. E' solteiro, tem 1,87 de altura, olhos castanhos, pele clara e cabelos castanhos escuros. «Veneno» é o seu duodécimo filme. Além de ator, Anselmo Duarte é um estudioso

(Cont. na pág. 42)







TELAS DA

MARA MARU

Apesar de idealizado dentro de um plano perfeitamente cinemático, «Mara Maru» redundou em um filme que não é completamente bom, nem completamente mau. Ficou no meio-têrmo perigoso de tôda película em que a encenação supera o enrêdo e se êste aqui é raquítico, pueril e inconsistente, a encenação, sobretudo no têrço final, é coifada de exageros os mais irritantes. E quando as coisas no cinema chegam a ser exageradas ficam efetivamente muito exageradas. Para uma história banal de fita seriada, de um grupo ambicioso organizado para reaver uma cruz de diamantes perdida no fundo do mar, o diretor Gordon Douglas usou um tratamento grandiloqüente, bombástico e piegas, procurando tirar de elementos puramente formais e decorativos alguma coisa impossível de ser conseguida de um tema frágil como êsse. Além disso a narração na primeira metade do filme é falha e vacilante. E o resultado é que uma artista do quilate de Ruth Roman, que pouco tem a fazer no filme, naquele trecho não faz absolutamente nada, enquanto Errol Flynn se esforça o tempo todo para levar a sério um assunto julgado por êle próprio indefensável.

Mas o filme não é completamente mau por que, de resto, é uma produção endereçada a um determinado público que se satisfaz com emoções violentas mesmo à custa de inverossimilhança. Sob êste aspeto, — justiça seja feita — «Mara Maru» não nos permite entrar em cochilos, o que significa uma etapa vencida.

LÍVIO DANTAS



NA VORAGEM do VÍCIO

Foi George Stevens o produtor e o diretor de uma das maiores obras do ano em vigor temático e em vigor formal: «Um Lugar ao Sol», uma das poucas obras em que se entrosem, orgânica e harmônicamente, a Forma e o Conteúdo numa síntese perfeita. O Conteúdo dando vigor à Forma, evitando que ela fique fresca e levemente flutuando na «arte pura», a Forma dando fôrça de penetração ao Conteúdo, evitando que êle se perca sufocado por falta de expressões e têrmos incisivos e à sua altura.

Muito se fala de que Stevens em «A Place in the Sun» (de Theodore Dreiser) muito se valeu do cenário feito por Eisenstein para a mesma Paramount, quando de sua estada nos Estados Unidos. Baseado ou não no mestre da montagem, o fato é que Stevens deu um dos maiores impulsos criadores à montagem que, desde os tempos de Eisenstein, Pudovkin e seus seguidores, estava estagnada, na concepção de sinfonia visual pregada mas não realizada integralmente. Baseando-se ou não na adaptação de Eisenstein, o fato é que Stevens aplicou-a à própria arquitetura da obra, dando à **fusão** (uma das expressões que nenhuma outra arte possui, conforme escreveu certa ocasião Louis Jouvet), lenta ou curta, dupla ou tripla, contrastada ou uniforme (de ângulos e iluminação), possibilidades imensas, não só como pontuação cinematográfica mas como linguagem cinematográfica. E' assim que Stevens, sem abandonar um ambiente, lembra simultâneamente um outro, que logo se dilui numa fusão.

E a sua fôrça como realizador prova-a Stevens trabalhando esta história convencionalíssima, fechada a qualquer tentativa de aprofundização e ampliação quer de bases, quer de estrutura.

Cercado por convenções e lugares comuns, Stevens venceu-os simplesmente através da forma de resolvê-los e realizá-los. E esta forma de realizar, êste seu estilo (Stevens é agora um dos poucos que possui um estilo próprio), que em «Um Lugar ao Sol» já era grande, surge aqui simplesmente surpreendente. Êle supre tôdas as fraquezas do **script**, a base do tratamento, numa atitude formalista mas justificada, como entretanto não acontece com Hitchcock, «virtuose» sòmente. E no tratar uma obra, Stevens (além de manobrar excelentemente com os atores) vale-se de dois recursos essencialmente cinematográficos: fotografia (câmara: angulação, planos, iluminação e movimentação) e montagem. Daí podermos dizer que Stevens é um **cineasta** 100%, um oponente à altura de um cine-teatral Anthony Asquith, numa atitude estética consciente e basificada (e compreendível, pois Stevens começou como «camera-man»).

Em «Voragem do Vício» Stevens faz coisas fabulosas com as fusões: faz ações simultâneas e paralelas factualmente simultâneas e paralelas, dando à obra uma amplitude e uma movimentação de Tempo, Espaço e Lugar, numa vigorosa oposição às unidades teatrais pregadas por Aristóteles.

Mas uma fusão não vive sòzinha, ela se alimenta e se ampara no material fotográfico de que se compõem as duas seqüências. Daí o capricho de Stevens com a composição e angulação da tomada e com o próprio conteúdo do quadro.

Cineasta puro, Stevens maneja com grande habilidade os «closes» e os «big-closes» (artifício também exclusivo de cinema), revivendo igualmente aquêle estilo do cinema mudo, que consiste no aproveitamento dos diversos planos dentro do quadro, valorizando sempre o primeiro plano com uma intenção psicológica, dramática e emocional, mas continuamente respondendo com a réplica visual — o contraplano (take tomado em posição oposta ao anterior).

Sabendo utilizar-se magnificamente do movimento interno do quadro (o elevador de grades que sobe, mas a câmara fica parada) Stevens, entretanto, demonstra saber manejar brilhantemente com o movimento externo, isto é, o **travelling**. No epílogo, quando Joan Fontaine diz no teatro as frases que são a tese do filme, a câmara abandona-a no palco e sai «voando» pela assistência envôlta na penumbra, num movimento típico de pássaro, inclinado, quebrado, planado, até encontrar os personagens sentados na platéia e enquadrá-los num «close» epilogador.

Entretanto, o ritmo produzido pelas fusões, lento, inexorável, típico de coisa que existe, fermenta e vai explodir, que em «Um Lugar ao Sol» era funcional dado o clima de tragédia grega que emana da obra, êste ritmo e esta lentidão, aqui, ficam deslocados dadas as côres diluídas e pouco trágicas do argumento.

Grandes desempenhos de Ray Milland e Joan Fontaine.



EPOPÉIA TRÁGICA

Uma semana depois daquele maravilhoso «Ímã Encantado», temos novamente Charles Frend entre nós trabalhando um tema, um gênero e um estilo completamente distinto daquele anterior mas, com isto, demonstrando o grande cineasta que êle, sem dúvida alguma, é.

Desta feita, vemos o semidocumentário orientado para as suas metas, livre por fim daquele servilismo aos filmes político-policiais que dêle se serviam sòmente para as vertiginosas perseguições em automóvel e para as menos rápidas em noturnas ruas molhadas. Finalmente, temos o semidocumentário (filho e pai do neo-realismo), usando e pondo em evidência as verdades da realidade, (mesmo que ela seja longínqua e irreal como o é a do polo Sul) e não valendo-se de suas côres visceralmente verossímeis para impingir uma realidade inverídica, como tem acontecido com os filmes policiais acima-citados.

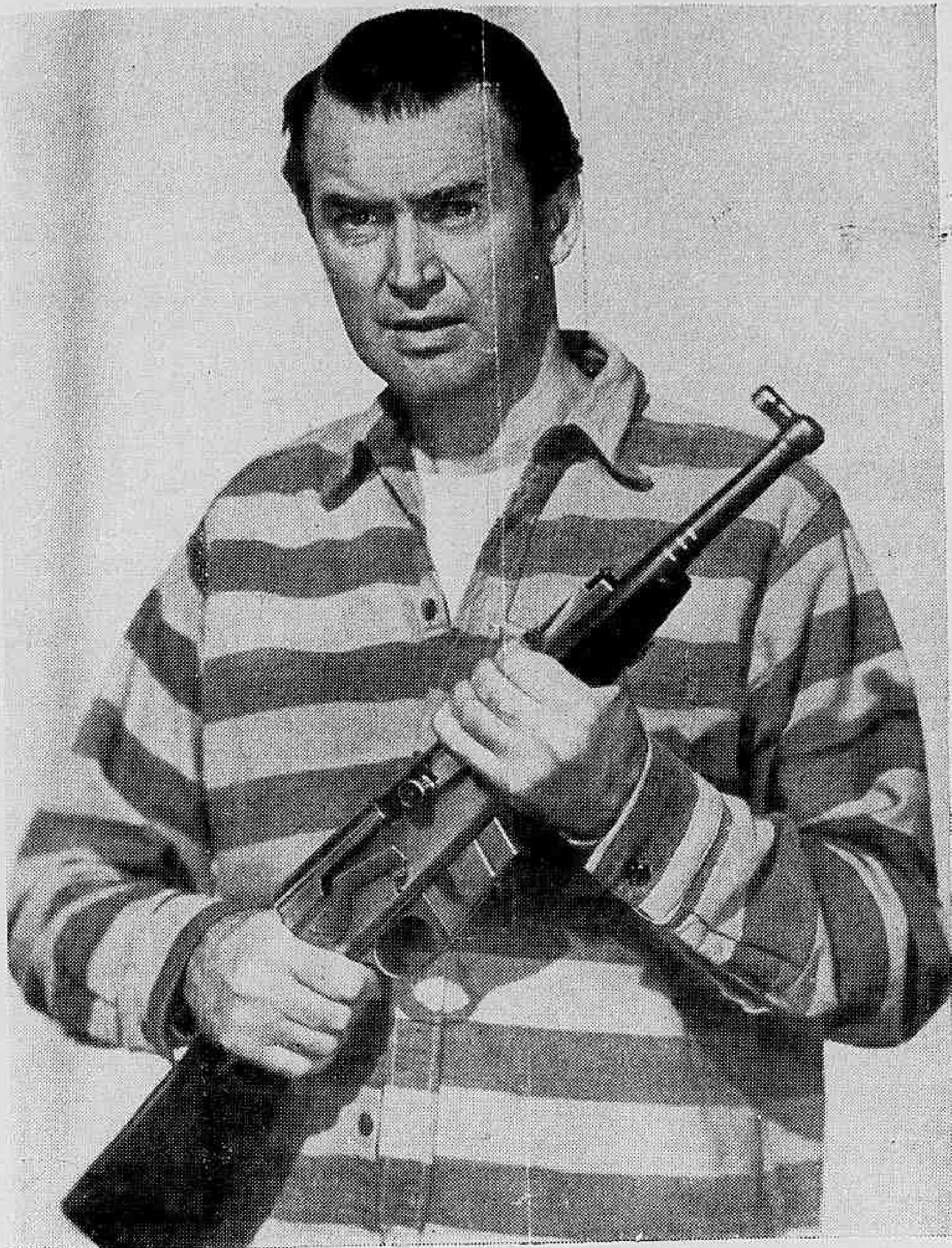
Aqui, Frend usa, evidentemente, o documentário menos como atitude estética, mas principalmente como constatação científica de uma realidade. E o vigor do Frend como cineasta reside justamente no fato de que usando e jogando quase que exclusivamente com fatôres e acontecimentos científicos êle desenvolve conflitos, êle cria drama, êle transmite emoções muito mais profundas do que o mero suspense aventuresco.

Uma fotografia em côres, funcionalíssima (realizada por três fotógrafos e três «camera-man») ampara devidamente o grande senso de cinema de Charles Frend, cuja linguagem é sobretudo visual e onde a banda sonora de ruídos naturais é utilizada ao máximo, justamente para explorar dramàticamente os elementos geográficos, térmicos e físicos do ambiente.

Um pouquinho do espírito britânico de descobrir novas terras e uma pitada de colonialismo e imperialismo sobrenadam sòmente à vista de um espectador mais avisado. Mas a introdução de um simpático cientista russo na expedição e que dança uma viril dança cossaca dá um belo efeito de fraternidade universal que aliás hoje só se encontra em livros e em alguns poucos filmes.

CIDADE

ALBERTO DINES



DUPLA REDENÇÃO

Foi menos o nome do diretor Richard Thorpe (tipo do nome que é prêsa fácil para os mais infames trocadilhos) e mais o do cenarista Art Cohn que nos atraiu para esta produção da Metro. Para o leitor desprevenido, êste nome talvez nada signifique, mas o fato de citarmos que foi êle quem escreveu a cenarização de «Set-up» («Punhos de Campeão», de Robert Wise) extraída de um poema é uma credencial. E o nome de Cohn figurando em qualquer «crédito» já é um crédito indiscutível.

«Dupla Redenção» é um dêstes filmes em que se pode perfeitamente dissecar com um bisturi o grosseiro e nítido ponto onde o filme cai fragorosamente, não na sua construção fílmica e tratamento mas, sobretudo, na sua estrutura literária — o cenário. E' exatamente no momento em que o prisioneiro resolve ser bonzinho e ao seu carcereiro se confrange o coração e lhe permite gozar direitos especiais e construir sua carabina, é neste ponto que o filme, que vinha se armando convincentemente sob todos os pontos de vista, desaba irremediàvelmente. E' quando o prisioneiro volta da licença de 24 horas, cinco minutos antes de terminar o prazo e o carcereiro suspira: — «Eu sabia que êle voltaria!», que se localiza precisamente a queda. Daí então tudo corre às mil maravilhas, desde o empenho do carcereiro em ajudá-lo, até o êxito de sua carabina e comutação da pena de prisão perpétua. Fica assim diluída a fôrça inicial da obra que, apesar de velada, consegue pôr em evidência o desajustamento daquele jovem que se inicia na vida e que para atingir seus fins — vencer — não distingue os meios a empregar. Lògicamente ingressa em atividades ilegais, é prêso por um crime que não cometeu e, mais tarde, condenado, graças à eficiência daquela balança que aquela mulher volúvel como tôdas as mulheres chamada Justiça, carrega eternamente desequilibrada. O vigor no narrar o sistema penal americano, que explora ao máximo a delação e a traição entre os presidiários, o sistema de correção penal, tudo isto fica perdido por que no meio surge um capitão bonzinho e tôda a justificada revolta do personagem desaparece depois que êle descobre um novo tipo de fuzil. Aí êle se torna obediente, e tudo então corre às mil maravilhas. O espectador sai satisfeito com o «happyend» mas nós saímos revoltados com a tese e a «moral» que Art Cohn enuncia e prega aos presos de todo o mundo, aos que sofrem por trás das grades por que roubaram ou mataram pouco e poucos: «Se quiseres ter pena comutada, inventa um rifle automático!...»



VIVA ZAPATA

O fato de que a película foi proibida no México e repudiada por historiadores e conhecedores, como sendo inverídica historicamente, isto já lhe tira tôda fôrça de grande obra. Sendo uma obra mentirosa como a taxaram (colocamo-nos na posição de transmitir o que personalidades abalizadas opinaram sôbre o assunto), ela nunca poderá atingir a grandiosidade artística (Eisenstein, entretanto, genial, conseguiu extrair a verdade da mentira e realizou uma obra convincente històricamente — Ivan, o Terrivel — pois todos sabem que o grande rei russo não foi só aquilo que Eisenstein pintou, êle foi igualmente um carrasco impiedoso, intolerante e cego, sendo isto, porém, esquecido em proveito de seus lados positivos).

Ao pintar erradamente êste grande revolucionário mexicano que foi Emiliano Zapata, Steinbeck (o grande escritor que cenarizou a história) e Kazan (o diretor) não fizeram mais do que caricaturar. E uma caricatura, uma deformação, um decalque mentiroso não são formas de se fazer Arte.

Procurando, entretanto, sermos o mais possível ecléticos e sem **apriorismos**, entraremos nos méritos da obra, abstraindo êste fato inicial.

Pátria das revoluções, o México é fascinante não só por sua beleza selvagem, mas pelos violentos contrastes de suas civilizações, gente e terras. Ao lado do azteca calmo e pacato, fervilha o espanhol inquieto, irrequieto, apaixonado e brusco. Ao lado daqueles burricos saídos das páginas do Velho Testamento, empinam e corcoveiam fogosos cavalos espanhóis. Ao lado de elegantes e esbeltas palmeiras, retorcem-se cactos espinhosos. E êstes contrastes externos condicionam contrastes mais profundos e subjetivos e paralelamente, fusões e caldeamento dêstes contrastes co-habitando intactos em sêres, civilizações e terras. A tal ponto é fascinante o México e sua história que o grande conesta russo Sergei Eisenstein ficou seduzido por êle e escreveu e realizou uma **sinfonia documentária**, «Tempestade sôbre o México» (ou «Viva Mejico», etc.) e foi êle, um eslavo, quem influenciou aquêles dois cineastas mexicanos Fernandez-Figueroa na sua forma vê-lo, retratá-lo e amá-lo. Steinbeck também já fêz uma bem sucedida incursão ao México ao escrever «La Perla», que Fernandez-Figueroa realizaram esplêndidamente.

Kazan, apesar de sua aparente imunidade teatral a êste fascinante brilho externo, interessou-se pelo brilho interno daquele país e acabou pintando aquêle brilho externo como conseqüência da íntima ligação entre a «forma» e o «conteúdo» mexicanos. Abstraindo aquêle fato inicial, Kazan foi por diversas vêzes à profundidade da alma e da civilização mexicana. Não só na construção dos personagens, gente altiva, fogosa, amorosa, explosiva, porém pacata e carinhosa, mas captando uma série de realidades mexicanas. Não o abandona um tom épico que naquela seqüência da libertação de Zapata é genial, é o que

(Cont. na pág. 42)





Mário Sérgio é o galã do filme de Luciano Salce: «Uma Pulga na Balança», da Vera Cruz. Ei-lo contracenando com Daniel Câmara na comédia de Carpi, fotografada por Lombardi

ATRÁS DAS CAMERAS

Por MR. TAKE

Ouvimos no beco do inferno, que Gino Palmezano, vai voltar a fazer filme; desta vez com um argumento da vedete, José Desdemôna Maria.

★

Já que estamos falando de novos filmes, vamos registrar também a notícia de que o poeta Vinicius de Moraes, está preparando um argumento para ser dirigido por Alberto Cavalcanti.

★

Hugo Barcelos, cronista do «Diário de Notícias», também está fazendo o seu «script», o qual pretende dirigir também.

★

Alex Viany está ultimando os últimos retoques no seu novo filme.

★

José Lewgoy, ficou danado da vida com o Leon Eliachar por aquela reportagem da «Manchete». De fato o rapaz tem razão.

★

O filme mexicano-brasileiro, com Ninon Sevilla, está causando furor nos meios artísticos astecas. Calderon seu produtor, pretende iniciar outro o mais depressa possível, e para isso já convocou o nosso amigo Vadeco.

★

Grande Otelo, é o grande favorito no páreo do «melhor ator de 52», pelos catedráticos do Clube de Cinema do Rio de Janeiro.



NOTÍCIAS e COMENTÁRIOS do CINEMA NACIONAL

Por JUSTUS

NECROLÓGIO:

Salviano Cavalcanti de Paiva morreu

Nasce Brooklin Jack que, como acontece nas espécies animais inferiores — devorou e tragou aquêle que o criou. Aquêle jovem honesto desapareceu, ficou velho, decrépito, casou-se com a sordidez dêste mundo e morreu. Disto nasceu Brooklin Jack, mau, perverso, que remorde na obscuridade seus complexos, seus recalques, suas frustrações, sua fossilização, seu fedor de coisa que nasceu morta, de coisa que nem mais sabe amar. E' pena que Salviano tenha morrido, êle tinha valor, nem precisava daquelas auto-afirmações de que êle se valia últimamente quando agonizava. Brooklin Jack é medíocre, covarde, é inculto, tornou-se até um anti-semita com a mesma raiva cega que caracterizou os seus amigos nazistas. Brooklin Jack é o americano moderno, estúpido, meloso, fraco, intolerante e insensível às coisas belas, puras, honestas.

Salviano Cavalcanti de Paiva morreu. Que a sua alma descanse na PAZ que, em vida, coitado, não lhe deixaram gozar. E tudo por que um amigo esqueceu-se de cumprimentá-lo!...

NOVIDADES — Alex Vianny, um dos fazedores de boas e auspiciosas notícias no cenário cinematográfico nacional, depois de um ligeiro período de calma, quando filmava seu «Agulha no Palheiro», volta agora com algumas novas. Conta êle que dentro em breve filmará «Estouro na Praça, argumento, cenarização, diálogos e direção dêle mesmo. O nome do produtor êle ainda conserva em segrêdo. No elenco um fato inédito: Jackson de Sousa contracenará, pela primeira vez, com seu pai, o ator Modesto de Sousa. Grande dupla. Soube-se também que Jackson será igualmente o assistente da fita. Enquanto isto, Alex Vianny trabalha com Wanderley como diretor de produção. Parabéns a todos por estas boas notícias.

FINALMENTE — Depois de muita espera por oportunidade que não vinha, Herval Rossano, finalmente, foi chamado para fazer o papel romântico do filme de Wanderley «Balança Mas Não Cai», contracenando ao lado de Marlene, que queria a todo custo colocar no papel seu marido Luís Delfino. Mais parabéns.





←

AURÉLIO TEIXEIRA — Este rádio-ator da Tamoio, pertence também ao cinema nacional. Depois de aparecer nos filmes: «Destino» e «Hóspede de uma noite», êle vem aí em mais duas películas: «Amei um bicheiro», onde Aurélio faz o papel de «Cicatriz», um capanga de José Lewgoy; e «Pegando Fogo», filme carnavalesco onde aparece como «Hercules», um grande lutador de Judô, que dá boas surras em Oscarito

GEORGE SANDERS FOI CANTOR de TEATRO

JAMES ARTHUR

Fomos encontrar George Sanders esparramado numa cadeira de lona, durante um intervalo das filmagens de «Ivanhoé, o Vingador do Rei», película rodada nos estúdios britânicos da Metro-Goldwyn-Mayer. O festejado artista parecia fatigado, sob a pesada indumentária de malha, ostentando imponente barba normanda.

«Voltei da Itália há pouco tempo, sabe?», disse êle com respiração arrastada. «Fizemos lá «O Milagre do Quadro». Se eu estivesse usando na Itália esta roupa e êste disfarce, decerto que teria chegado aqui carregado. Aquêle sol italiano não é nada sopa, meu velho. Por Deus, estive com o rosto limpo o tempo todo em Roma».

A barba e a cabeleira formidáveis que ajudaram Sanders a personificar Brian de Bois-Guilbert, o implacável vilão tipo Século XII de Sir Walter Scott, representaram um pedido entre os milhares que foram feitos ao departamento de costumes e maquilagem dos estúdios da M.G.M. da Inglaterra. O elenco de «Ivanhoé, o Vingador do Rei» foi um dos mais importantes já verificados na história do cinema inglês. De parceria com Sanders nos desempenhos centrais estiveram Robert Taylor, Joan Fontaine, Elizabeth Taylor e Emlyn Williams.

Embora tendo que abandonar o fôfo leito do elegante Hotel Savoy, de Londres, ao romper do dia e enfrentar uma viagem aos estúdios M.G.M., distantes 18 milhas da grande metrópole, Sanders encontrava compensações durante seus árduos trabalhos.

«Meus pais têm passado a maior parte de suas vidas na Inglaterra», disse êle. «Costumo passar meus fins-de-semana na casa dos «velhos» em Surrey. Fica a menos de uma hora de viagem. Sento-me na varanda, contemplo a paisagem, e às vêzes jogo um pouco de «croquet».

«Minha mãe já foi horticultora de nome», prossegue o artista. «Hoje em dia não se dedica muito à jardinagem. Naturalmente, na Inglaterra todo mundo é jardineiro amador.

O solo britânico é muito familiar a Sanders. Freqüentou o Brighton College de Londres, com suas duzentas libras de músculos sagrou-se campeão de box num torneio escolar, e certa vez salvou um homem de morrer afogado no Tâmisa.

Pretendeu, desde o início, ingressar no negócio de têxteis, mas ficando sem dinheiro durante os anos de depressão, com a conseqüente escassez de empregos, voltou a atenção para o teatro, para o qual sempre tivera tendência. Dentro de um ano obteve dois papéis de relêvo.

Hollywood fêz-lhe uma oferta e êle não a recusou. Marcou sua estréia na qualidade do marido ciumento de Madeleine Carrol em «Lloyds de Londres». Fêz uma série de filmes do «Santo» e conseguiu alguns de seus maiores triunfos com «The Moon and Six Pence», «The Lodger», «Hangover Square», «Samson and Delilah» e «All About Eve». Êste último filme foi o veículo para que êle fôsse contemplado com um prêmio da Academia pelo melhor trabalho de coadjuvante masculino em 1950.

Possuidor de bela voz de barítono, George Sanders trabalhou em revistas nos palcos londrinos. Rodgers e Hammerstein quiseram que êle assumisse o papel principal masculino na peça «South Pacific» da Broadway, porém o importante «Ivanhoé, o Vingador do Rei» não lhe deu margem a nenhuma consideração à proposta.

O excepcional físico e a desenvoltura atlética de Sanders foram fatôres parciais na decisão do produtor Pandro S. Berman de oferecer-lhe um dos desempenhos centrais em «Ivanhoé, o Vingador do Rei». Sanders sabia de antemão que o papel, com os violentos duelos de cavaleiros e lutas de espada individuais num castelo sitiado, seria um dos mais fisicamente exaustivos que se pudessem imaginar. Não obstante, encarou-o com otimismo e, com a ajuda dos gostosos quitutes de sua progenitora, servidos na varanda durante os fins-de-semana, não chegou sequer a perder uma libra em seu pêso. Entretanto, admite que não quererá saber, por muito tempo, de papéis em que tenha de usar barba e montar a cavalo.

Robert Taylor desempenha o papel-título da produção em que também aparecem Elizabeth Taylor e Joan Fontaine. Richard Thorpe foi o diretor.



George Sanders, no papel de Bois-Guilbert, em «Ivanhoé, o Vingador do Rei»



Outra cena de «Ivanhoé, o Vingador do Rei», em que aparece Sanders

AMARALINA

(O famoso tônico capilar descoberto e industrializado na Bahia)

JÁ SE ENCONTRA A VENDA EM TÔDAS AS FARMÁCIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS. SE, ENTRETANTO, NÃO EXISTE NA SUA CIDADE, NÃO PERCA TEMPO PEDINDO IMEDIATAMENTE PELO REEMBÔLSO POSTAL

O PREÇO DE "*AMARALINA*" É, EM QUALQUER PARTE DO BRASIL, DE CR$ 35,00 E PELO REEMBÔLSO POSTAL CUSTA CR$ 45,00, LIVRE DE PORTE.

"*AMARALINA*", CERTEZA ABSOLUTA DE QUE OS CABELOS TORNARÃO A NASCER. NA PARALISAÇÃO DA QUEDA DE CABELOS É FRANCAMENTE EXTRAORDINÁRIO ÊSTE PRODUTO DESCOBERTO POR BRASILEIRO E FABRICADO COM ERVA NACIONAL. CENTENAS DE PESSOAS ATESTAM SUAS NUNCA IGUALADAS QUALIDADES.

Pedidos a **M. M. BURLE & CIA. LTDA.**

AVENIDA RIO BRANCO, 137 — SALA 616.

OS PEDIDOS PARA O DISTRITO FEDERAL DEVERÃO SER DADOS PELOS TELEFONES: 32-9415 e 32-9309

Mais 2 grandes da Universal

BREVE EM LANÇAMENTO!

NOVAMENTE JUNTOS...

os GRANDES de "O PRÍNCIPE LADRÃO"



UNIVERSAL-INTERNATIONAL apresenta

Tony **CURTIS**

Piper **LAURIE**

em

"O FILHO de ALI BABÁ"

("SON OF ALI BABA")

em TECNICOLOR

com

SUSAN CABOT · WILLIAM REYNOLDS · VICTOR JORY



Direção de KURT NEUMANN

Produção de LEONARD GOLDSTEIN





A GLÓRIA... A FÚRIA... E O IDEALISMO DOS HOMENS DE SANGUE!



Universal-International apresenta

JAMES STEWART · JULIA ADAMS

ARTHUR KENNEDY · ROCK HUDSON

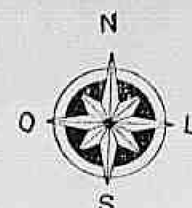
em

"... E O SANGUE SEMEOU A TERRA"

("BEND OF THE RIVER

Direção de ANTHONY MANN

Produção de AARON ROSENBERG



em Tecnicolor

Cine Mundial

ESTADOS UNIDOS

Se Vivien Leigh e Lawrence Olivier quiserem trabalhar juntos, em Hollywood, há um «script» à espera dêles intitulado «Elephant Walk». O produtor Irving Asher está convencido de que só aquêle casal dará à película a fôrça dramática que ela requer.

★

Depois que terminar «Julio Cesar» para a Metro, Marlon Brando irá trabalhar para a Columbia, sob a direção de Stanley Kramer, o homem que conseguiu trazer Marlon do teatro para o cinema. O filme será intitulado «Ciclist's Raid».

★

Marilyn Monroe terá que recobrir seu colo com diamantes em «Gentlemen prefer Blondes». Como se trata de Marilyn — e não de Jane Russell — é claro que poucos diamantes serão precisos para a função.

★

O filme que marcará a volta de Judy Garland ao cinema, «A Star is Born», será produzido por Sid Luft, marido da estrêla. Judy interpretará no filme uma seleção de lindas canções.



Audie Murphy apresenta a primeira fotografia do seu herdeiro: Terry Michael, de 4 meses. Sua espôsa é a ex-aeromoça Pamela Archer. Se vocês estão lembrados, Audie foi o soldado mais condecorado do Exército Americano e tornou-se «astro» cinematográfico quando se casou com a atriz Wanda Hendrix



Na Metro, Cary Grant recebe a visita dos seus amigos Miriam e Gene Nelson, durante um intervalo de filmagem de «Dream Wife», que está fazendo com Deborah Kerr. O casal tenta-o com maçãs, que Cary não pode comer por que deverá entrar imediatamente em cena...

«Main Street of Broadway» parece que será qualquer coisa de extraordinário. Pelo menos seu elenco inclui os nomes de Talullah Bankead, Olivia de Havilland, Faye Emerson, Lili Palmer, Agnes Moorehead, Henry Fonda e Cornel Wilde. O mais interessante de tudo é que o papel principal está nas mãos de uma artista pràticamente desconhecida: Mary Murphy.

★

Finalmente foram escolhidos os galãs de «Latin Lovers», filme que Michael Wilding não quis fazer e que Fernando Lamas muito quis, mas não conseguiu, por conveniência da estrêla, Lana Turner. John Lund e Ricardo Montalban são os substitutos de Wilding e Lamas.

★

Por uma questão de senso de ridiculo, Farley Granger não quis protagonizar «The Golden Blade», sendo por isso suspenso pelo estúdio. E' que Farley teria que usar na fita trajes orientais e êle leva muito a sério sua carreira para submeter-se a tal coisa.

ITÁLIA

«A Pele» é o próximo filme que Curzio Malaparte pretende realizar, integrado que ficou no mundo cinematográfico com seu discutido «O Cristo Proibido». O filme a ser realizado será calcado num romance do próprio Malaparte que também será o intérprete de sua obra.

★

A atriz Alida Valli fêz anunciar que tão cedo terminem as obrigações de seu contrato com o produtor David Selznick, abandonará definitivamente o cinema.

★

Em co-produção ítalo-francesa concluem-se nos estúdios romanos as últimas seqüências de «La voce del Silenzio», de G.W. Pabst, com interpretação de Jean Marais, Aldo Fabrizzi, Daniel Gélin, Cosetta Greco e Rossana Podestá.

★

Antes de voltar para Hollywood, onde deverá fazer um filme ao lado de seu espôso, o ator Richard Basehart, Valentina Cortese fará na Itália o filme «Lulu», com Jacques Sernas.



Gary Cooper está com cara de quem está mesmo «morrendo» de frio. Na verdade, êle não deve ter-se sentido muito bem, pois as cenas de neve de «Springfield Rifle» foram realmente filmadas nas montanhas geladas da Baixa California

COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — **Caixa Postal, 649 — São Paulo.**

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo

CONQUISTADOR IRRESISTIVEL... ★ ESPADACHIM INVENCIVEL!

O filme que vai fazer vibrar o Brasil inteiro!

★



A obra de Rafael Sabatini

Scaramouche

O HOMEM DAS MIL AVENTURAS

com

STEWART GRANGER · ELEANOR PARKER · JANET LEIGH · MEL FERRER

HENRY WILCOXON · NINA FOCH · LEWIS STONE · RICHARD ANDERSON

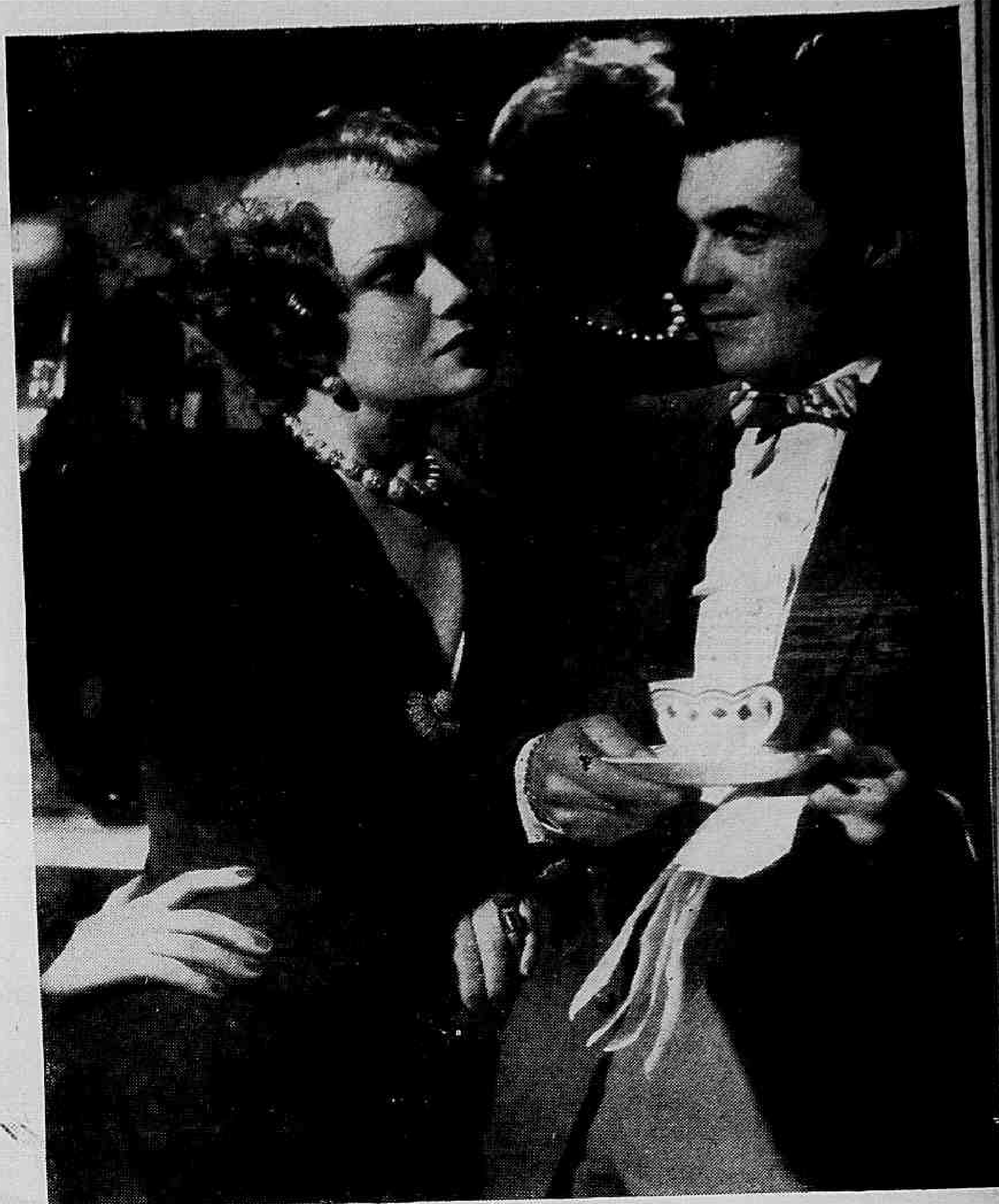
EM

TECHNICOLOR

DIREÇÃO DE GEORGE SIDNEY · PRODUÇÃO DE CAREY WILSON







(THE WOMAN IN QUESTION)

Argumento e Guia de John Cresswell — Produzido por Teddy Baird — Dirigido por Anthony Asquit. Filme Javelin — Distribuído pela Universal-International — Música original de John Wooldridge — Interpretada pela Orquestra Filarmônica — Dirigida por John Wooldridge — Direção fotográfica de Desmond Dickinson — Direção artística de Carmen Dillon.

Elenco: Astra, Jean Kent — Bob Baker, Dirk Bogarde — Catarina, Susan Shaw — Murray, John McCallum — Senhora Finch, Hermione Baddeley — Mr. Pollard, Charles Victor — Inspetor de polícia, Duncan Macrae — Lana, Lana Morris — Chefe de Polícia, Joe Linnane — Shirley, Vida Hope — Alfie Finch, Bobbie Scroggins — Barney, Duncan Lamont — Wilson, Anthony Dawson

"A MULHER FALADA"

Estemos na primavera. Era costume do pequeno Alfie (Bobbie Scroggins) fazer todos os dias a entrega do matutino a Senhora Astra (Jean Kent) que morava vizinho à sua casa, onde êle morava com sua mãe, a Senhora Finch (Herminione Baddeley). Ao invés de ser recebido como de costume com um doce, Alfie descobre horrorizado que a Senhora Astra jazia estendida na cama, estrangulada.

A polícia avisada, aparece o delegado Lodge (Duncan Macrae) para os devidos esclarecimentos.

Lodge interroga primeiramente a Senhora Finch, a qual declara que meses atrás e até recentemente Astra tivera sérios desentendimentos com sua irmã Catarina (Susan Shaw), acrescentando que no meio tempo Astra travara conhecimentos com o ator de variedades Bob Baker (Dirk Bogarde) que a havia convidado para participar de seus números de teatro. Terminou sua entrevista dizendo que no dia anterior os dois haviam dscutido acaloradamente com Catarina.

A seguir a polícia procura Catarina e esta alega que havia discutido com a irmã, repreendendo sua conduta irregular e condenando seu desprêzo para

(Cont. na pág. 42)





ART FILMS

OFERECE A MAIOR PRODUÇÃO DO ANO EM

16 m/m

E TERA' O MÁXIMO PRAZER
DE ATENDER PESSOALMENTE A V.S.
A RUA SENADOR DANTAS, 14 - 19º
RIO DE JANEIRO

OU PELOS FONES
42-6670
52-4772



UM FILME GRATUITO PARA VOCÊ!

DURANTE O MÊS
DA PROPAGANDA
DE 16 MM

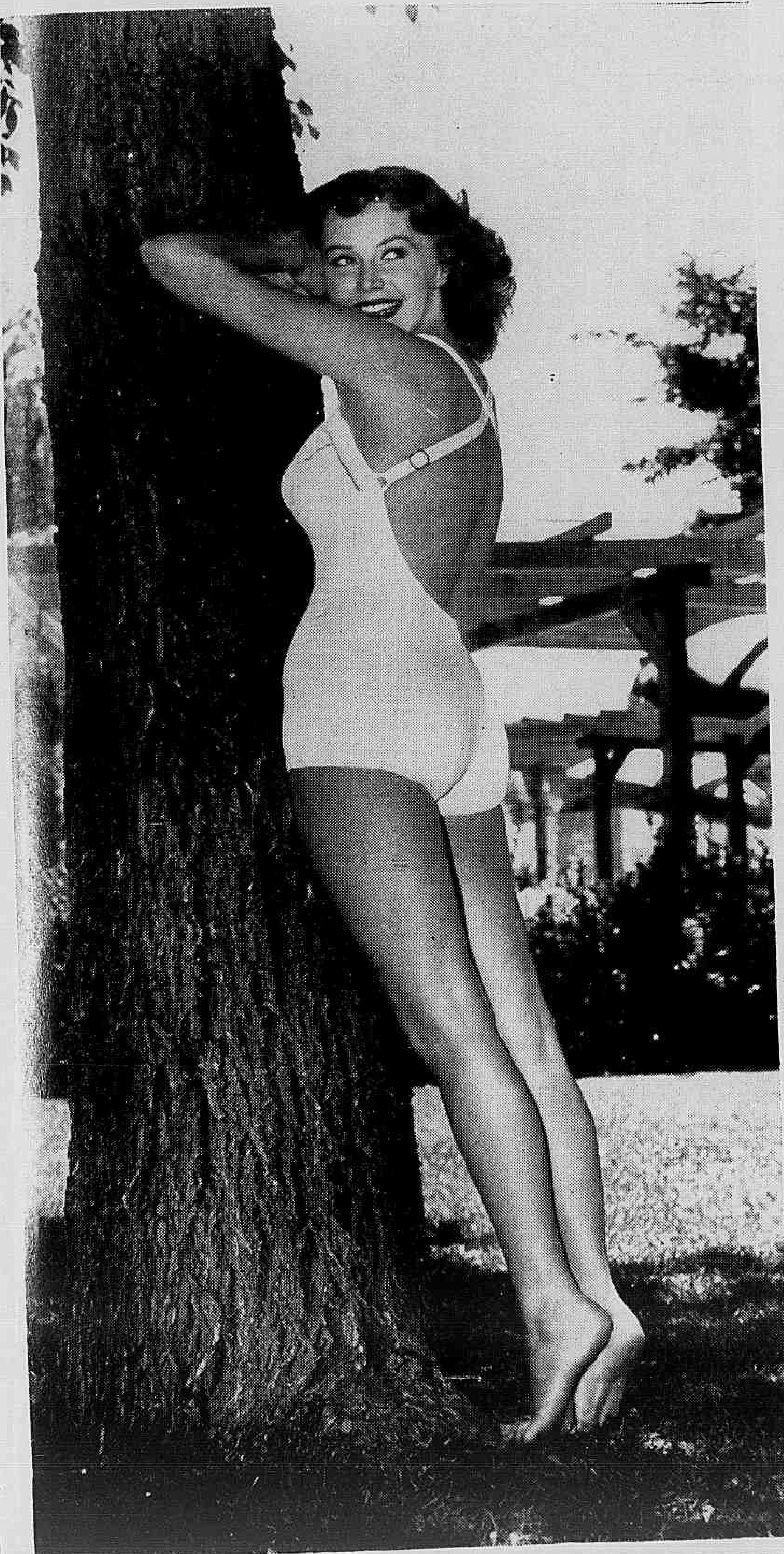
DE 15 DE DEZEMBRO A 15 DE JANEIRO
OS EXIBIDORES PARTICULARES TERÃO
UM FILME INTEIRAMENTE GRÁTIS
PARA CADA GRUPO DE 3 ALUGADOS!

OS ÚLTIMOS SERÃO OS PRIMEIROS...

Assim encara Rhonda Fleming a vitoriosa ascensão da sua carreira — Arrebatou o papel de "Cleópatra" a Paulette, Ava e Hedy — Grande amiga dos fãs brasileiros — Teria sido a substituta de Deanna Durbin no cinema — Continuará a carreira de cantora — Ainda que pareça incrível: foi derrotada num concurso de beleza!

Reportagem de **DULCE DAMASCENO DE BRITO**
(Correspondente de "A CENA" em Hollywood)

E' assim que os fãs gostam dela: tipicamente «pin-up girl», exibindo a admirável plástica que faz inveja em Hollywood





Em seu camarim nos estúdios da Columbia, Rhonda Fleming mostra à nossa correspondente as jóias que adornam suas suntuosas vestes de «Cleópatra»

Quando se fala em «estrêlas» glamourosas, em Hollywood, vem logo à baila o nome de Rhonda Fleming. Ao lado de Susan Hayward e Arlene Dahl, ela forma hoje o trio das mais belas ruivas da Meca do Cinema. Irônicamente, porém, no maior papel da sua vitoriosa carreira, Rhonda usará uma cabeleira postiça negra... Trata-se de «A Serpente do Nilo», uma nova versão da vida e dos amôres de Cleópatra, na qual Rhonda interpretará sua personagem favorita. Nos primeiros dias da filmagem do fabuloso tecnicolor de Sam Katzman, estivemos nos estúdios da Columbia, onde encontramos Rhonda Fleming — ou melhor, Cleópatra — confortavelmente instalada num divã de cetim dourado, saboreando apetitosos cachos de uvas, em companhia de Marco Antônio (Raymond Burr), enquan-

Kent, o filinho de Rhonda na vida real, faz a sua estréia cinematográfica neste novo filme da Columbia. Aqui o vemos, ao lado de William Lundigan, o galã de sua mãe em «A Serpente do Nilo»



a postura elegante, tudo na lindíssima «estrêla» sugeria a suntuosidade e o «charme» que se imagina para Cleópatra. Terminada a cena, Rhonda colocou-se à disposição de outra «Cena» — esta revista — convidando-nos a acompanhá-la até o seu camarim para uma conversa mais pessoal. Quando lhe falamos da sua rápida popularidade entre os fãs do Brasil, a «estrêla» não demonstra a menor surprêsa.

— Eu sei, — diz ela. — Das 50 cartas que recebo por dia, no mínimo 20 são procedentes do seu país. Gostaria que agradecesse, através da sua revista, o carinho dos fãs brasileiros, assegurando-lhes que já lhes quero muito bem por isso.

— E' verdade que você atende às sugestões dos fãs sôbre a sua pessoa, Rhonda?

— Sim... mas apenas às que considero sensatas!

— Por exemplo...

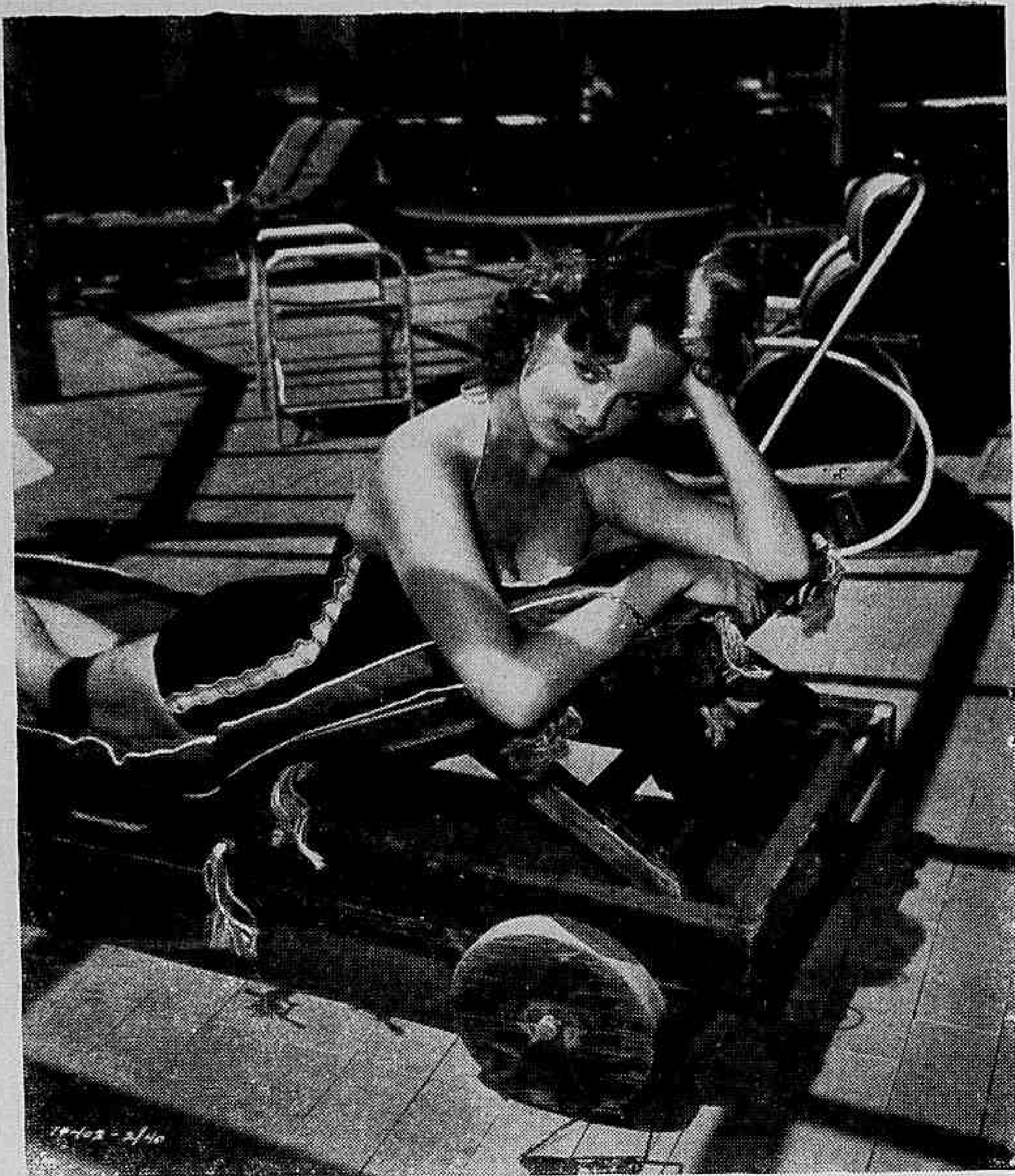
— Bem... vejamos: pedem-me que continue posando para fotografias de «pin-up girl» ou em atitudes glamourosas e, apesar da minha idéia de uma verdadeira atriz ser bem diferente, atendo-os para manter a minha popularidade.

nick em «Spellbound» e, apenas com aquela pequenina cena, como a neurótica do Sanatório, firmou-se como uma grande atriz dramática. O resultado forem os papéis de responsabilidade que recebeu em «Silêncio nas Trevas» e em «Fugindo ao Passado», que fêz na RKO. Finalmente, teve oportunidade de cantar em «Na Côrte do Rei Arthur», com Bing Crosby e ganhou um longo contrato na Paramount. Mas os produtores já não a queriam mais como atriz dramática ou como cantora, pois, ao vê-la em tecnicolor, descobriram que Rhonda possuía uma arrebatadora personalidade, com mais «glamour» do que qualquer outra mulher de Hollywood. E vieram os filmes coloridos de aventuras — justo pretexto para mostrar as qualidades físicas de Rhonda...

— Como vê, as minhas ambições de verdadeira atriz foram distorcidas em benefício da bilheteria, — confessa a «estrêla» à reportagem desta revista. — Mas... não me importo com isso, pois acho que o público é mesmo o esteio do artista de cinema.

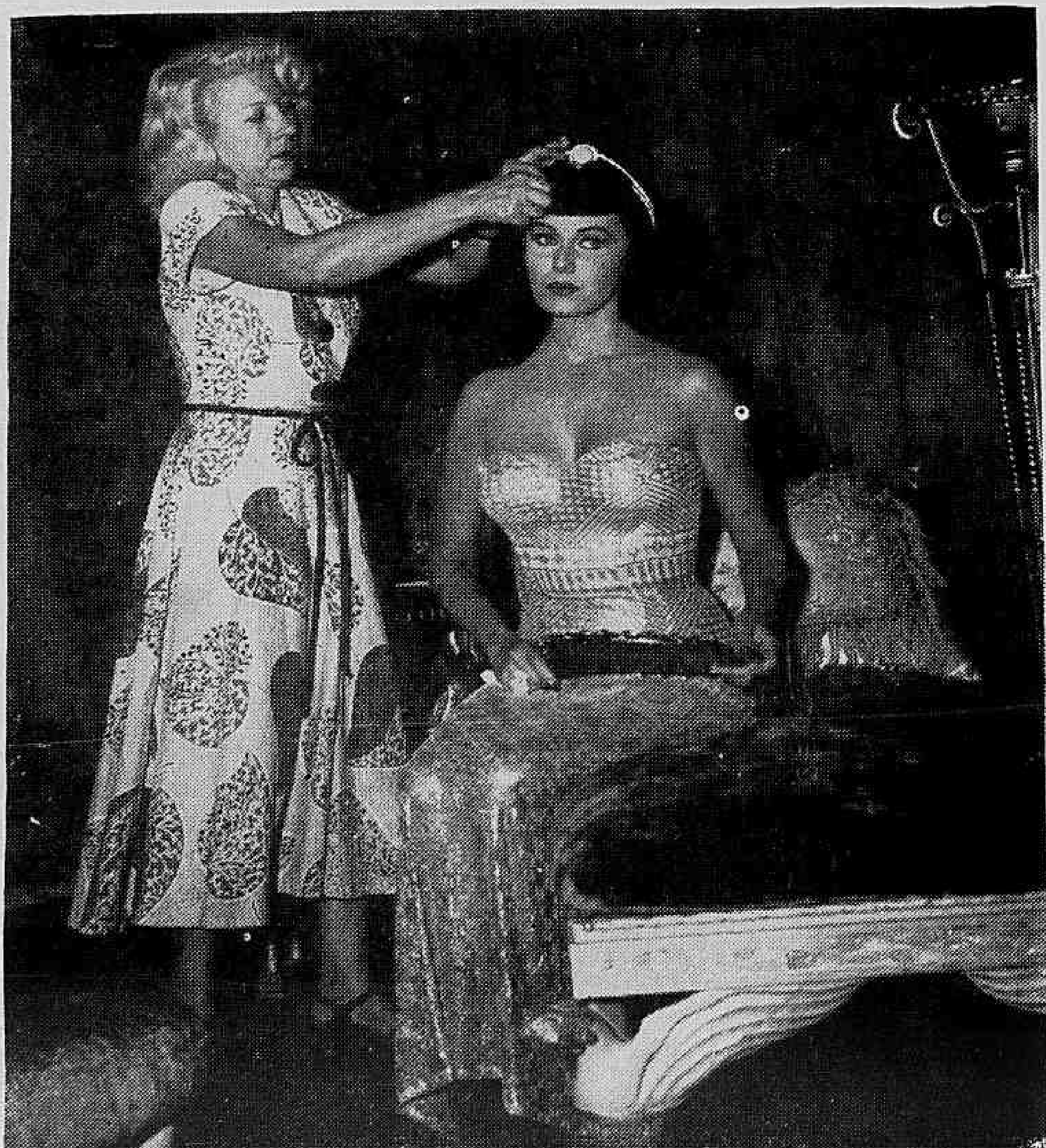
— E quanto ao canto, Rhonda? Desistiu da idéia?

— Não totalmente. Agora mesmo acabo de receber a visita do compositor Ray Gilbert, o qual ficou de preparar um bom grupo de canções para eu interpretar na minha estréia em um «night-club» de Las Vegas. Depois disso, pretendo aceitar um contrato do «Mocambo» para uma temporada de duas semanas e, em seguida, talvez faça um filme inteiramente musical.



Ao lado da piscina de sua luxuosa residência em Beverly Hills, a linda ruiva dos olhos verdes toma um banho de sol

to os súditos do Palácio acotovelavam-se por entre as gigantescas colunas de mármore, a fim de apreciarem melhor a luta de um furioso urso com um escravo egípcio. Apesar de tôda a imponência do «set» e do brocado das suas luxuosas vestes, recamadas de pedrarias, Rhonda salientava-se no ambiente como se realmente fôsse uma rainha. O rosto jovem e bem delineado, os grandes olhos verdes, as mãos aristocráticas e



Lotha Hippe, técnica no assunto, ajeita a cabeleira postiça preta com que Rhonda esconderá seus belos cabelos ruivos para poder ser a «Cleópatra» de «A Serpente do Nilo»



Há pouco mais de um mês, o dr. Lew Morril tomou o seu avião particular e voou para Kanab, Utah, onde Rhonda estava filmando «in location» e, o resultado, foi um casamento em pleno deserto. Ele pertence à alta sociedade de Los Angeles e diz que Rhonda foi o seu primeiro e único amor

Rhonda acende um cigarro e rememora que, ao se iniciar no cinema — naquela sensacional «ponta» em «Quando fala o Coração», que arrebatou o público e a crítica — pretendia seguir as pégadas de Ingrid Bergman ou, então, ser «estrêla» de operetas. Pouca gente sabe que ela possui uma linda voz de soprano e que foi descoberta pelo agente Henry Wilson para... substituir Deanna Durbin, quando a popularidade da «estrelinha» da Universal começou a declinar e os demais estúdios de Hollywood resolveram apresentar novas cantoras. Assim, a estréia de Rhonda no «écran» não foi em «Spellbound», como se pensa, e, sim, numa outra «pontinha» na cena final de «When Strangers Marry», da Fox, com Dean Jagger e Kim Hunter, o qual cremos não ter sido exibido no Brasil.

— O filme foi um fracasso, — conta Rhonda — e nem meu nome constava no elenco. Só o assisti agora que o estão projetando na televisão...

Nada obtendo de importante na Fox, Rhonda foi aproveitada por Selz-

Rhonda casou-se há pouco tempo com o dr. Lewis Morrill, da alta sociedade de Los Angeles e, durante a elegante recepção que se seguiu à cerimônia, ela interpretou a canção «It's a Bright New Wonderful World», que foi aplaudidíssima. Apesar de especializar-se no gênero popular, Rhonda é grande apreciadora do clássico, adorando as sinfonias de Beethoven. Por mais incrível que pareça, foi este um dos motivos do seu divórcio do primeiro marido — o advogado Thomas Wade — que não compreendia a admiração da espôsa pela boa música... Dêsse frustrado matrimônio, Rhonda tem um filho de 7 anos.

HOLLYWOOD BOULEVARD

POR DULCE DAMASCENO BRITO

(Correspondente de A CENA em Hollywood)



A «PIN-UP» DA SEMANA: — RITA GAM é a «pin-up» de hoje, embora suas vestes não estejam muito de acôrdo com os nossos propósitos. Acontece que a conhecida atriz da TV americana está causando verdadeiro furor com a sua estréia cinematográfica em «The Thief», o filme «sem diálogos», com Ray Milland. Os fãs americanos dizem que com u'a mulher assim ninguém precisa mesmo de palavras...

A maior ironia do momento é que Lana Turner tem sido vista freqüentemente com Lex Barker, enquanto que seu ex-noivo Fernando Lamas janta tôdas as noites com Arlene Dahl, ex-sra. Lex Barker... Por falar em Lana, ela iniciou esta semana a filmagem de «Latin Lovers», que tem cenas passadas no Brasil e na Argentina. Ricardo Montalban substituiu Lamas como galã e John Lund foi contratado para o papel recusado por Michael Wilding que, a propósito, continua suspenso pela Metro...

★

Keefe Brasselle interpretará o papel de Eddie Cantor no filme «The Cantor Picture», biografia do famoso comediante «dos olhos grandes», que a Warner iniciará ainda êste mês. Cogita-se, no momento, de uma atriz para ser a heroína, Ida Cantor. A exemplo de Larry «Al Jolson» Parks, Brasselle terá Cantor atrás das câmaras cantando tôdas as canções...

★

Janet Leigh perdeu quase 7 quilos desde que se casou. Não que Tony Curtis a esteja tratando mal ou coisa parecida, mas é que a linda lourinha descobriu que sofre de colite, encontrando-se no momento em sério tratamento num hospital de New York. O último filme de Miss Leigh foi ao lado de seu marido: «Houdini», biografia do grande mágico, para a Paramount.

★

Larry Crosby, irmão de Bing, está planejando um grande tributo à memória de sua cunhada Dixie Lee, recentemente falecida: um Hospital com o nome de «Dixie Lee Foundation», cuja missão será pesquisar sôbre o câncer e tratamento gratuito da terrível moléstia.

★

E Ava Gardner continua nas manchetes dos jornais americanos. Agora é a notícia de que a lindíssima sra Frank Sinatra apanhou a menos romântica das doenças — desordem intestinal — quando filmava «Mogambo», na África, com Clark Gable. Ava teve que ser transportada para Londres, a fim de submeter-se a intenso tratamento médico e recuperar os 5 quilos que perdeu durante a moléstia.

★

O produtor Jerry Wald, da Columbia, está tentando obter Raymond Massey para ser o «Reverendo Davis» da sua versão musical de «Chuva», na qual Rita Hayworth fará o papel de «Sadie Thompson». Se tudo sair como Wald espera, o filme será produzido em 3ª dimensão pelo novo processo da «Natural Vision», que acaba de realizar «Bwana Devil».

★

Shelley Winters disse que se o bebê que está esperando fôr menino, será chamado Guido e, se fôr menina, terá o nome de Guida. Sugestão do marido Vittorio Gassman...

★

Corinne Calvet ainda não iniciou o processo que ameaçou de mover a Zsa Zsa Gabor (Sra. George Sanders), por ter esta afirmado não ser ela uma autêntica francesa. «Estou apenas a espera dos certificados de nascimento de tôda a minha família!» — declarou Corinne, enquanto o crítico Sidney Skolsky escreve: «Após assistir a «What Price Glory», tudo o que posso dizer é que se «La» Calvet não fôr francesa, ela é a maior atriz do mundo desde Sarah Bernhardt...»

★

A Metro está planejando refilmar «A Carne e o Diabo» — cuja versão silenciosa em 1927 deu fama a Garbo e John Gilbert — com Ava Gardner, Ricardo Montalban e Fernando Lamas, sob a direção de Clarence Brown.

★

Paulette Goddard chegou da Europa para estudar na Paramount as novas cláusulas do seu contrato e, no mesmo dia em que desembarcou, foi contratada por Sol Lesser para ser a «estrêla» de «Harness Bull», com Edward G Robinson. O prestígio de Paulette ainda é grande em Hollywood.

★

Fala-se que a Cegonha anda rondando o casal Stewart Granger-Jean Simmons. A simpática e bela «estrelinha» inglêsa negou os boatos por que «ainda não tem certeza...»

★

Marlon Brando será o astro de «The Cyclist's Raid», a nova produção de Stanley Kramer para a Columbia. O filme versa sôbre corredores de motocicletas e, na vida real, Marlon é um campeão nesse esporte, de modo que está «tudo azul». Kramer tentou conseguir Marilyn Monroe para ser a heroína de Brando, mas a Fox recusou-se a emprestar a sua loura «mina de ouro», por que ela deverá iniciar logo «River of No Return», com Robert Mitchum.

★

Hedy Lamarr está processando o ex-marido John Loder pelo não pagamento da pensão mensal de 300 dólares que êle devia fazer para a manutenção dos três filhos do casal e cuja importância atrasada atinge a... 19.300 dólares. Hedy e Loder divorciaram-se em 1948.

★

Antes de partir para a França, Kirk Douglas concedeu uma entrevista a Louella Parsons e disse que estava mesmo sèriamente apaixonado por Pier Angeli. O único obstáculo é a mãe da «estrelinha» italiana, que não quer que sua filha se case com um homem divorciado como Kirk. Apesar de tudo, Pier e Douglas encontraram-se em Roma e passearam por todos os lugares românticos da cidade. Na hora da despedida em Paris, Pier e Kirk beijaram-se apaixonadamente em pleno aeroporto... Ao que parece, John Barrymore Jr. perdeu mesmo o «cartaz» com a jovem italianinha.



só serve para estorvar e, por isso, Mrs. Gordon dá-lhe a incumbência de ir a rua, para vários recados. Quando o sr. Armstrong vai sair para pegar o seu trem, chega um outro homem à residência: é Howard (Robert Ryan), o encerador que Helena contratara no dia anterior, pois, sòzinha, será incapaz de levar avante todos os seus mistéres domésticos. O cãozinho da casa ataca o recém-vindo, com estranha ferocidade. Mas êste parece não ligar ao fato, embora declare então que os cães não gostam dêle. E começa logo a trabalhar, com a melhor boa vontade, depois de entregar seu sobretudo à senhora Gordon, com quem, já aí, está a sós. Ela vai buscar a enceradeira, dá umas duas ou três ordens amigáveis ao prestimoso serviçal e se retira para o andar de cima, onde procederá a outras limpezas. Momentos após, regressa à sala. E' quando Howard, que, por duas ou três ocasiões, parara a labuta e se deixara ficar ensimesmado, lhe pede para guardar o sobretudo noutro armário melhor do que aquêle em que ela o colocara, à entrada, pois ali, segundo julga, poderá se estragar e êle só dispõe dêsse agasalho. Helena o atende, sorrindo, embora um tanto surpreendida. Mas êle mesmo sobe as escadas, em busca dêsse armário, procurando fixá-lo bem na lembrança, pois a casa dispõe de várias dessas peças. Ao descer, vê que Helena fala ao telefone, fazendo uma encomenda. Mostra-se logo desconfiado, interpelando-a sôbre a possibilidade de ter ela solicitado outro empregado, por não estar satisfeita com o seu trabalho. A moça, bondosamente, lhe diz que não, que não se trata disso, que êle é muito bom encerador. Howard queixa-se, então, de que, mesmo se esforçando tanto, nunca ninguém gosta da sua ação nem dos seus modos. Segue-se um diálogo singular entre ambos, compreensivo, de parte dela, que procura afastar as dúvidas e inquietações daquele desconhecido, e ligeiramente perturbador da parte dêle, que o termina de maneira algo brusca, voltando a limpar o chão com ar absorto. Nisso, tendo Helena voltado aos aposentos superiores, Ruth embarafusta pela porta a dentro e, dando com Howard, começa a puxar conversa. Êle se obstina em monossílabos. A garôta, provocante, alude à solidão em que se encontra a tia, viúva já há dois anos, achando que a presença de um homem moço em sua casa é de bom alvitre. Êle se cala, irritado. Ruth, então, resolve botar o pé sôbre o pano que êle esfrega no chão, num gesto que ela julga muito feminino... Howard se enfurece, mas se contém. A pequena ri, dizendo-lhe algumas inconveniências sôbre a profissão que êle executa e que ela não considera digna de um verdadeiro homem. E vai embora despeitada. Minutos após, Helena desce as escadas, ignorando tudo isso que se passara. O ânimo de Howard não deve ser dos melhores, nesse instante, pois imagina ter vindo ela vigiá-lo no seu trabalho, conforme lhe declara abruptamente. Mrs. Gordon procura dissuadi-lo dessa idéia, aconselhando-o até a parar o que está fazendo, caso não se sinta bem, como lhe parece. Êle nega sofrer qualquer indisposição, no momento. E, súbito, indaga de quem é a foto, sôbre a mesa. Do marido, declara a moça, morto em combate. Intempestivamente, Howard lhe diz que ela apreciaria ter vivo o espôso, enquanto êle próprio estivesse morto... Diante disso, Helena conclui ser melhor mandá-lo embora, sem mais tardança. E' um desajustado social, ou um paranóico, evidentemente. Mas Howard assegura-lhe que não admitirá ser tratado por ela, que antes lhe pareceu tão bondosa, como o fôra pelos outros, inclusive ao tentar ingressar nas fileiras dos voluntários para a Europa, quando o deram por incapaz e doente, e o dispensaram com alguns agrados... Tornava-se difícil a situação para a pobre Helena, que procura convencê-lo hàbilmente a se retirar. Mas se nem casa êle tem, segundo afirma, soturno e implacável. Se não sabe nunca onde mora, esquecendo-se lastimàvelmente do seu endereço, ao sair pela manhã, para ganhar o seu amargo pão de cada dia! Mrs. Gordon tenta, então, o recurso de dizer que vai chamar um médico que o curará, dirigindo-se ao telefone. Êle a impede, pois, como afirma, detesta os médicos, não quer saber de mais ninguém, a não ser dela, que se demonstra tão compassiva, e deseja, enfim, ficar naquela casa, que julga propícia à sua possível cura... Prêsa de um pânico que vai crescendo, embora demonstrando calma, Helena vai-se afastando do estranho indivíduo, recuando sempre à sua aproximação e à veemência de suas palavras, que narram o drama daquela mente frustada, que confunde a

Cine-romance

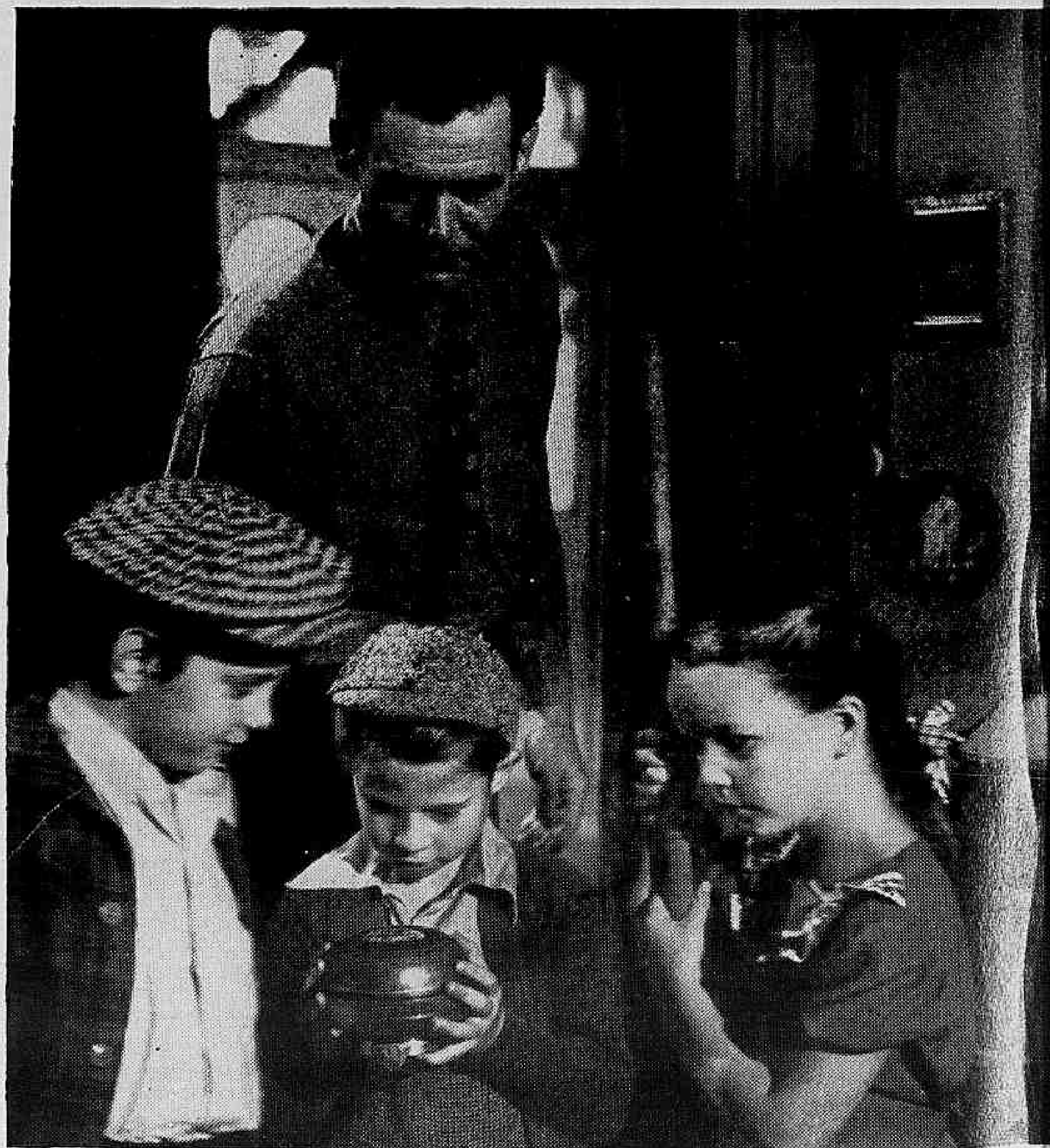
ESCRAVO de SI MESMO

(BEWARE, MY LOVELY)

Apresentação de «The Filmakens» — Distribuído pela RKO Radio Filmes — Direção de Harry Horner — Produção de Collier Young — Música de Leith Stevens — Fotografia de George E. Diskant — «Screenplay» de Mel Dinelli — Baseado na história e na peça «The Man», de Mel Dinelli e produzido para o teatro pela Kermit Bloomgarden Company.

ELENCO:

Mrs Gordon ...	**IDA LUPINO**
Howard	**ROBERT RYAN**
Sr. Armstrong..	**Taylor Holmes**
Ruth Williams..	**Barbara Whiting**
Sr. Stevens	**James Willmas**
Sr. Franks	**O.Z. Whitehead**
Grocery Boy ...	**Dee Pollack**

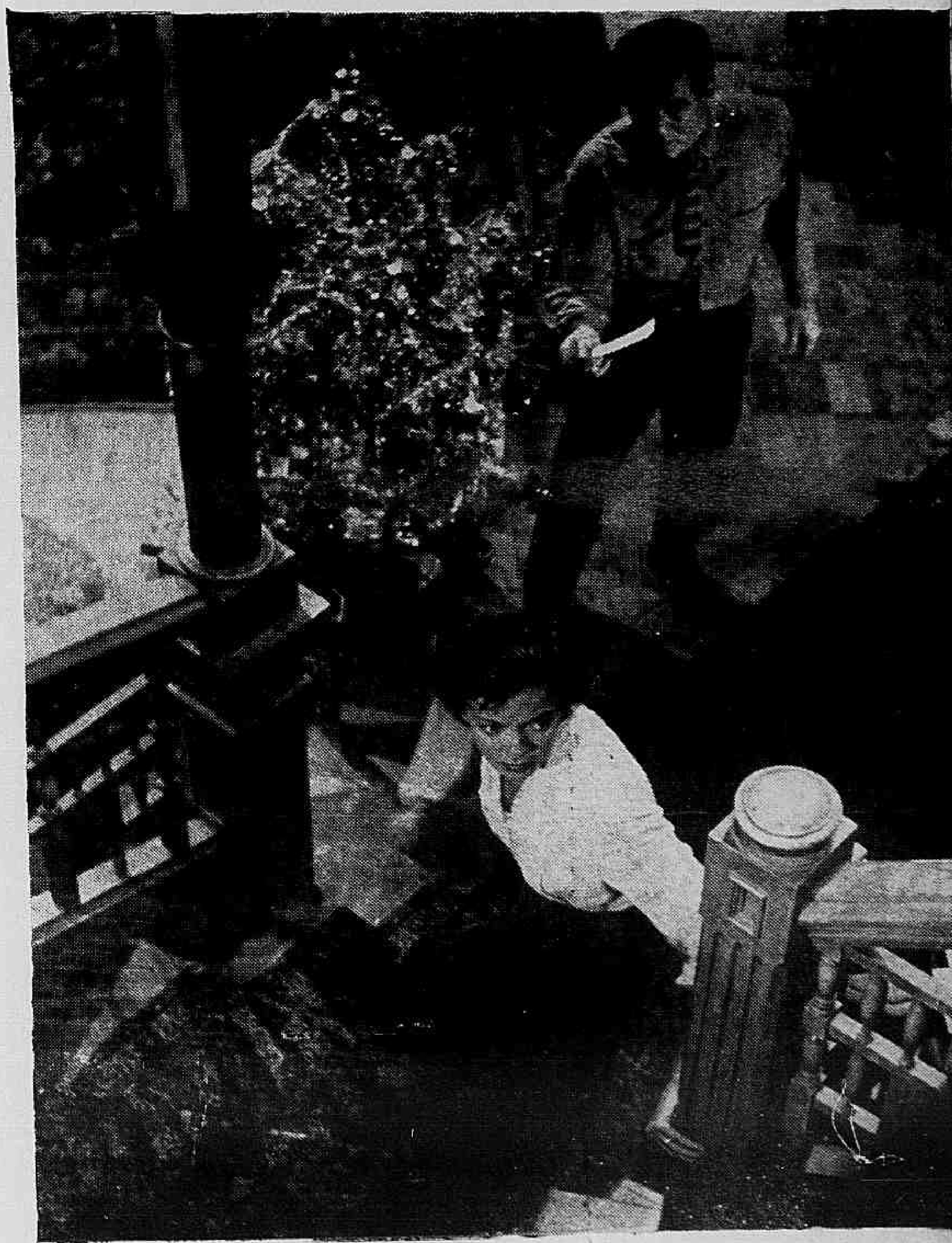


1918. Estamos numa aprazível vivenda, um tanto retirada das demais, em certa cidade típica do interior americano. E' véspera de Natal e a casa, grande e confortável, deve passar por uma limpeza em regra. E já tudo está em desordem, à espera da nova arrumação. Helena Gordon (Ida Lupino), sua proprietária, não tem mãos a medir. Jovem viúva de um combatente da Guerra, a quem venera a memória, dá aulas de piano para poder viver, e ainda aluga um quarto do sobrado a conhecidos recomendáveis. Seu último hóspede, o velho sr. Armstrong (Taylor Holmes) está de partida, nessa amanhã atarefada e feliz. Helena que prepara uma pequena comemoração da festa cristã, para os seus alunos e parentes, ainda faz com que o inquilino e amigo lhe preste o serviço de limpar uns livros, enquanto ela pretende varrer o tapête, sem saber usar da técnica banal que qualquer criada empregaria... Surge uma sobrinha sua, petulante garôta metida já a moça — Ruth (Barbara Whiting) — que a mãe mandou ali, para ajudar a tia, punindo-a assim por causa dos namorados que ela tem e das atitudes de independência que gosta de assumir. A mocinha, porém,

realidade com a ficção, e que, vez por outra, manifesta uma lucidez perfeita, levando o infeliz Howard a pedir desculpas dos seus desatinos e a indagar aflito, se, nos seus momentos de inconsciência não a maguou, não a feriu, pois que talvez fôsse capaz disso, sem querer... E o delírio prossegue por várias horas seguidas, com Howard já então senhor de tôdas as chaves da casa, tendo desligado o telefone e não deixando que Helena sequer atendesse à campainha da porta, à chegada dos seus alunos que lhe vinham trazer os presentes de Natal, para a sua árvore, armada naquela sala, agora palco de uma tragédia em expectativa... Ela tent pedir socorro váris vêzes, mas êle a subjuga sempre e, por fim, fatigada, Mrs. Gordon se resigna a esperar pela salvação da sua alma. Ai dela, porém! Pois até os seus beijos, o seu corpo, o seu carinho aquêle desvairado deseja, em certo instante, faminto que é de amor, de paz, de confôrto familiar... Ela se defende com uma enorme tesoura, mas, por fim, seus nervos cedem e cai desmaiada sôbre a cama. Ao vê-la assim, Howard, que tem a obsessão dos rostos exangues e imobilizados — uma constante da sua alucinação, de acôrdo com suas próprias declarações — pois imagina então que matou essas pessoas que vê, de fato, ou apenas na sua mórbida fantasia, foge espavorido, refugiando-se num canto. Helena volta a si e, imaginando-se sòzinha, desce para a sala. Howard vem ao seu encontro, já sereno. Passara a crise maior. Entretanto, quer alugar o quarto vago. A moça diz-lhe que Armstrong voltará. Êle concorda, então, em ir embora. Ela vai buscar o sobretudo, lá em cima. Um outro hóspede, porém, é que viria para a casa, em lugar do antigo. E êle chega, quando Helena está no andar superior, à procura do sobretudo que Howard escondeu num lugar que ignora. Não encontra a peça e, ao descer, depara com a fúria do louco, que fechara a porta ao hóspede, compreendendo o truque de que ela se valera, para ver-se livre dêle. São novas horas de ânsia, de angústia, de luta surda pela conservação da sua existência, entregue à sanha do desconhecido. Afinal, já noite, Howard recobra o equilíbrio e, inteiramente esquecido de tudo que fizera, pede as contas pelo seu serviço com tôda a aparência de um ser normal. Helena, com as vestes rasgadas e exausta, está para atendê-lo, mais uma vez, quando batem à porta. E' o empregado da Telefônica, que, avisado por outros de que o aparelho dali não atendia, vem consertar o que acha ser um defeito. Helena respira, aliviada, pedindo que levem Howard, no carro da companhia, até o ponto de bonde. E o louco vai para fora, enquanto Helena chama o funcionário aparte para o prevenir do estado de Howard. Mas êste esquecera o sobretudo, outra vez... e volta para buscá-lo, entrando sem ser visto. O homem da Telefônica, ao tornar ao carro, dá por falta de Howard e corre a avisar Helena, que se tranca a sete chaves, porém sem resultado, pois o demente vem ao seu encontro pouco depois. Desanimada, ela já nem reage. Mas, quis Deus que êle tivesse recobrado a sua fortuita lucidez, naquele minuto, e, tranqüilamente, decide deixá-la, de fato, ficando ainda muito sensibilizado com a gentileza com que fôra tratado...





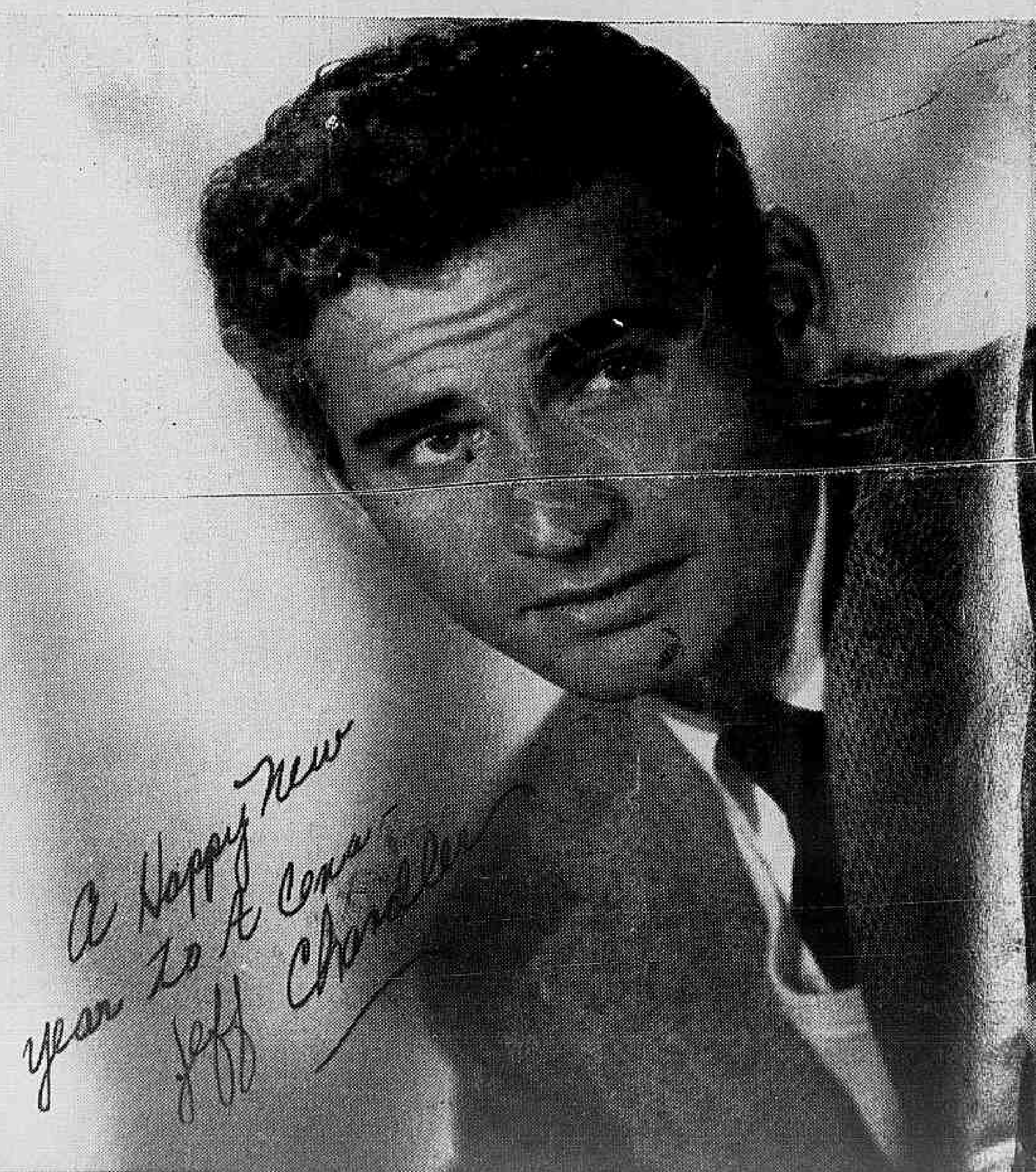






OS ASTROS de HOLLYW









OOD *desejam aos leitores de "A CENA"*

UM BOM NATAL e FELIZ ANO NOVO





O DIREITO DE NASCER

O FILME QUE O MUNDO INTEIRO ESPERAVA !

BASEADO NA FAMOSA NOVELA DE
FELIX B. CAIGNET
PRODUÇÃO DE GALINDO HERMANOS



MAMÃE DOLORES : LUPE SUAREZ
DR. ALBERTO LIMONTA : JORGE MISTRAL
DON RAFAEL DE JUNCAL : JOSE BAVIERA
MARIA HELENA : GLORIA MARIN
ISABEL CRISTINA : MARTHA ROTH
MARIA TERESA : BARBARA GIL
JORGE LUIS : JOSÉ MARIA LINARES RIVAS

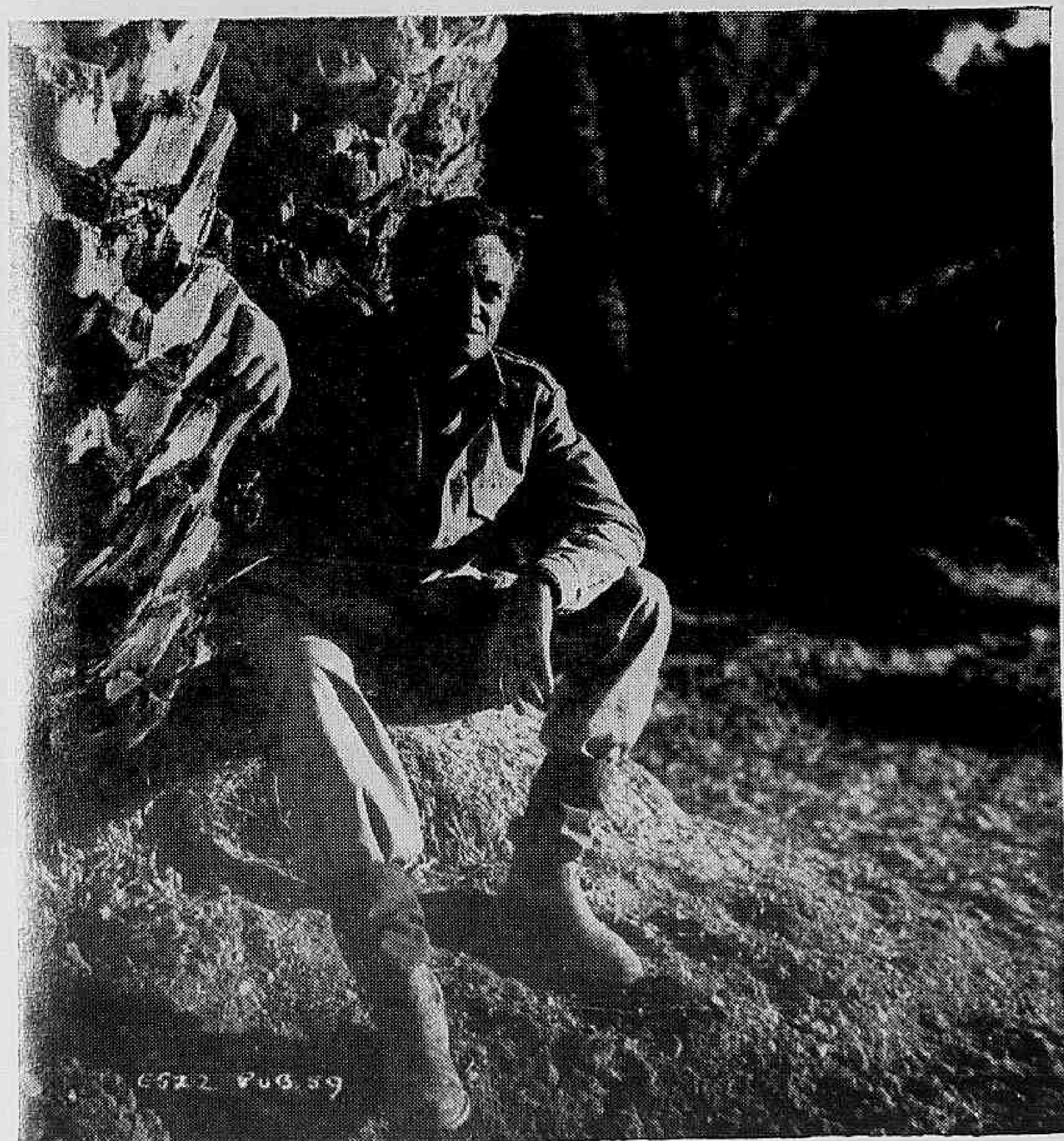
Direção
ZACARIAS
GOMEZ URQUIZA

APRESENTAÇÃO DA

PEL MEX







VAN HEFLIN
MARUJO, AVIADOR, ESTUDANTE, ATLETA e ASTRO de CINEMA

Van Heflin, o ator americano que encabeça com Wanda Hendrix e Eric Portman o elenco de «South of Algiers», é um homem forte, — tão forte como um lôbo do mar. Assim, êle aparenta ser não sòmente na tela como também na vida real. Na realidade, é um atleta. E por vários anos, ganhou sua vida como marujo.

Van Heflin nasceu em Walters, Oklahoma, no dia 13 de dezembro de 1910 e foi educado em Oklahoma City. Logo que deixou a escola, fêz sua primeira viagem pelos mares, fazendo parte da tripulação de uma escuna destinada ao México. Mais tarde, velejou para Honolulu e ilhas do Pacífico Sul, rumando logo após em um cargueiro para a América do Sul.

Mas Van Heflin cedo viu que o mar não podia ser a única razão de ser de sua vida. De volta da América do Sul, matriculou-se na Universidade de Oklahoma onde passou dois anos de intensos estudos antes de ingressar na tripulação de um outro navio fazendo uma linha de Nova York ao Canal de Suez.

Sua primeira oportunidade para atuar chegou quando êle encontrou o produtor teatral Richard Boleslaswski, em Nova York. Intrigado com aquela estranha mistura de universitário bem educado e marujo de quatro costados, Boleslaswski deu-lhe um papel na peça «Mr. Moneypenny». Mas, a peça logo saiu de cena e Van Heflin teve que voltar novamente, ao mar. Por mais três anos, êle viajou pelo mundo inteiro, visitando os mares do Sul, o Oriente, a América do Sul e a Europa.

Voltando à América, Van Heflin reiniciou sua vida acadêmica, agora na Yale University Dramatic School. Quando chegou a temporada teatral em Denver, Van Heflin nela tomou parte ativa, seguindo depois para a Broadway para tomar parte na revista «Sailor, Beware».

Talvez o título fôsse significativo, mas Van Heflin nunca mais voltaria ao mar. Apareceu, em seguida, em diversas outras peças e finalmente conseguiu um renome nacional como resultado de sua atuação ao lado de Katherine Hepburn numa peça de enorme sucesso que foi «The Philadelphia Story».

(Cont. na pág. 42)

Para os seus BOLOS de *Natal*

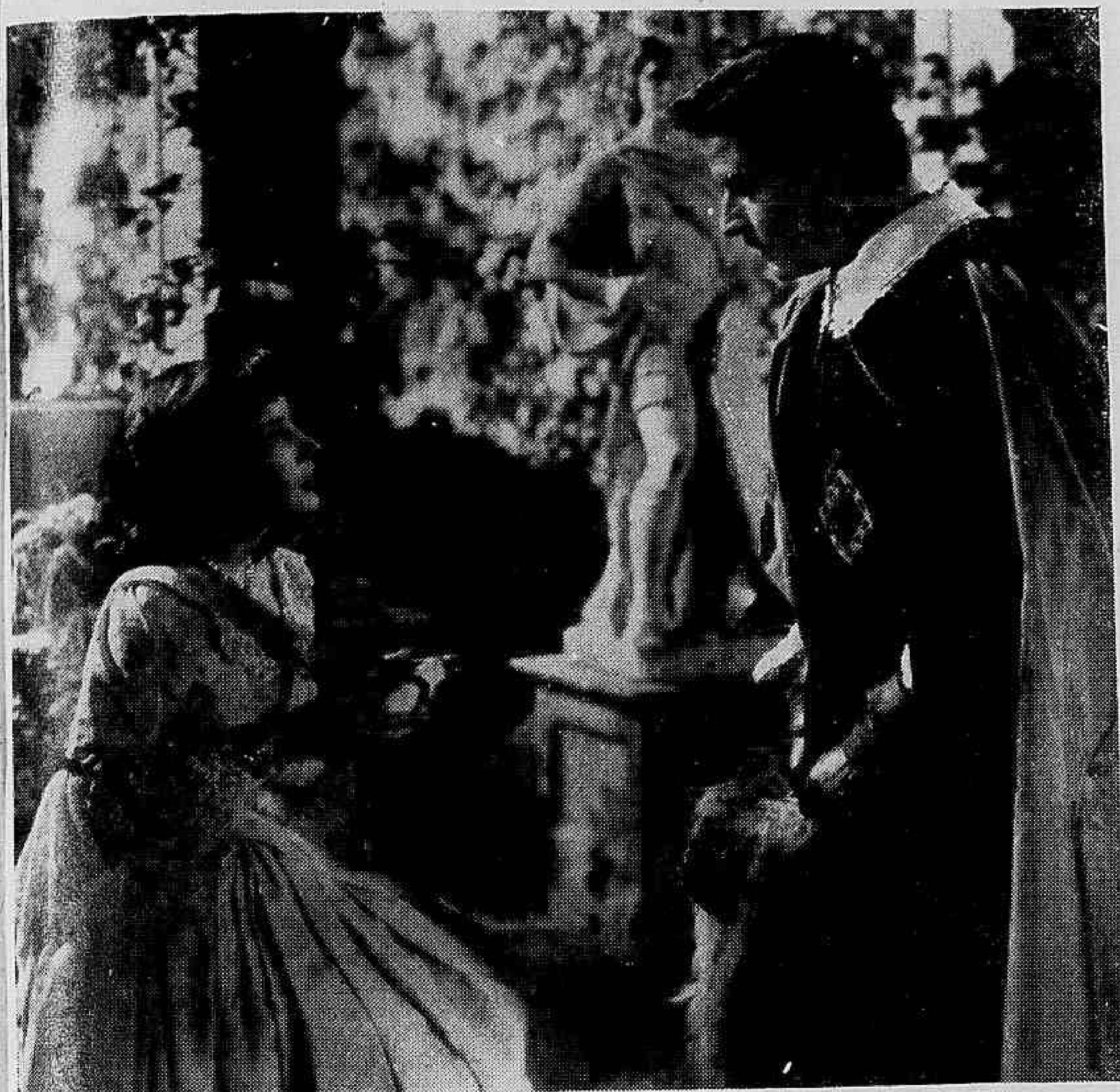


O CRÊME DE MILHO "LUX" *é Ideal*

Amores e Venenos

"AMORI E VELENI"



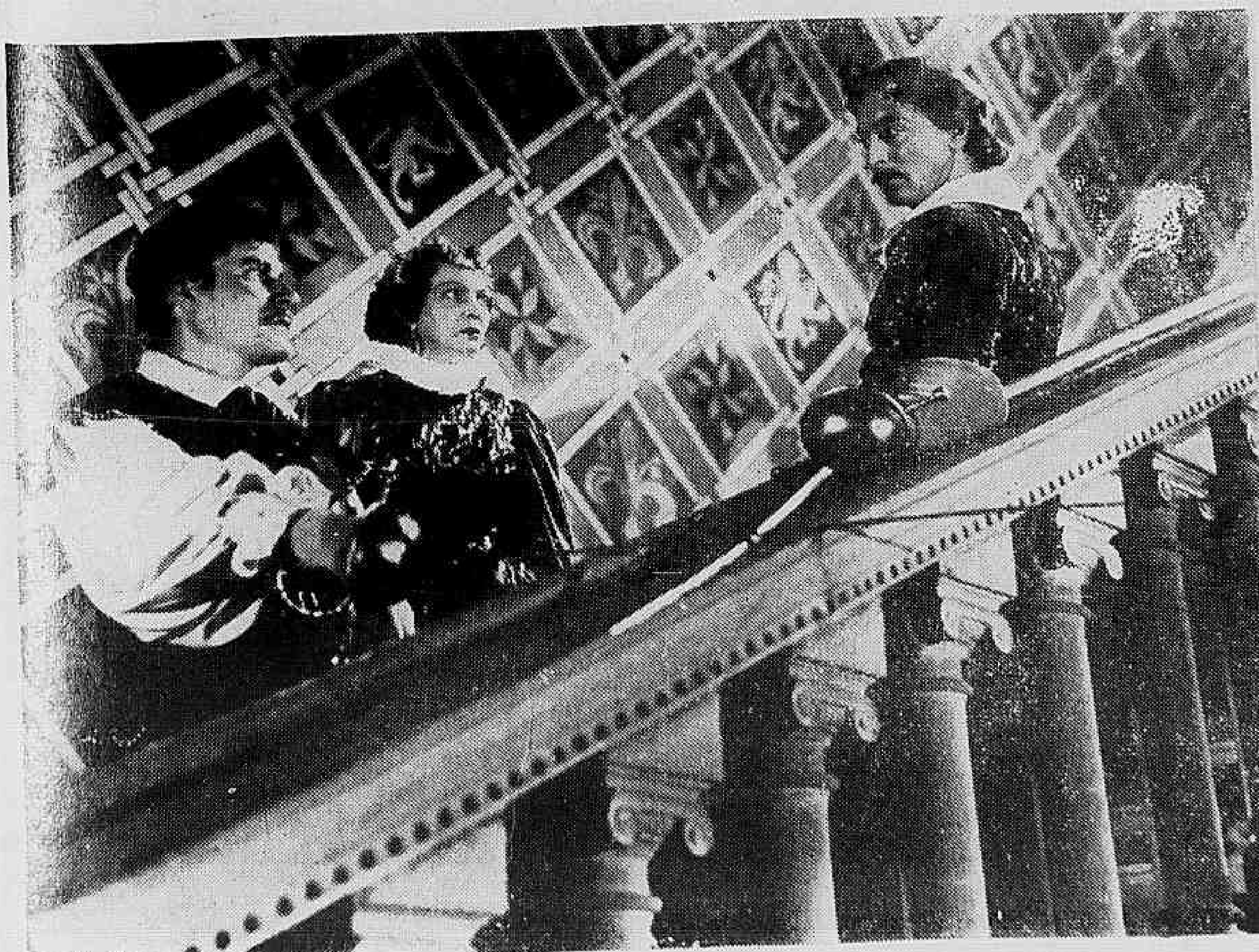


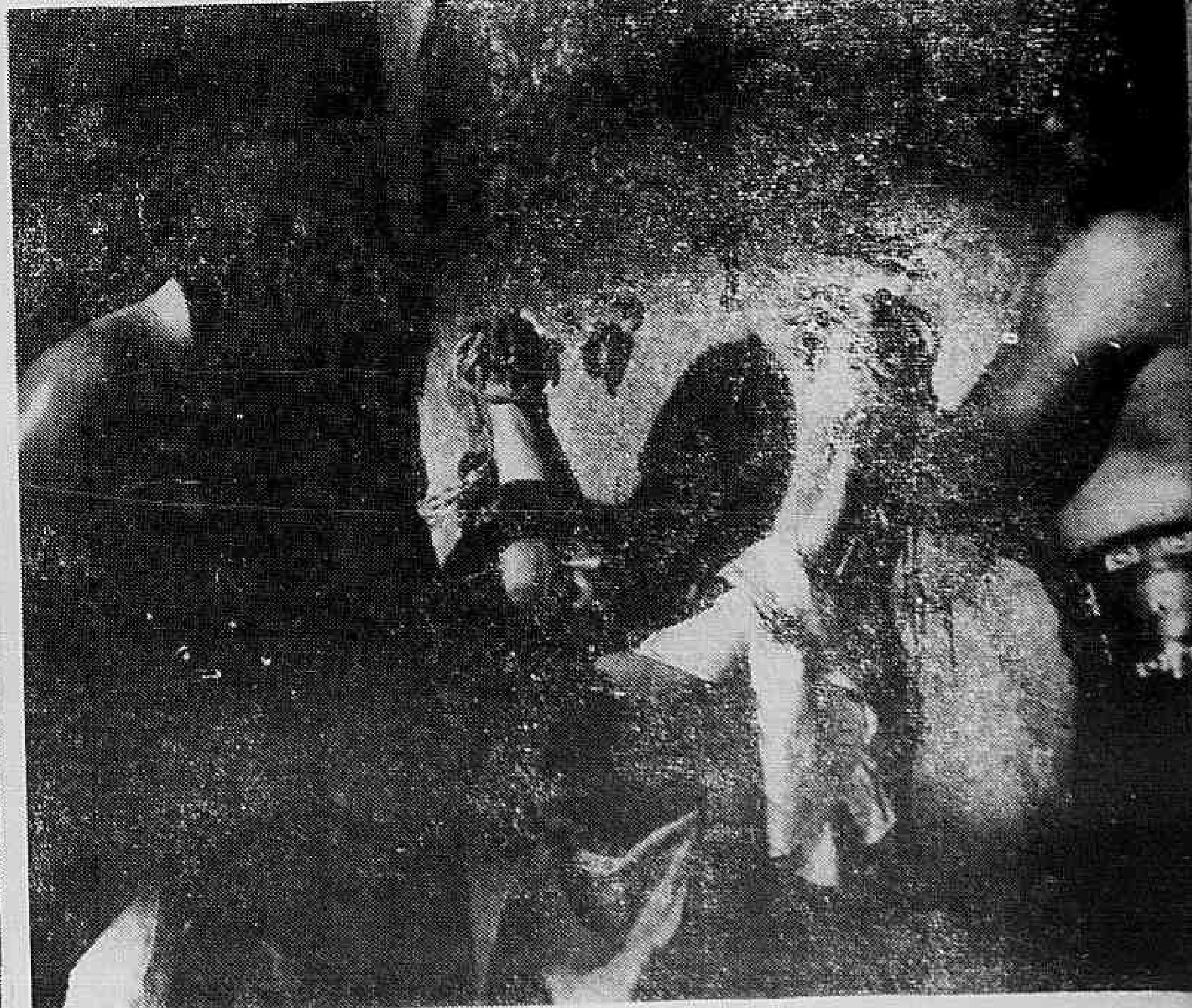
Elenco: AMEDEO NAZZARI — LOIS MAXWELL — Anna Nievo — Alfredo Varelli — Olga Solbelli — Afro Poli — Marisa Merlini — Giulio Donnini — Cesare Fantoni — Corrado Nardi — Massimo Sallusti — Ricardo Foti — Italia Marchesini — Armando Furlai — Vittorio Sanipoli — Amina Pirani Maggi — Oscar Andreani — Gustavo Serena.

Direção de Giorgio Simonelli — Cameraman, Carlo Montuori Jr. — Música de Salvatore Allegra. — Produzida por Ideal Film e Herald Pictures. — Apresentação da Art-Film.

A ação se desenrola na Roma de 600 sob a égide de Alexandre VII, cheia de esplendores, de lutas implacáveis, que floresciam com as intrigas e confabulações clandestinas. Momento em que os atentados, os soberbos desafios eram levados a cabo com qualquer arma e em qualquer lugar, sob a alegação de que se lavava a honra de uma das famílias que com seu poder julgavam-se elas próprias as detentoras do poder. Só a Igreja punha um pouco de ordem e mediação no caos dessa época que apesar de tudo foi brilhante. Aí vamos encontrar Cristina da Suécia, que havia renunciado ao seu trono, mas que estava a ponto de abandonar êsse exílio a conselho do Papa, pelos escândalos que provocava com sua personalidade romântica, pelo amor às aventuras e desprendimento.

Durante uma violenta tempestade, Cristina e seu séquito, que se encontravam numa caçada, refugiam-se no Castelo do Duque de Ceri, setuagenário que, havia naquele dia contraído matrimônio com uma jovem lindíssima e órfã, que não contava mais que vinte anos. No séquito de Cristina vem o jovem cavalheiro, Franco, generoso e galhardo que ao ver Ana Maria, a jovem espôsa de Ceri, sente uma súbita simpatia que é quase amor. Naquela noite, enquanto amainava a tempestade a jovem espôsa foge do quarto de Ceri, sentindo que jamais poderá pertencer a êle. Com isso, nasce e vai crescendo o idílio com Franco, o qual Cristina quer pôr à prova, pois ela também ama Franco. Assim, empreende uma viagem à França, deixando com êle, Franco, a custódia do Palácio Farnesi, em Roma, que é a sede do seu refúgio na capital italiana. Ana Maria e Franco, porém, são odiados, Ana pela terrível Domitilia — irmã do Duque de Ceri — que era contrária ao matrimônio do irmão porque esperava que a fortuna dêste ficasse para seu filho, o semi-demente Gelasio, e, Franco, por seu fingido amigo Egidio D'Averna, ciumento de sua inteligência e de suas graças no coração da Rainha Cristina. Domitilia, então, consegue um potente veneno das mãos de uma curandeira e consegue envenenar o Duque, acusando a Ana Maria, que é prêsa e encarcerada no Castelo de Santo Ângelo, não obstante a violenta luta que Franco mantém com os esbirros, na qual cai gravemente ferido. Franco sente que necessita da ajuda de Cristina e chama-a de França. Era a vez da Rainha para conseguir o amor de Franco. Faz com que Franco prometa que a seguirá se ela salvar Ana Maria. Mas, desgraçadamente a jovem cai nas mãos de Egidio que leva-a ao Castelo de Domitilia e, uma vez ali ambos decidem assassiná-la. Porém Gelasio, o demente, filho de Domitilia, que também ama Maria põe-se na frente do punhal e morre pelas mãos da própria mãe. Esta desesperada envenena-se. Para castigar Egidio chega Franco que num duelo terrível em que a morte baila na ponta das espadas faiscantes arranca do seu contendor tôda a confissão das perfídias. Egidio cai vencido e Franco toma nos braços a sua querida Ana Maria que está transida de dor e horror pelos perigos que rodearam-na tanto tempo. Cristina chega no momento e presencia a fôrça daquele amor. Resolve então renunciar a Franco e segue a sua vida para novas aventuras.





O FÃ PERGUNTA:

"A CENA" RESPONDE

JORGE PEDROZA (Fortaleza) — «... qual a idade de Clark Gable?»

R — Nasceu no dia 1º de fevereiro de 1901. Está, por conseguinte, com 51 anos feitos.

ISAURA (Campos) — «... de que ano foi o filme «Minha Espôsa Favorita» e qual o seu elenco?»

R — «Minha Espôsa Favorita» (My Favourite Wife), 1940, de Garson Kanin, com Irenne Dunne, Cary Grant e Randolph Scott.

HÉLIO CUNHA (Distrito Federal) — «... o diretor francês René Clair já trabalhou em Hollywood?»

R — Já. Um de seus filmes de maior sucesso feito na capital do cinema, foi «Casei-me com uma Feiticeira» (I Married a Witch), com Veronica Lake.

PEDRO HENRIQUE (São Paulo) — «... onde nasceu Faith Domergue e com quem é casada?»

R — Nasceu em New Orleans e é casada com o diretor argentino, Hugo Fregonese.

MARIA EVA PEREIRA (Distrito Federal) — «... qual o filme mais importante da carreira de Claudette Colbert?»

R — Claudette fêz muitos filmes importantes. «Aconteceu naquela Noite», de Frank Capra, é reputado o seu melhor filme e com êle a famosa atriz foi premiada com o «Oscar».

REINALDO AGUIAR (Distrito Federal) — «... qual a contribuição que trouxe para o cinema um filme como «O Cristo Proibido?»

R — É uma obra incontestàvelmente curiosa, mas concebida por um literato que usa de modo muito maleável a linguagem das imagens tornando-as frias e pouco convincentes. Pode ser considerado como o exemplo típico de como não se fazer um filme. Mas, apesar de tudo contém algo de interessante.

JOSÉ CARLOS (Curitiba) — «... que fim levou Shirley Temple?»

R — Depois de ter tentado recomeçar seus papéis de ingênua em filmes como «Desde que partiste», «Fort Apache», etc., parece que desistiu de uma vez do cinema. Seu casamento com John Agar terminou com um rumoroso divórcio. A guarda da filhinha do casal, Linda Susan, ficou com Shirley. Atualmente, ela reside em Washington e é casada com um rico industrial, de quem também tem outro filho.

ALBERTO JORGE (Terezina) — «... poderia fornecer-me a ficha completa do filme «A Hiena dos Mares?»

R — «A Hiena dos Mares» (Two Years before the Master) é uma produção da Paramount, 1946, dirigida por John Farrow, argumento de Richard Henry Dana Jr., cenarização de Seton I. Miller, fotografia de Ernest Laszio, música de Victor Young. Intérpretes: Alan Ladd, Brian Donlevy, Esther Fernandez, William Bendix, Howard da Silva, Barry Fitzgerald e Albert Dekker.

MARIA MARTA (São Paulo) — «... qual o filme em que Joan Crawford era uma terrível rival de Greer Garson?»

R — «De Mulher para Mulher» (When Ladies Meet), com Robert Taylor, Herbert Marshall e Spring Byington.

O.M.C. (Dist. Federal) — «... qual o enderêço de Lizabeth Scott?»

R — R.K.O. Pictures, 780 Gower St., Hollywood, California.

MARCO ANTÔNIO (São Paulo) — «... qual o artista mais bem pago do cinema nacional?»

R — Oscarito.

DIANA LINS (Distrito Federal) — «... é certo que a artista grega, Irene Pappa, passou pelo Rio?»

R — Certo. Foi lamentável, entretanto, que não tenha havido a menor publicidade com relação à sua presença nesta cidade. Só depois que ela partiu é que os jornais publicaram algo a respeito.

ALDO MOREL (Marília) — «...quais os dados biográficos de Mala Powers?»

R — Mala Powers chama-se Mary Ellen Powers. Nasceu em San Francisco no dia 20 de dezembro de 1931. Descoberta por Ida Lupino, fêz sua estréia na tela no filme «Outrage» que Ida dirigiu. Trabalhou ao lado de José Ferrer em «Cyrano de Bergerac» personificando o papel de Roxane.

ELIANE (S. Paulo) — «... qual o enderêço de Gordon MacRae, Gene Nelson e Steve Cochran?»

R — Warner Brothers, 4000 W. Olive Avenue, Burbank, Los Angeles, Cal.

ANTÔNIO SILVA (Distrito Federal) — «... quem é aquela garotinha que dança em «Alô, Alô Carnaval», enquanto Francisco Alves canta?»

R — Fada Santoro, com apenas 5 anos de idade.

ELZA GOMES (Niterói) — «... qual o título original, diretor e elenco de «Adorável Vagabundo?»

R — «Meet John Doe» (Adorável Vagabundo), 1941, de Frank Capra, com Gary Cooper, Barbara Stanwick e Spring Buyington.

IEDA SALES (Recife) — «... por que Farley Granger não se casa?»

R — Ora, certamente porque não quer...

CARLOS CORRÊA (Juiz de Fora) — «... Madeleine Carrol está retirada do cinema?»

R — Certo. Madeleine dedica-se agora ao jornalismo, sendo a espôsa de um dos diretores da revista «Life».

ÁLVARO DA SILVA (S. Paulo) — «... será que Gloria Swanson se firmará nesse reinício de carreira?»

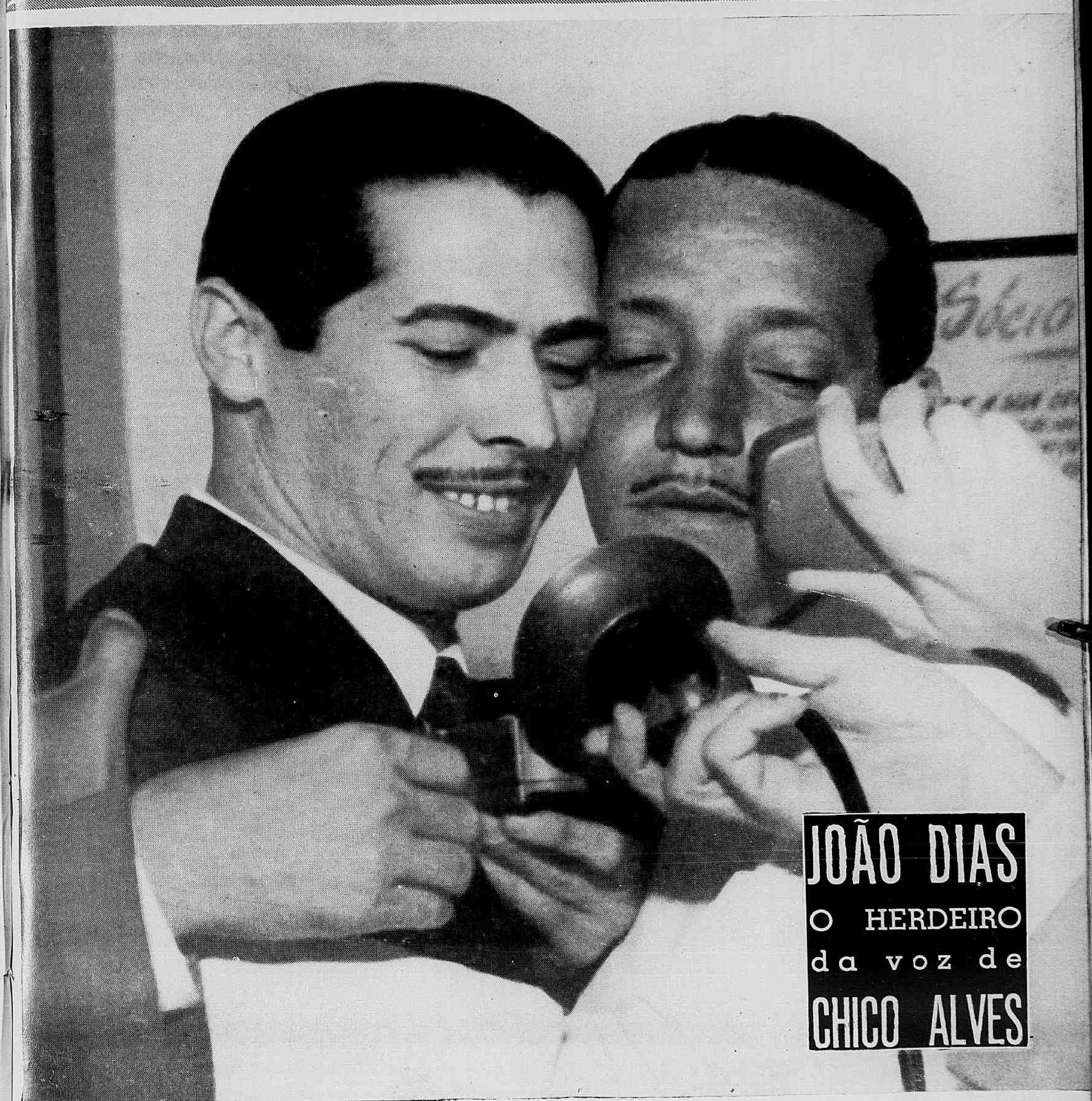
R — Não cremos, a não ser em papéis característicos ou de acôrdo com sua idade. Em «Crepúsculo dos Deuses», Gloria teve, num desempenho soberbo, a grande possibilidade de ridicularizar a si própria, como o fêz Greta Garbo em seu derradeiro filme «Duas vêzes meu». Depreciado em sua época, êsse filme da Garbo teria hoje um imenso valor como um estudo do alto grau da consciência artística a que chegou a «divina». E' êsse também o caso da Swanson.





HOJE: PALÁCIO — AZTECA — RIAN — LEBLON — AMÉRICA — BOTAFOGO

Rádio Cena





João Dias uma voz igual a de Chico Alves

JOÃO DIAS SAUDOSO:

QUERO MOSTRAR O QUE APRENDI COM CHICO ALVES

RECEPCIONADA A CRÔNICA ESPECIALIZADA PELO NOVO CANTOR DO "CACIQUE" — VIBRANTE ORAÇÃO DE BRÍCIO DE ABREU — REPRESENTANTES DE TÔDAS AS EMISSORAS CARIOCAS NO COQUETEL OFERECIDO PELO PRÍNCIPE DA VOZ

Reportagem de M. S.

Fotos de ALBERTO FERREIRA e NEWTON VIANA

Quando alguém se dispuser a escrever a história do rádio no Brasil, terá, forçosamente, que dedicar um capítulo inteirinho ao bar acolhedor da Associação Brasileira de Rádio, que tem sido, por assim dizer, o ponto marcante de alguns dos grandes acontecimentos da radiofonia guanabarina. Isto porque, as recepções que ali têm sido realizadas assinalaram alguns cometimentos arrojados das principais emissoras cariocas. O retôrno de Sílvio Caldas, a volta de Orlando Silva, afora outros sucessos de menor importância, foram marcados em coquetéis excelentes levados a efeito naquelas dependências da Casa do Radialista. E o de João Dias, aquêle cuja voz lembra a do saudoso Chico Viola, também ali realizado, não teve menos brilho do que os que o antecederam.

FALA BARCELOS

Num ambiente de grande alegria, com os principais elementos de quase todos os prefixos guanabarinos irmanados na recepção ao novo cantor da Rádio Tupi, fizeram-se ouvir diversos oradores, os quais não pouparam referências elogio-



O presidente da A.B.I., Manuel Barcelos, na clássica saudação, dá as boas vindas a João Dias, na presença de Aurélio Andrade, Murilo Gondim e Péricles do Amaral

sas ao jovem vocalista bandeirante no seu primeiro contato com os homens que fazem o rádio na Cidade Maravilhosa.

Manuel Barcelos, o primeiro a usar da palavra, iniciou sua brilhante oração dando as boas vindas ao novo elemento como presidente da entidade que congrega a quase totalidade dos radialistas guanabarinos. Depois, naquele seu estilo calmo porém eloqüente, disse dos deveres e do papel que o festejado intérprete teria a desempenhar daqui para o futuro, em face de ter sido grande amigo daquele que foi seu mestre: Francisco Alves.

SATISFAÇAO NAS ASSOCIADAS

Em seguida ao presidente da Associação Brasileira de Rádio, fêz uso da palavra o locutor Normando Lopes, dirigente máximo do Sindicato dos Radialistas, que teceu uma série de considerações sôbre a personalidade artística de João Dias, terminando por dizer que o rádio carioca se engalanava para receber o Príncipe da Voz, herdeiro das qualidades vocais do inesquecível Chico Alves.

Em seguida, ocupou o microfone das duas emissoras que irradiaram a interessante festividade — a Rádio Guanabara e a Emissora Continental — o "broadcaster" Péricles do Amaral, diretor geral de broadcasting das Associadas Cariocas, que disse da satisfação reinante não entre os artistas e funcionários das Rádios Tupi e Tamoio pela aquisição de João Dias para o seu elenco, mas também entre os ouvintes daqueles prefixos, que deram grandes demonstrações de regozijo pela sua contratação.

Pelo exposto, verifica-se que o ingresso do seresteiro paulistano nas Associadas teve excelente acolhida entre o público rádio-escuta e os próprios artistas.

ORAÇÃO VIBRANTE DE BRÍCIO

A Périclees do Amaral, sucedeu Brício de Abreu, presidente da Associação Brasileira de Cronistas Radiofônicos, que pronunciou eloqüente discurso, empolgando a todos quantos ali se encontravam com os bonitos conceitos que expendeu, e as esplêndidas imagens que construiu concluindo sua oração aconselhando João Dias a seguir os ensinamentos do seu saudoso mestre e amigo, para que êle, onde quer que estivesse, visse que os seus conselhos não foram dados em vão e dissesse: muito obrigado, João Dias!



João Dias, Manuel Barcelos e Orlando Silva



O novo cantor das Associadas entre Araci de Almeida e Violeta Cavalcanti

Vigorosa salva de palmas coroou as últimas palavras de Brício de Abreu, tendo sido êle efusivamente cumprimentado pelos presentes, bem como por João Dias, que se mostrou vivamente emocionado.

O BOA NOITE ENCERROU

Depois de Anselmo Domingos ter saudado o novo astro que brilha nos céus da radiofonia guanabarina, João Dias, prêsa de forte emoção, pronunciou breves palavras de agradecimento a todos quantos tinham ali comparecido para levar-lhe o seu abraço no limiar do que êle considera como uma nova carreira, já que agora é que prestaria o seu efetivo concurso ao rádio carioca, como contratado que está pelas Emissoras Associadas de Rádio e Televisão desta capital.

Finalmente, atendendo a insistentes apelos dos presentes — Eladir Pôrto, Manuel Barcelos, Murilo Gondim, Mário Leão, Raul Zanoni, Violeta Cavalcânti, Ari Vizeu, Carlos Pallut, Alba Regina, Jorge Lofler, Clímaco César, Aldo Madureira, Paulo de Grammont e muitos outros elementos — João Dias cantou aquêle trecho ("Na carícia de um beijo, que ficou no desejo, boa noite meu grande amor") com que o saudoso Francisco Alves abria e encerrava suas audições dominicais na Rádio Nacional.





O discurso de Brício de Abreu, à esquerda, calou profundamente no espírito do jovem cantor, que aparece também à direita abraçado por Orlando Silva, e acompanhado por Nuno Roland e Henrique Batista

Confeitaria
Colombo

A COLOMBO caracteriza a vida social do Rio de Janeiro na sua expressão de fina e requintada elegância. Os seus salões de almôço, chás, lunchs, e «cocktaills» acolhem diàriamente o escol da sociedade carioca para os sutis prazeres do espírito, do coração e do paladar.

LÍQUIDOS, COMESTÍVEIS FINOS E FRUTAS — FABRICANTES DAS AFAMADAS FARINHAS ALIMENTÍCIAS MARCA "COLOMBO" — ESPECIALIDADE EM DOCES, GELÉIAS, ETC. ETC.

★

MATRIZ:
Rua Gonçalves Dias, 32-36
Anexo à Rua 7 de Setembro, 94-96
Tel.: 22-7650 — Rêde
FILIAL:
Avenida N. S. Copacabana, 890
Tels.: 47-5565 — 47-5566
FÁBRICA:
Rua Livramento, 174-184
Tel.: 43-6925 — RIO
FRANÇA & CIA. LTDA.

DAQUI, DALI, DACOLÁ

A cantora italiana Maria Simoneti está realizando nova temporada ao microfone da Rádio Jornal do Brasil.

★

Regressou de Buenos Aires, onde representou o Brasil na Conferência de Rádio, o locutor Saint-Clair Lopes.

★

Diàriamente, das 23,30 às 24 horas, a Rádio Industrial de Juiz de Fora está transmitindo da "boite" Night and Day.

★

"Conversa do dia", crônica de Marques Rebelo, é o mais recente lançamento da Rádio Clube. Horário: 12 horas de todos os dias.

★

"Tangos ao meio-dia" é o programa da Rádio Guanabara que apresenta os mais recentes sucessos do cancioneiro platino. Essa audição vai ao ar, diàriamente, às 12 horas.

★

Brevemente, a Rádio Clube lançará o programa de Pascoal Longo, ABC de nossa gente".

★

Assumiu a direção artística da Rádio Ministério da Educação a sra. Neusa Feital.

★

"A música do momento", programa que Santos Garcia apresenta na Rádio Guanabara, diàriamente, está sendo levado ao éter das 17 às 18 horas.

★

Sílvio Caldas realizou uma série de recitais na capital pernambucana.

★

A Petrópolis Rádio Difusora inaugurou, recentemente, os seus novos estúdios.

★

Reformou contrato com a Rádio Tamoio, o rádio-ator Dandréia Neto.

★

A Rádio Globo limitou o número de textos para cada apresentação musical. Cinco textos e um jingle, eis o que a emissora de Raul Brunini vem transmitindo.

★

Noticia-se que estão bem adiantados os trabalhos de instalação da Rádio Correio da Manhã.

★

Zaíra Cruz, cognominada a "Princesinha do chôro", com onze anos apenas, acaba de firmar contrato com a RCA Vitor como artista exclusiva. Êste sucesso de Zaíra Cruz vem de afirmar, em definitivo, o bom conceito do programa infanto-juvenil dirigido por Samuel Rosemberg — o "Clube do Guri" — que é apresentado pela Rádio Tamoio, todos os domingos, das 11 horas ao meio-dia.

PONTOS de VISTA

—"Pedimos encarecidamente aos autores do "Balança mas não cai" para colocarem um ponto final neste programa, porque já estamos caceteados, cansados, esfalfados, amolados de ouvirmos tamanhos disparates." — *Aldrighi.*

—"O programa "Aí vem a Rainha", que a Rádio Clube apresenta tôdas as quartas-feiras, quando era escrito pelo Eugênio Lira Filho, constituía, sempre, um grande êxito. Atualmente, está sob a responsabilidade do produtor Moisés Weltman e é uma barbaridade." — *Alberto Rêgo.*

—"Nos auditórios há, assim, uma espécie de "torcida" de clubes de futebol. Quem aparece, na hora, é sempre "o maior". E a gente, em casa, fica com a impressão de que "os menores" são os ausentes..." — *Nestor de Holanda.*

—"Dizem que "Chico Viola" não é melodia para o carnaval. Isso como se houvesse um novo aparelho mágico para classificar músicas carnavalescas ou não." — *Wilson Batista.*

—"O rádio popular tem duas fôrças aparentes, com as quais procura e, infelizmente consegue, impor ao povo o seu padrão nem sempre recomendável: os concursos e a pornografia." — *Mag.*

(Cont. na pág. 42)

DISSE-ME-DISSE

Inicialmente, quero declarar que sou Mr. Kilocyclo — no duro — e que a minha língua não é como a de muitas candinhas que andam por aí. Vendo o peixe conforme compro, apenas pelo simples prazer de brincar com os meus amigos, que são todos os artistas de rádio. Dito isto, passo às últimas colhidas nos corredores das emissoras.

★

Dizem que a Emilinha Borba não está nada satisfeita com o seu repertório para o vindouro tríduo de Momo. Acha a popular cantora — e com justa razão — que as suas criações tirarão muitos corpos de luz atrás de muitas outras melodias na páreo carnavalesco. Não se aborreça, Emilinha. O carnaval de 54 está próximo...

★

Fala-se que o César de Alencar está inclinado a vender por bom preço a sua "Cantina" em face dos constantes aborrecimentos que tem tido naquele local. Eu acho que o "Cavalete" faz bem. Aquilo parece que tem urucubaca da pior, pois, ali, o nosso bom amigo já desfez grandes amizades, inclusive recentemente, quando trocou sopapos com o Nestor de Holanda.

★

O "namôro" das Associadas com a Associação Brasileira de Rádio está dando margem aos mais variados comentários. Ainda há dias, quando se falava no assunto no bar da Nacional, um elemento da PRE-8 afirmou:

— Acho que a coisa está ligada às próximas eleições na Casa do Radialista.

★

Por falar em Associadas: fala-se que elas querem botar a Nacional pra trás, no que se refere a dinastias. Isto porque, enquanto a estação da Praça tem nada menos de seis membros da família Faissal trabalhando em seus diversos setores, as Associadas têm quatro da família Autuóri...

(Cont. na pág. 42)

VALE A PENA SABER

Abelardo Barbosa já foi baterista de um navio do Lóide Brasileiro, antes de ingressar no rádio.

★

O radioator De Carambola torce, em São Paulo, pelo Coríntians, e, no Rio, pelo São Cristóvão, primeiro e último colocados, respectivamente, nos campeonatos paulista e carioca.

★

O locutor Raul Zanoni, que trocou o Rio pelo Paraná, além de comandar alguns programas da emissora de Lorena, é proprietário de uma agência de turismo na referida cidade.

★

Tina Vitta, a exemplo de algumas radioatrizes do «broadcasting» carioca, é funcionária pública. Ela exerce suas funções numa repartição do Ministério do Trabalho.

★

A cantora Dóris Monteiro ainda tem mãe viva, embora muitos pensem o contrário.

★

Ari Barroso, durante algum tempo, fêz jornalismo na Paulicéia, tendo dirigido com Luís Peixoto o hebdomadário «Hora H».



OS ALEGRES parisienses não deram uma folga ao nosso amigo Zé Januário Gonzaga, pedindo-lhe sempre que os ensinasse a dançar o baião e o xaxado

ZÉ GONZAGA ENSINOU OS FRANCESES A DANÇAR O BAIÃO

Quase a guerra cortava a carreira do filho de "seu" Januário ★ Tomou parte em todos os programas de calouros

Reportagem de ROBERTO VIEIRA

O velho Januário, sanfoneiro do interior pernambucano, nunca podia pensar que seus filhos viessem a ser tornar tão famosos. E' bem verdade que Januário era o mais famoso sanfoneiro do lugar,



A TURMA do «Cacique» desembarca em Paris para participar da «Festa do Seridó». Zé Gonzaga, sua sanfona e sua simpatia estão na frente, puxando o pelotão de astros e estrêlas



JEAN LOUIS BARRAULT, uma das maiores personalidades do teatro francês, dança o xaxado com o mestre Zé Gonzaga. Pato Prêto, mas atrás funciona no triângulo

mas sua popularidade não chegava a atravessar as fronteiras das cidades vizinhas a Exu. Primeiro nasceu o Luís, depois Severino e mais tarde José. O Luís é tão famoso que, dêle, nem se necessita falar. O Severino, embora também sanfoneiro, só sabe tocar num fole de oito baixos. O Zé, porém, é um pouco diferente dos irmãos, e por isso é dêle que vamos falar.

★

O nascimento do José deu-se a 15 de janeiro de 1929 e constituiu um verdadeiro acontecimento. O velho Januário esperava que aquêle filho fôsse o caçula, e que iria encerrar a "produção" e, por isso, batizou-o com o seu nome: José Januário Gonzaga. O menino cresceu, tornou-se um moleque de marca maior, ninguém podia agüentar com sua vida. Soltava papagaio, jogava bola, brigava com os amigos, era cheio de vida. Aliás, até hoje o José conserva estas características, com pequenas diferenças; trocou seu papagaio por uma sanfona, não joga mais bola, em compensação joga "bingo" e "buraco" e, em lugar de brigar com os companheiros, prefere passear de carro com garôtas bonitas, o que é positivamente muito mais agradável.

★

José Januário foi crescendo e ganhou mais alguns irmãos, pois o velho Januário não cumpriu a promessa e, quando tinha 10 anos, completou seu "curso musical", pois tocava qualquer música com perfeição, em sua sanfona de oito baixos. Iniciou então sua vida artística, tocando em festas familiares, ganhando sempre mil réis ao término de seu trabalho. Fato interessante é que, muitas vêzes, o Zé preferia ganhar um pedaço de rapadura em paga de seu trabalho como sanfoneiro. Foi nestas pequenas festas que êle adquiriu o traquejo necessário para, mais tarde, se tornar o grande artista que é.

★

Sete anos mais tarde (José tinha 17 anos), o Rio de Janeiro parecia uma dessas coisas espetaculares, a oitava maravilha do mundo. Não perdeu tempo. Seu irmão já tinha vindo para a Capital e êle não havia de morrer de fome. Arrumou tôda a bagagem, "pegou um Ita no Norte" e veio tentar a sorte. Em sua mente formava uma porção de castelos, vinha cheio de esperanças mas . . . trazia os bolsos vazios. Tinha certeza que seria um grande artista. (Doce ilusão de um menino de 17 anos!) Chegando aqui, porém, as coisas se tornaram bem diferentes. Todo mundo achava graça naquela sanfona de oito baixos, mas não lhe dava a menor atenção, pois muitos eram os nortistas que já as possuíam. E José não conseguiu o sucesso esperado, mas também não desanimou. Iniciou um curso para aprender a tocar numa sanfona maior como seu irmão Luís. Ao terminar os estudos, pensava iniciar sua vida artística, já com o instrumento maior, quando surgiu um imprevisto: estourou a segunda grande guerra. E José foi convocado. A princípio ficou triste, e disse de si para si:

— Logo agora que eu ia iniciar minha carreira . . . Puxa! Que azar!

Mas depois refletiu um pouco e lembrou-se de que era brasileiro e, como tal, deveria ir defender sua pátria e seus irmãos, e aquela tristeza transformou-se em alegria. Afinal, êle é de Pernambuco e um pernambucano não tem mêdo de nada, nem da morte. Estava certo que ia para a Itália, mas o destino caprichoso não quis que tal sucedesse. José Januário teve que permanecer no Brasil. Terminado o conflito, deu baixa e recomeçou a luta para o ganha-pão diário, refazendo seus sonhos para o dia que alcançasse o estrelato, ou seja, comprar uma casa, um sítio e um automóvel.

★

Na ânsia de entrar para o Rádio, Zé percorreu todos os programas de calouros do Rio, em todos conseguindo a cotação máxima. Mas sua oportunidade não chegou, pois as emissoras estavam com excesso de artistas e só com um bom "pistolão" conseguia-se um contrato. Êle porém, não desanimou. Não havia conseguido o contrato almejado mas continuava atuando em festas particulares e "dancings" para conseguir seu sustento até que um dia seu irmão, Luís Gonzaga apresentou-o num programa da Rádio Globo, como sendo Zé Gonzaga, "a mesma sanfona e a mesma simpatia". Sua apresentação agradou e a PRE-3 contratou-o para participar dos programas "Rapsódia Carioca" e "Aquarela Sertaneja". Após integrar durante alguns meses o "cast" da Globo, transferiu-se para a Rádio Guanabara, onde permaneceu por um ano. Já a esta altura dos acontecimentos êle possuía algum cartaz. Foi então que surgiu uma boa proposta da Rádio Tupi, fazendo com que êle arrumasse as malas para fixar residência na "Taba do Cacique", onde já se encontra há longo tempo, apesar dos "pequenos" atrasos de pagamento e outras coisinhas mais.

★

Zé Gonzaga tem alcançado grande êxito em sua carreira e, por duas vêzes, já atuou fora das fronteiras do Brasil, primeiramente na Argentina, e, posteriormente, integrou a caravana da Rádio Tupi que foi a Paris para a festa do "Seridó", no castelo de Corbeville.

Zé Gonzaga fêz grande sucesso na festa do "Seridó". Jean Louis Barrault nomeou-o seu professor de dança, e o Zé teve que ensinar a monsieur Barrault dançar o Xaxado e o Baião. Jacques Fath também não o deixou em paz. O famoso figurinista ficou entusiasmado do modo pelo qual Zé Gonzaga tocava san-

(Cont. na pág. 42)



COM A ORQUESTRA MARAJOARA do maestro Raimundo Lourenço, o popular sanfoneiro executa um dos seus mais aplaudidos números



A COMISSÃO que dirigirá o grande concurso que a Associação Brasileira de Rádio promove anualmente, já realizou diversas reuniões, para que o certame suplante, em 1953, o dos anos anteriores. Aí estão Celso Guimarães, Mário Leão, Carlos Pallut e outros em plena atividade

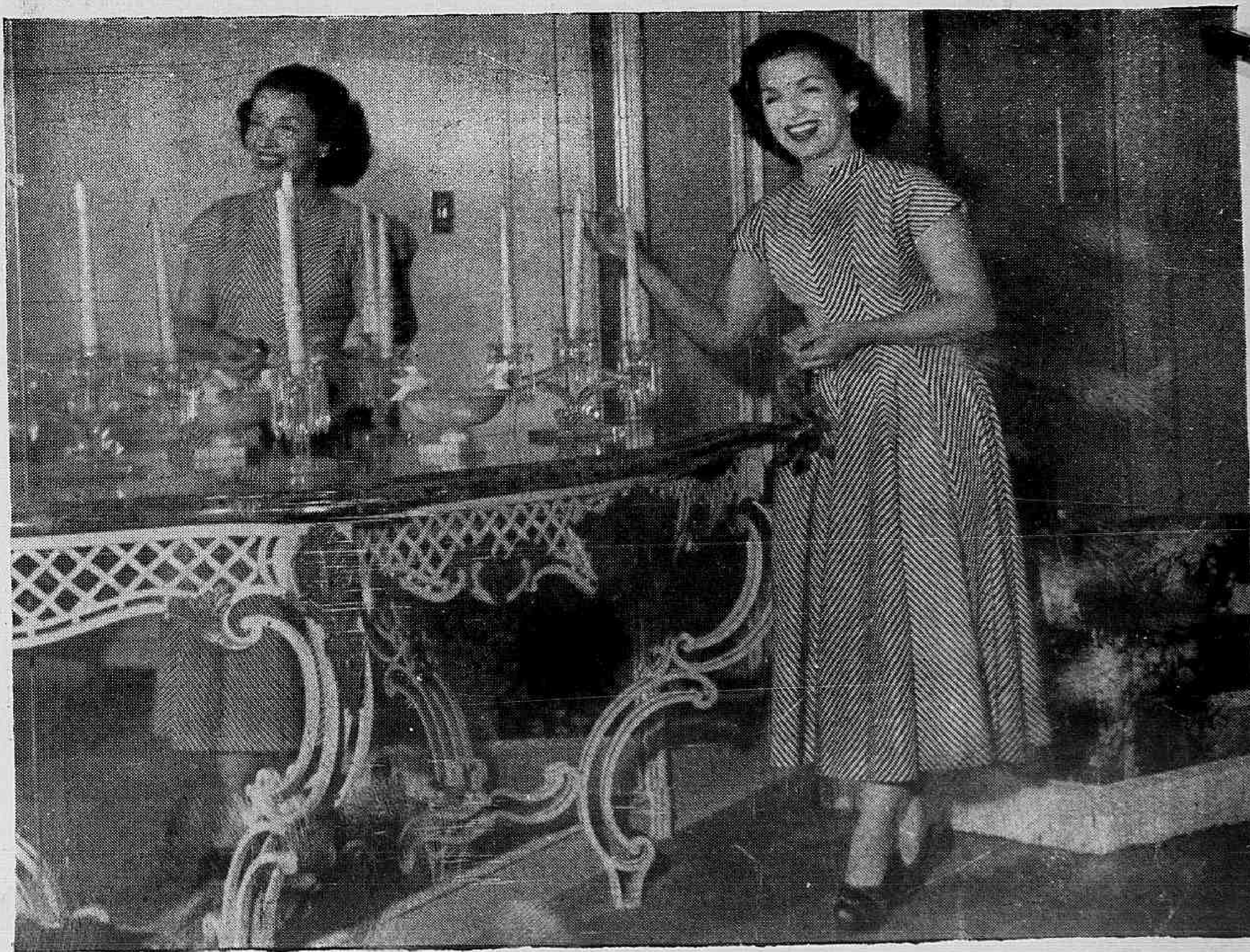
"SE DEUS QUISER E MEUS FÃS ME AJUDAREM

EU SEREI RAINHA DO RÁDIO"

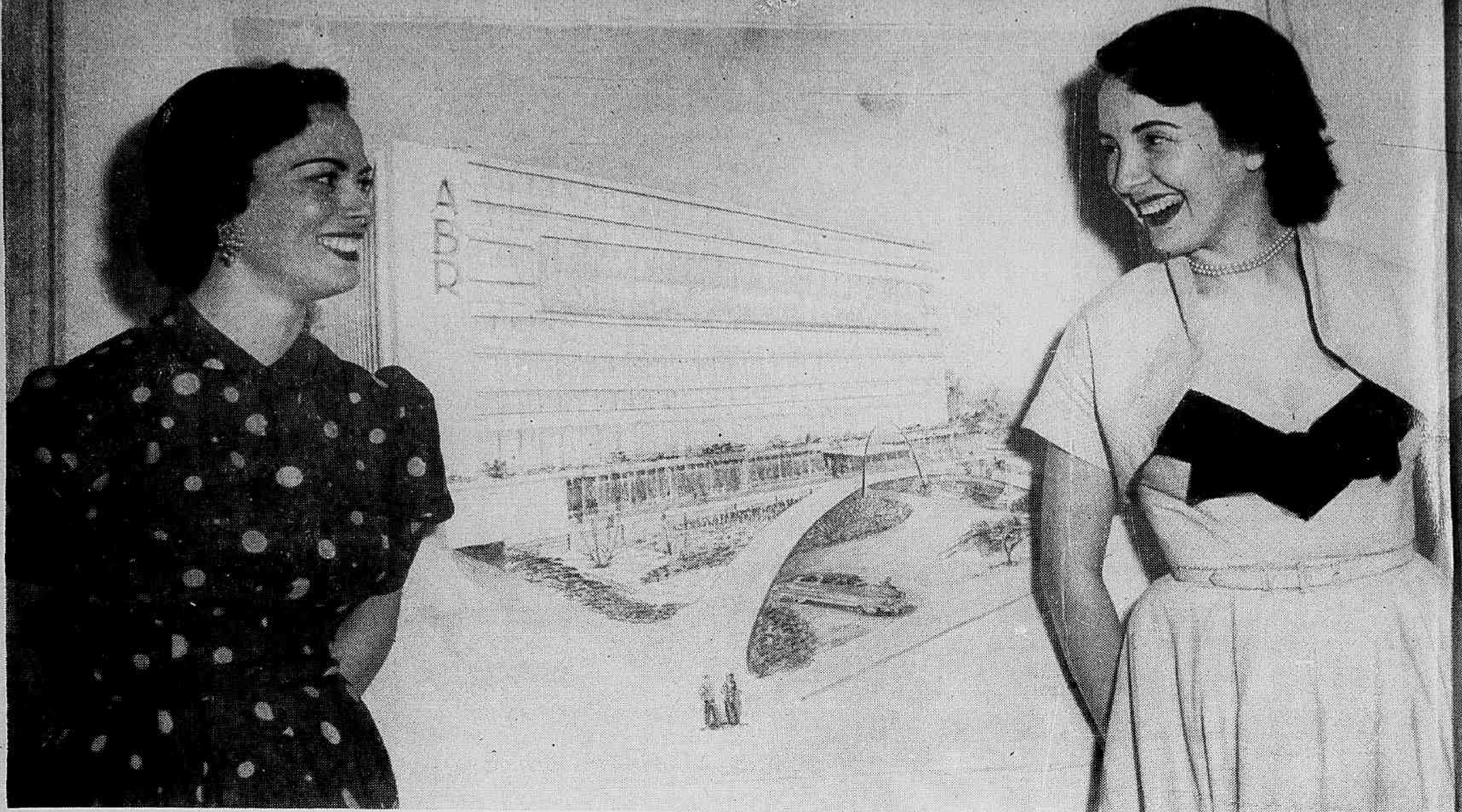
Afirmou Emilinha Borba, numa entrevista — Quem será a sucessora de Mary Gonçalves? — Um bando de excelentes candidatas — São Paulo comparecerá com dois grandes nomes: Hébe Camargo e Isaurinha Garcia — As Associadas escolherão sua representante num pleito interno — Grande animação em tôrno do certame da Associação Brasileira de Rádio

Reportagem de MILTON SALLES
Fotos de NEWTON VIANA

Tudo indica que o concurso que a Casa do Radialista realiza todos os anos para escolha da Rainha do Rádio — cuja renda total reverte em benefício do excelente nosocômio que está sendo construído para seus associados — alcançará, em 1953, êxito invulgar, em face da animação reinante em tôrno do certame não só no «broadcasting» carioca, como em São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco e outros centros radiofônicos mais adiantados. Manoel Barcelos, homem de larga visão, já sentiu o interêsse que cerca o concurso e, acertadamente, nomeou Celso Guimarães para chefiar a comissão que o dirigirá, pois espera uma arrecadação superior a dez milhões



DESTA VEZ a graciosa Emilinha Borba está disposta a ser a sucessora de Mary Gonçalves. Até que a reluzente coroa ficaria bem sôbre a sua cabeça...



MARY GONÇALVES, atual detentora do ambicionado título, e Rogéria, uma das candidatas à sua sucessão, fazem a moldura do quadro que estampa a bela fachada do Hospital do Radialista, ora em construção

de cruzeiros. Uma quantia respeitável e que diz bem do que deverá ser o pleito para o qual converge a atenção dos fãs de todo o Brasil.

AS CANDIDATAS DO RIO

Até agora, segundo informações colhidas na Associação Brasileira de Rádio, já se inscreveram como candidatas à posse da coroa que enfeita a cabeça de Mary Gonçalves, as seguintes artistas do «broadcasting» carioca: Ângela Maria, pela Rádio Mayrink Veiga; Rogéria, pela Rádio Mauá, Marli Sorel, pela Emissora Continental e Cruzeiro do Sul: Leci Bastos, pela Rádio Roquete Pinto; e Emilinha Borba, pela Rádio Nacional. Fala-se que a direção da Rádio Clube mostra-se interessada em que o cobiçado título permaneça na A-3 e, com o fito de retê-lo, cerrará fileiras em tôrno da candidatura de Dircinha Batista, uma de suas mais populares artistas e que já teve oportunidade de laurear-se Rainha do Rádio quando integrava o elenco da Tupi, há alguns anos atrás. Por outro lado, espera-se que as Rádios Globo, Ministério da Educação e Vera Cruz pronunciem-se a favor das candidatas inscritas até agora.

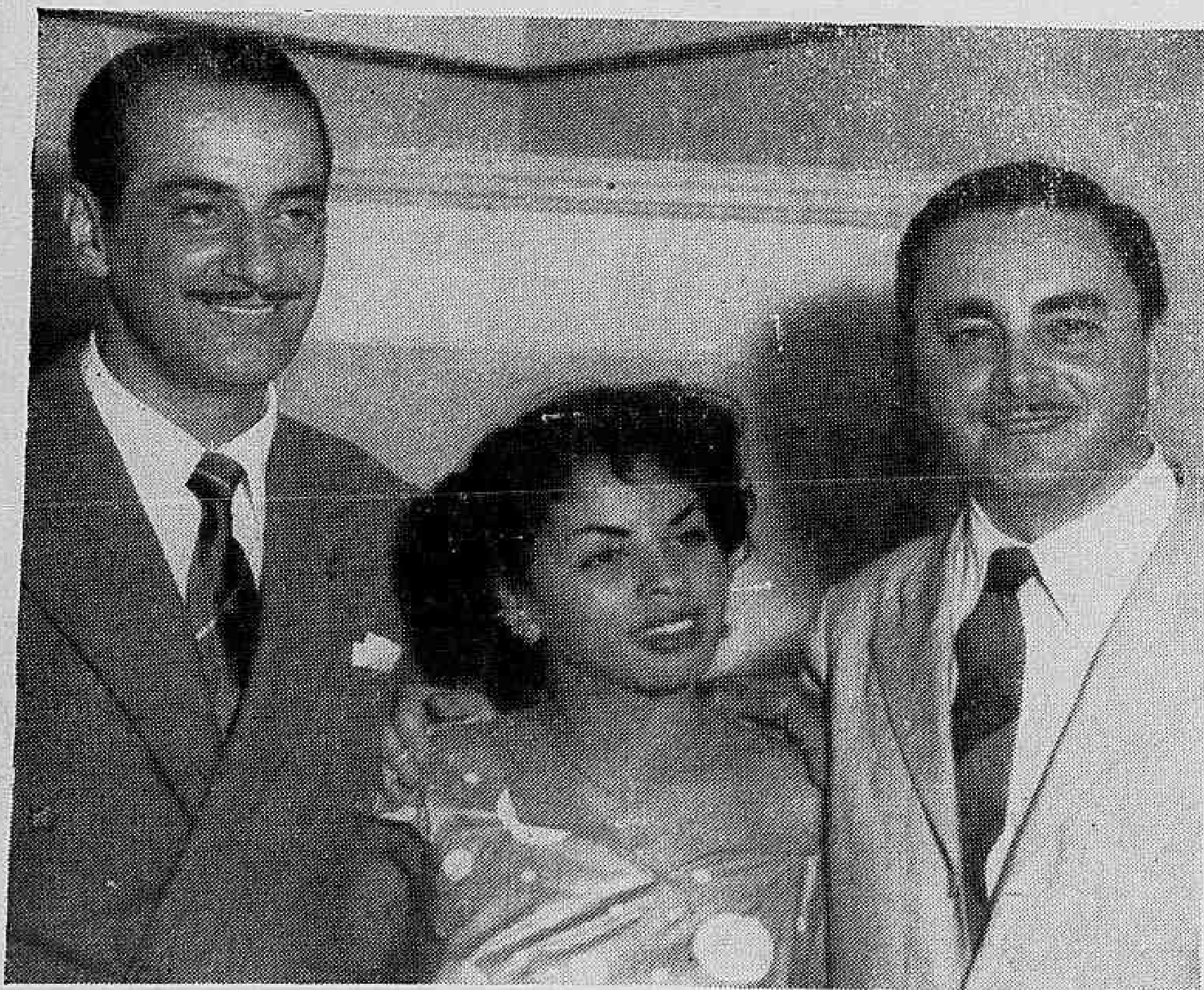
A REPRESENTANTE DAS ASSOCIADAS

Chegou a ser largamente noticiada a inscrição de Dóris Monteiro e Aidée Miranda, como representantes, respectivamente, das Rádios Tupi e Tamoio. Entretanto, a fim de não dispersar votos e levar a coroa para as Associadas, Péricles do Amaral teve uma excelente idéia que foi desde logo apoiada pelas duas festejadas artistas: a candidata das Associadas Cariocas seria escolhida através um pleito interno, após o que seria apresentada ao público.

Até o momento, como apuramos, inscreveram-se para êsse certame interno as seguintes artistas: Dóris Monteiro, Ademilde Fonseca, Elisete Cardoso e Aidée Miranda. Dessas quatro — tôdas figuras de real prestigio entre o público ouvinte e dignas, portanto de ser a sucessora de Mary Gonçalves — sairá a candidata das Rádios Tupi, Tamoio e Televisão Tupi.



LUÍS QUIRINO acredita que, no pleito que está sendo realizado nas Associadas, Aidée Miranda (ao lado) sairá vencedora. Se tal acontecer, as Rádios Tupi e Tamoio e a TV estarão bem representadas no certame da Casa do Radialista



HENRIQUE BATISTA, Ângela Maria e Celso Guimarães. Ela como candidata e êles como colaboradores da A.B.R., vão trabalhar para o êxito do concurso

S. PAULO VAI FAZER FÔRÇA

Alheio aos pleitos anteriores, embora muitas de suas artistas desfrutem excelente situação junto aos fãs cariocas, o «broadcasting» paulistano, consoante comunicação que recebemos, prestigiará em grande estilo o concurso da Associação Brasileira de Rádio. Para tanto, os radialistas da terra da garoa já se estão movimentando no sentido de arrecadar o maior número de sufrágios para duas de suas cintilantes estrêlas: Isaurinha Garcia, que representará a Rádio Record, e Hébe Camargo, que contará com a fôrça da Rádio Nacional de S. Paulo. Ambas, como se sabe, são popularíssimas e contam com apreciável legião de admiradores, o que equivale a dizer que são candidatas fortíssimas à posse da coroa que se encon-

tra em poder da noiva de Bill Farr. Portanto, que se acautelem as candidatas cariocas. São Paulo é capaz de roubar o título de Rainha do Rádio aos guanabarinos!

«BARNABÉ» E' A MASCOTE DE EMILINHA

Dentre tôdas as candidatas, há uma que merece uma referência especial, em face de há muito batalhar pela conquista da ambicionada coroa: Emilinha Borba. De fato, não se compreende que a querida estrêla da Nacional, favorita que é de tantos clubes, entidades de classe e associações ainda não tenha sido laureada no certame da Associação Brasileira de Rádio. Em 53, porém, a graciosa vocalista parece que conseguirá o seu objetivo, pois seus cabos eleitorais — uma verdadeira legião dêles! — já estão ativos, desenvolvendo grande movimentação no sentido de colhêr o triunfo para ela. Aliás, numa entrevista que concedeu recentemente à imprensa bandeirante, após a homenagem que lhe foi prestada pela União Brasileira de Compositores, sucursal de São Paulo, a criadora de «Catumbi encheu» teve oportunidade de fazer as seguintes declarações sôbre o concurso que empolga os meios radiofônicos:

— Um dos títulos mais ambicionados no rádio brasileiro é o da Rainha do Rádio. E é muito natural que isso aconteça. Eu não nego que também pretenda a coroa, embora reconheça que a concorrência é muito grande e as candidatas dispõem de ótimos meios para a vitória. Se Deus quiser e meus fãs me ajudarem, eu serei a Rainha do Rádio, mas se tal não acontecer, serei a primeira a abraçar e a beijar a minha vencedora, porque sei que o páreo é muito duro.

Depois, em tom confidencial, acrescentou:

— Barnabé, o meu cãozinho de estimação, é a minha mascote. Confio muito na sua influência. Êle me ajudará a vencer...

OUTRAS CANDIDATAS VIRÃO

Mas, não é só no Rio e em S. Paulo que se nota grande curiosidade sôbre o concurso da Associação Brasileira de Rádio. Também em outros centros radiofônicos adiantados do país o interêsse não é menor. Assim é que se fala na vinda de concorrentes da Bahia, tal como aconteceu no ano passado, de Pernambuco, do Rio Grande do Sul, de Juiz de Fora e de Belo Horizonte. Tôdas, ao que se diz, virão com um lastro formidável de sufrágios, dispostas, portanto, a levar a coroa dentro da mala, na viagem de regresso aos seus pagos.

PRÊMIOS DE DAR ÁGUA NA BÔCA

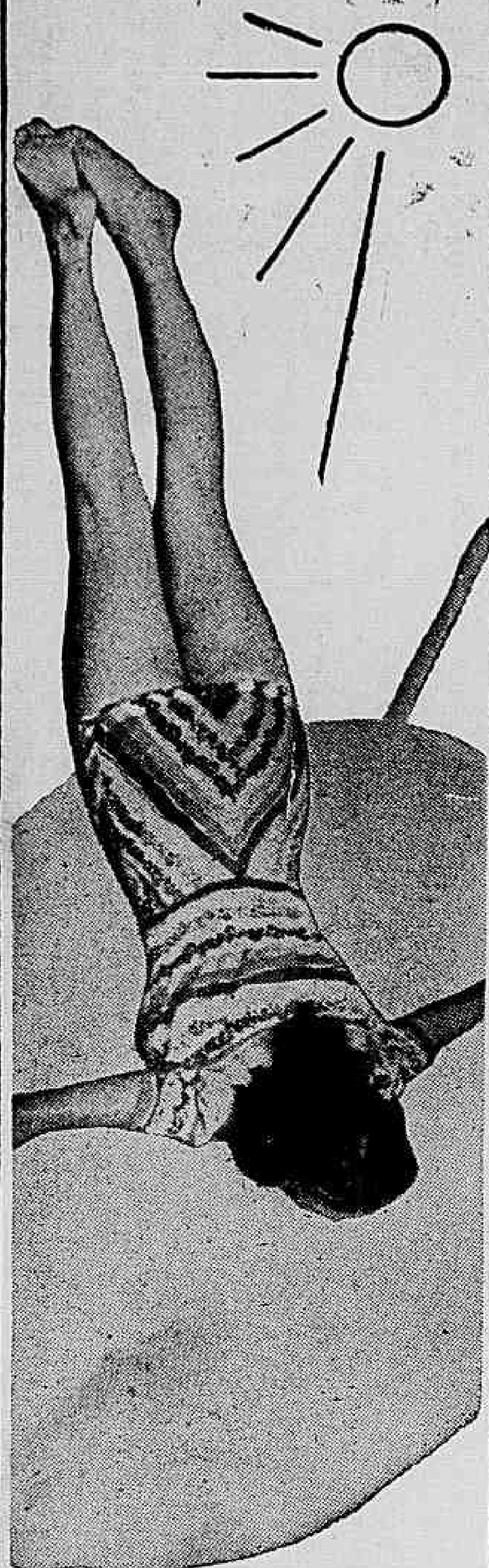
Como foi dito nas primeiras linhas desta reportagem, espera-se uma renda espetacular, no certame para a eleição da Rainha do Rádio de 1953. A vencedora contribuirá, no mínimo, com um milhão e quinhentos mil cruzeiros, ou seja 1.500.000 votos... Portanto, os prêmios deverão ser em muito superior aos do ano em curso, pois, em palestra com o repórter, Manoel Barcelos, operoso presidente da Associação Brasileira de Rádio, anunciou que estava nas últimas demarches com uma firma imobiliária para conseguir um apartamento em local privilegiado para a vencedora. Dessa forma, as princesas melhores colocadas caberão um moderno automóvel, um aparelho de televisão, uma rádio-vitrola e outros prêmios de dar água na bôca. Portanto, leitores, vamos votar nas nossas candidatas para colaborar na construção do Hospital do Radialista.



ÂNGELA MARIA espera ganhar a coroa que enfeita a cabecinha de Mary Gonçalves. Para tanto, já mobilizou seus cabos eleitorais

REINA GRANDE entusiasmo nos círculos radiofônicos sôbre o tradicional pleito da A.B.R. Rogéria, Ari Vizeu, Ângela Maria, Marly Sorel, Brício de Abreu e Mery Gonçalves colaborarão para o brilho da festa





exige outra:



Polvilho Antisséptico
GRANADO



DESODORANTE
CICATRIZANTE

Para Você Cantar

UMA MULHER É POUCO
(Samba)

*De Walter Levita e Ernani Seve
Gravação de Francisco Carlos*

Uma mulher
Para um homem
E' muito pouco
Quem inventou o casamento
Estava louco!

Não sou eu só
Que vivo a reclamar!
E' muito pouco uma mulher
Pra gente amar!...
Eu vou-me embora
Não fico aqui mais não!...
Vou morar lá no Oriente
Eu nasci pra ser sultão,
Oba!...

★

F I Z T U D O
(Samba)

De Raymundo Olavo e Geraldo Queiroz — Gravação de Geraldo Pereira

Fiz tudo que não devia fazer
Ajudei a quem não devia ajudar
Até me apaixonei
Amando até pequei
Depois perdi êste amor, chorei.

Chorei, fiz até promessa
Derramei minhas lágrimas em [vão
E até hoje ainda sinto a saudade
Porque não posso dominar meu [coração.
Mas eu fiz tudo.

★

ABRAÇO DO BAIÃO
(Baião)

De David Nasser e Luís Gonzaga — Gravação de Caco Velho

Vamos dançar o baião
Como não?
Vamos dançar o baião
Como não?
Vamos dançar o baião
De Buenos Aires até Cuba
Se dança baião
Vamos dançar o baião
Como não?
Vamos dançar o baião
Como não?
O Brasil manda
Futebol com banana e baião.

Morena linda
Copacabana
Mando êste abraço do meu baião
Pro povo de Havana
De Cochabamba
La Paz até no Peru
O meu baião está pegando por [lá
Pra chuchu.

★

BRASIL SAUDOSO
(Samba-canção)

De Tito Clementi — Gravação de Dalva de Oliveira com Orquestra de Roberto Inglez.

O mar, as estrêlas e a luz
Tudo me lembra você

Os ventos, as chuvas do céu e [o amor
Falam de ti, meu Brasil
Não posso viver sem você
Minh'alma faz tempo lhe dei
Brasil. Quem vai embora
Lhe deixa, mas sem coração.

Hino de amor,
Paixões em flor,
Isso é Brasil
Boa terra, que Deus
Com suas mãos abençoadas [criou
Quero sonhar.

Para voltar
Ao meu Brasil
E assim, frente a tanta beleza
Sentir-me feliz
Sambas dançar,
Bem remexer,
Oba! gritar...
Sentindo o meu peito bater
Com intensa emoção,
E o grito foge de mim
Nascendo do coração
Sou brasileira
Oh! meu Brasil!
Brasil! Brasil!

★

ARREPENDIMENTO
(Samba)

De Almeida Batista e Nelson Gonçalves — Gravação de Nelson Gonçalves

Quantas vêzes
Eu a mandei ir embora,
Quantas vêzes
Ela pediu pra ficar
Quantas lágrimas
Eu derramo agora
E' inútil, é tarde
Pra me lastimar
Quem passa um ano errando
Leva dois pra consertar.

Perdão amor
Ouça a voz da razão
Quero confessar meu êrro
Libertar meu coração
Perdão mulher
Pois na lei do coração
Êrro de amor não é crime
Quero a reconciliação.



A TORRE EIFFEL
97 - OUVIDOR - 99
DISTINÇÃO e BOM-GOSTO
EM ARTIGOS PARA FESTAS DE
Natal e Ano-Bom

RÁDIO NOVELA

de JOSÉ FERNANDES

AS ROSAS de MARIA ANGÉLICA

CAPÍTULO XVI

. . . .

Depois da morte de Artur, a situação de Maria Angélica piorou muitíssimo, pois todos começaram a ver nela uma feiticeira, uma criatura dotada de poderes para o mal. Sua mãe, já revoltada contra a condição de miséria em que viviam, resolveu castigá-la severamente, julgando com isso afastar o sortilégio que acompanhava os passos da menina. Glorinha, sua irmã, estava inconsolável e pedia à velha Raimunda que a ajudasse a libertar Maria Angélica.

. . . .

GLORINHA (Chorosa) -- Oh, d. Raimunda... eu preciso ajudar a Maria Angélica. Ela já fêz tanto por mim!

RAIMUNDA — Que é que você pode fazer, Glorinha?... Você não pode nem se levantar desta cama...

GLORINHA — Posso, sim. E' só fazer um esfôrço...

RAIMUNDA — Não. Nada disso. Fique quietinha aí, que eu vou dar um jeito.

GLORINHA (Animada) — A senhora?... Como?

RAIMUNDA — Muito fácil. Eu tenho mesmo que entrar lá na despensa pra tirar mantimentos. Não posso fazer o jantar sem os mantimentos...

GLORINHA — E' mesmo!

RAIMUNDA — ... e aí então eu vejo a Maria Angélica e falo com ela.

GLORINHA — Isso mesmo, d. Raimunda! Fale com ela .. pergunte se precisa de alguma coisa...

RAIMUNDA — Eu pergunto, sim. (Segredando) — E olhe .. sou até capaz de dar um jeito da menina fugir...

GLORINHA (Enlevada) — Oh, d. Raimunda... a senhora é tão boazinha!

RAIMUNDA — Então trate de ficar bem quietinha aí e não precisa nem falar em se levantar. Você não pode mesmo...

. . . .

PADRE LUÍS (Revoltado) — Mas é um absurdo, dr. Macedo... é um absurdo!

DR. MACEDO — Eu sei, padre Luís... não creio nessas coisas. Mas o povo é que está falando... e eu não tenho nada com isso.

PADRE LUÍS — Santo Deus! Como é possível tanta imbecilidade! Essa

gente não pensa com a cabeça não, dr. Macedo. E o senhor como médico e pessoa conceituada, deve tirar isso do pensamento dêles!

DR. MACEDO (Céptico) — Eu? Eu não, reverendo. Não quero me indispor com ninguém. Já basta a quantidade de receitas que tenho para receber da mão dêles. E o senhor sabe que é disso que eu vivo.

PADRE LUÍS — Mas o senhor, um homem de ciência, não poderá permitir que essa gente continue a acreditar num absurdo dêsses! E' revoltante, dr. Macedo. Aquela menina não pode fazer mal a quem quer que seja! O senhor sabe disso... o senhor compreende.

DR. MACEDO — Padre Luís... para ser franco, não direi que acredito nem que não acredito. Sou médico, e a ciência não nos ensina a crer em milagres e sortilégios. Mas vou lhe dizer uma coisa: êste mundo é estranho... e tudo pode acontecer. A gente não sabe até que ponto vai a verdade.

PADRE LUÍS (Arrasado) — Quer dizer que... que o senhor admite a possibilidade da menina ser culpada do mal feito?

DR. MACEDO (Tira partido) — O senhor não acredita que ela seja capaz de fazer milagres?... E' a mesma coisa, seu vigário.

PADRE LUÍS — Oh!...

DR. MACEDO — A igreja não ensina que há recompensa para o bem e castigo para o mal?... Pois isso quer dizer que há no mundo duas coisas distintas: o bem e o mal. Assim como uma pessoa tem poderes para fazer o bem, nas mesmas condições poderá fazer o mal. Tudo depende das circunstâncias.

PADRE LUÍS (Aturdido) — Dr. Macedo... o senhor...

DR. MACEDO (Corta) — Ainda não terminei reverendo.

PADRE LUÍS — O que o senhor está dizendo é um absurdo, toca as raias do inacreditável!

DR. MACEDO — O senhor não veio aqui em minha casa me pedir a minha opinião?

PADRE LUÍS — Eu pensei que o senhor fôsse mais sensato e estivesse disposto a me auxiliar...

DR. MACEDO — Que quer que eu faça?... Tenho as minhas obrigações, padre Luís. Não estou disposto a sair pela rua dizendo a todos que a Maria Angélica é uma santa!

PADRE LUÍS — Mas não é isso o que lhe estou pedindo!

DR. MACEDO — Nesse caso, o senhor dispõe de um grande elemento: o púlpito. Por que não o diz numa prédica?

PADRE LUÍS (Sucumbido — Cai) — O povo está fugindo da igreja! Já quase ninguém vai à missa... Não sei porque. Além disso, eu só poderia fazê-lo com ordens superiores. A Igreja não me permite manifestar pùblicamente sôbre êsses assuntos.

DR. MACEDO (Impiedoso) — Então o senhor já errou, porque andou dizendo que o que aconteceu na casa do Mendes foi um milagre!

PADRE LUÍS (Pausa — Abatido) — Desculpe, dr. Macedo... se vim importuná-lo. Passe bem.

DR. MACEDO (Cínico) — Não leve a mal, reverendo. Mas o senhor compreende...

PADRE LUÍS (Indo) — Passe bem, dr. Macedo.

....

DR. MACEDO (Consigo — Desdém) — Hum... não faltava mais nada. Esse padre Luís tem cada uma!...

....

MALVINA — Conseguiu alguma coisa, Mendes?

MENDES (Abatido) — Não, nada.

MALVINA (Quase indiferente, sem fazer cenas) — Ah. E acha que assim nós podemos continuar?

MENDES — Malvina... estou muito desanimado. Acho que aqui não conseguimos mais nada.

MALVINA (Sabe porque) — Por que, Mendes?

MENDES — Ora... Antes, êles diziam que não havia vagas para emprêgo. Eram só promessas e promessas... E agora... dizem que há vagas... mas que para mim não darão emprêgo... porque...

MALVINA — Por que?

MENDES (Num movimento de impaciência) — Um absurdo uma coisa dessas! Não sei como essa gente pode acreditar em semelhantes disparates!...

MALVINA (Perversa) — Você não me disse porque é que êles não querem lhe dar emprêgo...

MENDES (Suspiro) — Você sabe. Está me perguntando por perversidade... Quer ouvir dos meus lábios a afirmação de que estamos assim por causa de Maria Angélica. Mas isso eu nunca direi, Malvina Nunca!

MALVINA — Não diz, mas compreende...

MENDES — Ora!

MALVINA — ... e isso é pior, porque assim a gente não pode tomar nunca uma atitude.

MENDES (Perde a calma) — E que atitude quer você tomar?... Acha que vou renegar a minha própria filha por causa dêsses absurdos? Fique sabendo que eu tenho sentimento, ouviu? Não sou como você, que tem um pedaço de gêlo dentro do peito em vez de coração. (Atirando) — Você é má... perversa... tem prazer em torturar os outros. Você não presta. Malvina... você não presta!

MALVINA — Se é assim, por que não me deixou ir embora, quando eu quis sair?... Ficou me pedindo, me suplicando que não o abandonasse.

MENDES (Cai) — Faça o que quiser... contanto que me deixe em paz. Estou farto de você.

MALVINA (Revolta) — Sim, eu me vou. Mas primeiro você terá que me vestir decentemente. Não posso sair à rua com êstes trapos. (Pausa) — Vamos, Mendes... responda!

MENDES — Onde está a Maria Angélica?

MALVINA — Por que não vai procurar?

....

MALVINA (Impaciente) — Mendes!... Não pense que vai me deixar sair assim!

MENDES (3.º plano) — Não é você mesma que deseja ir embora? Vá...

MALVINA (Nervosa) — Mendes... você tem que tomar uma providência! Isso não pode ficar assim!... Que pensa que eu sou?... Uma coisa inútil que você pode mandar embora à vontade?... Foi para isso que eu me casei com você?

....

MALVINA (Grita) — Mendes!... Ordinário!... E' isso mesmo o que êle quer... Mas se êle pensa que eu vou sair assim, está muito enganado!

RAIMUNDA (Vindo) — Que é isso, d. Malvina?... Conversando sòzinha?

MALVINA (Desculpa-se) — Ora... às vêzes a gente não sabe o que faz...

RAIMUNDA — Ah. D. Malvina... eu preciso entrar lá na despensa pra tirar os mantimentos. Está na hora de fazer a janta...

MALVINA — Não estão na despensa não, seá Raimunda. Já os tirei de lá.

RAIMUNDA (Desapontada) — Ah. E onde é que a senhora pôs?

MALVINA — Na cozinha... dentro da cômoda.

RAIMUNDA (Pausinha) — D. Malvina...

MALVINA (Corta) — Já sei o que a senhora vai dizer. Mas fique sabendo que não é da sua conta. Fechei a Maria Angélica na despensa porque quis.

RAIMUNDA — Mas, d. Malvina...

MALVINA — E ninguém precisa pensar que eu vou tirá-la de lá agora.

RAIMUNDA — Que vai fazer com ela?

MALVINA — Isso é comigo.

RAIMUNDA — Mas é uma...

MALVINA — E chega de conversa. Não estou disposta para amolações.

RAIMUNDA (Cai) — Está bem, está bem. E' a senhora quem manda... (Indo) — Deus me livre. Nunca vi tanta ruindade...

....

Enquanto isso, sòzinha e triste, Maria Angélica se encontrava fechada no quarto escuro, tendo como único companheiro um pequenino raio de sol que descia do teto e vinha pôr uma gotinha de luz no chão frio. Era com êste minúsculo pedacinho de sol que ela conversava às vêzes, dando vazão aos pensamentos que a atormentavam...

....

MARIA (Suspiro) — Agora mesmo anoitece... e você vai embora. Vou ficar tão sòzinha!... Se de noite tivesse sol, você podia ficar aqui... Não vá embora não, bôbo! Fique aqui comigo. (Tristinha) — Mas você vai, sim. Agora mesmo começa a subir pela parede... até desaparecer. E eu vou ficar tão sòzinha!... Não terei com quem conversar... As minhas rosas não estão aqui... Se ao menos eu tivesse trazido uma das minhas rosas brancas. Elas devem estar sentindo falta de mim... Há muito tempo que estou neste quarto... ou foi agora mesmo que eu vim? Não sei. Quando a gente está sòzinha, as horas não andam... (Suspiro — Triste) — O pior é que êles estão pensando que eu sou feiticeira! E eu não fiz mal nenhum ao Artur. Até gostava muito dêle... (Angústia) — Que será que vai acontecer comigo?... Por que ninguém abre esta porta?... Estou com sêde... e aqui está tão frio!... Será que a mamãe vai me deixar dormir aqui?... E o papai?... que estará fazendo? E a Glorinha deve estar precisando de mim... deve estar aflita por minha causa... (Um soluço) — Se ao menos aquela senhora viesse me ver... (Súplica) — Raio de sol... você vai embora agora mesmo... se a encontrar... diga que venha me ver... (Cresce) — estou precisando muito dela!... Muito!... (Cai em soluços) —

SINTONISANDO

MILTON SALLES

AUDIÇÃO COM JOÃO DIAS — Dia 9 de dezembro — 21h. 5m — Rádio Tupi — Atraído pela farta publicidade e aguçado pela curiosidade — já que se dizia tanta coisa sôbre o vocalista bandeirante, que fôra discípulo do saudoso Francisco Alves — o público ouvinte tomou de assalto as magníficas dependências do grande auditório das Associadas Cariocas, prestigiando com a sua atenção o «debut» de João Dias no «broadcasting» metropolitano. Mas, falando francamente, como convém a um crítico que se preza, a audição longe estêve de agradar plenamente, longe estêve de satisfazer a quantos se locomoveram de distantes pontos da cidade em demanda dos estúdios associados e a quantos deixaram de ir ao cinema ou ao teatro para, em suas casas, ouvirem o programa com o Príncipe da Voz. Não que o cantor não esteja à altura da fama que lhe deram. Acontece que êle pouco exibiu os seus dotes vocais — semelhantes apenas aos do pranteado Chico Viola, e não iguais, como querem muitos — já que o autor do «script» (David Nasser) desandou a fazer literatura da pior qualidade sôbre a situação extra-terrena do criador de «A voz do violão», afirmando que, lá no céu, onde se encontrava rodeado de anjos, êle estaria aplaudindo João Dias. E repetia, com insistência irritante: «Canta, Francisco Alves, pela voz de João Dias», fazendo, dessa forma, ouvidos moucos aos méritos do seresteiro paulistano. Assim, quase redundou em tremendo fracasso a estréia mais comentada dêstes últimos dias, em face do infeliz «script» do brilhante jornalista. Do cantor, devido aos poucos números que interpretou — a maior parte de composições do próprio Nasser, fato que também ecoou mal — nada se pode dizer, a não ser que é um intérprete correto dos nossos ritmos populares que subirá muito mais no dia que deixarem de apontá-lo como carbono de Chico Alves. Os locutores — Carlos Frias e Osvaldo Luís — estiveram em plano destacado, em face da extensão da parte falada. Vamos aguardar o segundo programa. Talvez o João Dias apareça mais do que os narradores... — Cotação: regular.

MUSEU UE CÊRA — Dia 10 de dezembro — 0h — Rádio Nacional — Ao que parece, o nosso amigo Héber de Bôscoli está perdendo aquêle entusiasmo com que iniciou essa deliciosa série de audições que recorda os grandes êxitos da música popular brasileira. Aliás, de há muito notamos que, nos programas em que a focalizada é Araci de Almeida, são apresentadas as gravações que ela fêz recentemente para os álbuns de melodias de Noel Rosa, e não as primitivas das mesmas músicas. Agora, de uns tempos para cá, em vista do retôrno de Araci Côrtes ao teatro de revista, o Héber repete sistemàticamente os mesmo discos dessa vedeta, tirando, com essa repetição, o sabor da recordação. É pena que isso esteja acontecendo, pois o «Museu» conta com apreciável audiência em todo o país. Cotação: sofrível.

CARNAVAL NA MADRUGADA — Dia 13 de dezembro — 1h.30m — Emissora Continental — Foi com verdadeiro prazer que ouvimos novamente êsse programa da PRD-8. Entrevistando Gilberto Alves, um dos cantores que mais possibilidades tem de triunfar no próximo carnaval, Carlos Pallut conduziu a audição dentro de um nível alegre como convinha e esclareceu alguns pontos sôbre as gravações daquele vocalista, inclusive o da regravação de um samba de Noel Rosa. Black-out, Argemiro Bichara e outros também participaram do programa, em virtude de se encontrarem nos estúdios da Continental. «Carnaval na madrugada», em que pese a afirmativa de alguns cavalheiros (dizem por aí que o Pallut só entrevista e difunde as melodias de determinados elementos), é um programa que se ouve com prazer numa hora em que apenas a Rádio Mayrink Veiga está no ar transmitindo músicas sem o menor critério de seleção. Cotação: bom.

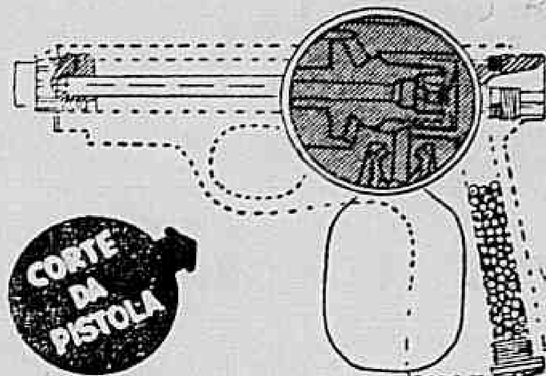
PISTOLA "PNEUMA-TIR"

Patenteada em todos os países

PISTOLA METRALHADORA!

Atira 500 balins sem necessidade de carregar!

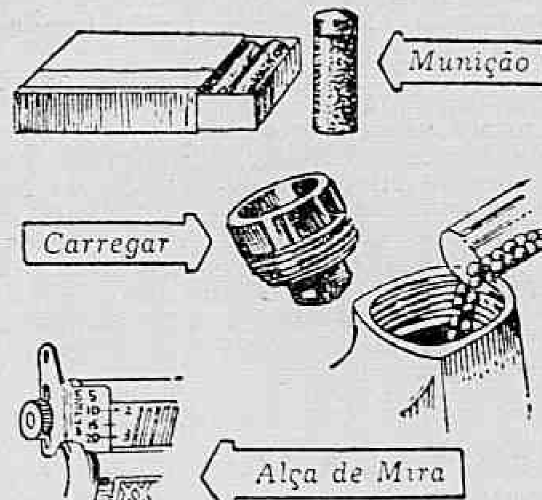
Ar comprimido por novo processo!



Permite o tiro ao alvo no interior de sua residência. Alcance regulável para 10, 20 e 30 metros. A pistola mais perfeita que se construiu no gênero. Não tem peças móveis, nem molas. Garantia contra qualquer defeito. Fabricada em várias côres.



FABRICADA POR
Alfredo Ellis & Cia. Ltda.
RUA URUGUAIANA, 104
RIO DE JANEIRO
TEL.: 43-0766



Estojo contendo uma pistola, um desentupidor, uma alça de mira, 2.000 balins com duas membranas sobressalentes:

Cr$ 250.00 pelo reembôlso postal

Caixa de munição com 2.000 balins, c/2 membranas sobressalentes: Cr$ 15.00

Peço-lhes enviar-me pelo Serviço de REEMBÔLSO POSTAL sem aumento de despesa, a PISTOLA «PNEUMA-TIR», conforme indicação abaixo:

Nome ....

Endereço ....

Cidade ....

Estado ....

O pêlo nas pernas, braços e axilas compromete a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÉ, o maravilhoso e eficiente depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

A venda nas boas perfumarias.

Laboratórios VINDOBONA

Rua Uruguaiana n. 104 - 5.º - Rio

O perfeito destruidor do pêlo

Racé

LABORATORIOS VINDOBONA DO BRASIL LTDA.

Racé

Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório «Racé».

NOME ....

RUA ....

CIDADE ....

ESTADO ....

CENA — 51

Rádio Social

MAIS UM!

Tia Laura, que teve a primazia de anunciar o romance de Aurélio Teixeira com a provocante Nair Amorim, pode, agora, dar outra notícia em primeira mão sôbre êsse simpático duo da Tamoio: os dois estão caidinhos, um pelo outro, que já pensam em contratar casamento. Eu, que sempre prestigiei os casamentos de artistas, faço daqui um apêlo ao Aurélio e à Nair para que marquem de uma vez o dia das bodas. Preciso estrear um vestido novo que mandei fazer para o casamento (que não saiu) da Marilena e estou com apetite (voraz) para comer doces.

CUIDADO, SILVEIRA!

Êsse Silveira Lima é um danado, mesmo. Aproveita-se de ser dono de notável pinta para virar a cabecinha de inúmeras fãs. Cuidado, Silveira! Pode aparecer alguma língua de trapo que vá contar à sua mulherzinha...

NADA DISSO!

Tia Laura recebeu um telefonema misterioso (a voz era de u'a mulher que não quis dar o nome) perguntando se era verdade que o Wilton Franco e a Nádia Maria estavam apaixonados um pelo outro. Achei um desafôro dar a explicação a uma pessoa que não se identificara e, por isso, dou-a nesta coluna, para que se esclareça de uma vez por tôdas o que é que há entre os dois populares artistas no "Cacique do Ar": o Wilton Franco é casado e gosta muitíssimo de sua espôsa e a Nádia Maria gosta do Wilton apenas como colega. Nada mais.

(Cont. na pág. 42)

VIVA ZAPATA

(Cont. da pág. 9)

um Eisenstein faria. Ao mesmo tempo, graças a grande dose de conteúdo humano e social que Steinbeck insuflou no cenário e sobretudo nos diálogos, o filme tem por momentos um valor de uma bela lição política, aplicada, porém, com um maravilhoso **apolitismo**. E, apesar (novamente), da inveracidade histórica, o filme traz ao espectador grandes **pedaços** de mensagem política, social e humana e que não se constituem em mensagens completas dadas as soluções de continuidade por que passa a tese e o superproblema do filme, que por momentos se ampara na verdade, mas por momentos se baseia na mentira e aí fenece.

Solução de continuidade sofre igualmente a cenarização e conseqüentemente a própria obra cinematográfica, construída à base de uma forma arquitetônicamente literária, em capítulos relativamente estanques. Assim Zapata é feito presidente sem que se veja e se imagine como, êle abandona a presidência da mesma forma incógnita, êle vence as batalhas sem que seja mostrada a sua habilidade como estrategista, ou êle reúne novamente seus homens na montanha, como «partisans», sem sabermos como, por que e de que forma. Da mesma forma, surgem e desaparecem personagens sem a mínima razão e justificativa. Entretanto, dado o vigor da realização e de tôda uma outra série de acessórios de realização, fotografia e música e sobretudo devido o grande desempenho de todos os atores (Marlon Brando, Anthony Quinn, Joseph Wiseman, Jean Peters e outros) que tornam os personagens emocionalmente verossímeis e aceitáveis, que tais falhas ficam superadas.

Um final grandioso combinando com o tom épico do filme, não deixa de trazer umas gôtas de uma poesia **política**, sôbre o espírito e o significado do Líder que, antes, no diálogo já tinha sido destruído com algumas frases que vão significar para Steinbeck um expurgozinho.

ANSELMO E LEONORA...

(Cont. da pág. 7)

apaixonado pelas questões de cinema e é autor também. «Carnaval no Fogo» foi baseado numa história sua. Tem um argumento, «O Crime Perfeito».

O DIRETOR

Gianni Pons é de nacionalidade italiana, mas nasceu em Liéges, na Bélgica. Iniciou sua carreira cinematográfica, como assistente de direção, em 1930, em Berlim. Veio para o Brasil em 1951. Foi assistente de Marcel L'Herbier em «La femme d'une nuit», de Pabst «Dei Groschen oper» e de Blasetti «Un'aventura di Salvator Rosa».

Após ter sido assistente, Gianni Pons trabalhou em inúmeros argumentos, tendo sido cortador na Itália, durante sete anos e produtor associado de 4 filmes. Sua primeira direção foi «L'angelo del Crepusculo» (Roma 1941). Em seguida dirigiu «La moglie in castigo» com Luisella Beghi e Roberto Villa (Rex Roma). «Festa sull'aia» (1942-Audros Film-Roma). «Tentazione» (Audros-Film). «Direto di Sosta» (Audros-Film) e «Colpo di scena». As atividades cinematográficas, como produtor e diretor, de Gianni Pons estão registradas no «Anuário della cinematografia» correspondente a 1942 e 1948.

A EQUIPE DE «VENENO»

Na preocupação de produzir filmes de qualidade técnica e artística, a Vera Cruz entregou a Gianni Pons uma brilhante equipe, da qual se destacam, além do produtor Dino Badessi — com larga experiência em sua especialidade — Edgar Brasil — um técnico brasileiro cuja participação no cinema data dos primórdios da cinematografia nacional. Edgar Brasil é o responsável pela iluminação de «Veneno». Jack Mills é o operador e Rasmunssen o responsável pelo som. João Maria dos Santos criou a cenografia e Henrique Simonetti compôs a música do filme, cuja montagem foi entregue a Oswald Haffenrichter, um nome que dispensa comentários.

Enquanto a equipe técnica de «Veneno» reúne nomes que constituem uma credencial, o quadro de intérpretes é formado por brilhantes atores como Ziembinski, Paulo Autran e Jackson de Souza, já conhecidos por seus trabalhos em filmes da Vera Cruz e que secundarão nessa película policial os dois astros de primeira grandeza — Leonora Amar e Anselmo Duarte.

VAN HEFLIN, AVIADOR

(Cont. da pág. 25)

Desde então, Van Heflin tem dividido suas atividades entre o palco e a tela e fêz mais de vinte e cinco filmes, incluíndo «Tomahawk», «Madame Bovary», «The Three Musketeers» e «Till the clouds roll by».

Durante a guerra Van Heflin serviu como pilôto de operações do U.S. Army Air Corps baseado na Inglaterra, tendo tomado parte em vários «raids» sôbre a Alemanha.

Em «Southof Algiers», Van Heflin faz o papel de um arqueologista americano que chefia uma expedição do deserto de Saara em busca de uma máscara de ouro enterrada numa antiga catacumba.

O filme, pois, inclui o viajado Van Heflin em outras viagens não menos emocionantes. Depois de filmar nos estúdios de Elstree, na Inglaterra, a caravana de técnicos e artistas se locomoveu, durante dois meses, muitas vêzes em penosas condições, pelas cidades, desertos e oáses do Norte da África.

Van Heflin, entretanto, já está endurecido pelo desconfôrto. Sua companheira de trabalho, Wanda Hendrix, assim falou sôbre êle: «Nunca senti tanto prazer em trabalhar com uma pessoa. A despeito das más condições no norte da África, êle sempre nos animava com uma pequena história, e um gracejo sôbre suas experiências passadas».

OS ÚLTIMOS SERÃO...

(Cont. da pág. 18)

Kent, que estreará no cinema ao lado de sua encantadora mãe em «A Serpente do Nilo».

— Nao desejo que Kent siga a carreira cinematográfica, — diz Rhonda. — mas permitirei que faça uma «pontinha» aqui e ali, pois é uma das coisas que mais o satisfaz. Mais tarde, depois que êle crescer, se ainda achar que tem geito para a profissão, então poderá decidir por si mesmo.

Apesar de todo o seu «glamour» de belíssima «estrêla», «La» Fleming é u'a mãe compreensiva e sensata. E' essa uma das razões que a tornam querida da congregação da sua Igreja — a Primeira Igreja Presbiteriana de Hollywood — onde sempre representa peças sacras beneficentes, ou seja, sem perceber o menor salário. Aliás, Rhonda sempre foi uma criatura «da família». Sua mãe — a sra. Effie Graham, ex-atriz e modêlo em New York — foi a sua professôra de arte dramática e sua tia foi quem lhe ensinou canto. Em 1938, quando Rhonda contava apenas 15 anos e ainda se chama Marilyn Lewis, sua mãe inscreveu-a num concurso de beleza conduzido por Jesse Lasky em todo o país e o qual abriria as portas de Hollywood à vencedora. A ruiva Marilyn colocou-se em primeiro lugar logo de início, mas, na apuração final, perdeu para uma loura alta e atlética, que cantou «The Man I Love». Trazida para Hollywood à vencedora não possuía o menor talento... e ela ñem chegou a fazer carreira no cinema, voltando para a fábrica de aviões onde trabalhava. Mas, já nessa altura, com um novo nome e uma arrebatadora personalidade, Rhonda conquistava a Meca do Cinema, embora tivesse sido derrotada num concurso de beleza... Hoje, para se ter uma idéia do seu prestígio em Hollywood, basta apenas relembrar que o papel de Cleópatra em «A Serpente do Nilo» estava destinado a Paulette Goddard... e outras fortes candidatas, como Hedy Lamarr e Ava Gardner, que também o cobiçavam. Mas quem levou a melhor foi Rhonda Fleming, justamente...

— ... para provar que os últimos serão os primeiros! — declara a nossa entrevistada com um sorriso divertido, enquanto voltava ao «set» para saborear as suas uvas, ao som dos uivos do furioso urso que, até aquêle instante, já enviara três «extras» para o hospital dos estúdios...

ZÉ GONZAGA...

(Cont. da pág. 34)

fona, e queria até comprar uma igual só para ver se também aprendia a tocar. Brotinhos, balzaquianas e balzaquianos não o deixavam. Todos queriam aprender a dançar o Xaxado e o Baião.

Na França, êle fêz uma grande farra. As francesas deixaram-no alucinado. Os magazins, os boulevards, tudo isso, deixaram-no atônito, com uma vontade louca de voltar à "Cidade Luz". Entre outras coisas, trouxe para sua casa tapêtes lindíssimos, e um pássaro embalsamado que canta.

—Parece até coisa do diabo! — disse-nos êle — Só fiquei triste porque não pude trazer nenhuma francesa. Êta mulher faceira! Parece até a Rosinha. Como sabe fazer carinho na gente! ... Ôô peste!

— Quando pretende casar?

— Credo, cruz! Que casá coisa nenhuma. Eu sou como animal do campo ... nasci para ser livre...

— E que acha você das mulheres?

— Nem fale, seu moço, nem fale. Que o diabo as carregue tôdas ... para dentro da minha casa!

— E do amor?

— Mais gostoso que doce de côco. Mais pió de que cachaça, deixa a gente completamente tonto.

E o Zé foi saindo, com sua sanfona prêsa aos ombros, para participar de um dos muitos programas da G-3.

PONTOS DE VISTAS

—"Sou homem vacinado contra certas coisas da vida. Nunca ouvi novelas de rádio, por exemplo. Nem um capítulo, nem uma palavra, pois começo por não ter êsse diabólico aparelho em casa. E se algum amigo da onça quiser me dar um, eu o quebro em pedaços, ou me torno surdo, mais surdo que uma porta." — *J. O.*

—"Não é lícito a uma emissora fazer prevalecer compromissos de ordem financeira sôbre compromissos de ordem moral com seus ouvintes." — *Pio XII.*

—"E' de lamentar que um programa do tipo de "Gente que brilha" tenha de ser interrompido aqui e ali, para que o seu próprio criador e animador anuncie as boas qualidades e distribua os brindes do limpa-panelas que o patrocina." — *Dig.*

—"Orlando, cante hoje como hoje, não procurando reeditar-se nos moldes e nas linhas de ontem. Será um êrro grave. Você deve desligar-se da técnica passada; veja que, hoje, você não pode tirar ou produzir os mesmos efeitos e vocalises de ontem, porque, hoje, sua voz vive sob outras condições dinamogênicas." — *Miguel Curie.*

DISSE-ME-DISSE

Vocês sabem por que a graciosa Simone Morais deixou a Nacional? Apenas por isto: ela chegou atrasada a um ensaio e o Floriano deu-lhe uma "bronca" tremenda. Melindrando-se com a repreensão, Simone foi trabalhar ao lado do marido, na Rádio Mayrink Veiga...

★

Há um cronista "doublé" de compositor que anda malhando os discotecários, chamando-os de vendidos, tubarões da música popular, etc. Entretanto êsse cavalheiro é conhecido como comprador de músicas, nos círculos geralmente bem informados da SBACEM e da UBC...

MR. KILOCYCLO

BIGODE
de SENHORAS e VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
GUILHERME KLOTZ
FUNDADO 1926
AV. BRIG. LUIZ ANTONIO, 4289 - S. PAULO
PEÇA PROSPECTOS

A MULHER FALADA

(Cont. da pág. 15)

com os seus deveres de espôsa. Conforme dizia, Astra mostrara um grande cinismo, dizendo mesmo que gostaria que o marido desaparecesse para sempre, o que lhe facilitaria a possibilidade de perceber a devida pensão da Marinha.

Coube então a Bob explicar suas relações com Astra e até que ponto poderia elucidar as sindicâncias iniciadas. Disse êle que a conhecera num parque de diversões, onde a vítima ocupava uma barraca de adivinha de sorte. Uma vez travando relações com ela, lhe pedira para participar com êle de um número no ato de variedades onde êle trabalhava e do qual esperava grande êxito. Porém, não levou muito a descobrir que Astra era incapaz para o papel, pois tinha grande dificuldade em memorizar o ato. Conhecera então a irmã Catarina e se apaixonara por ela, propusera-lhe casamento, já que Catarina acaba de obter divórcio de seu ex-espôso.

Sabendo que Astra se opunha à sua ligação com Catarina, havia ido à sua casa em companhia de sua bem amada para pedir-lhe que aceitasse a situação tal qual era e que não se opusesse ao casamento que êle pretendia realizar. Astra, porém, tornara-se violenta e áspera e não queria dar cuvidos aos rogos de ambos, e êles vendo que tudo era inútil haviam abandonado a casa de Astra.

O delegado Lodge continuava fazendo sindicâncias e passou, então, a entrevistar Pollard (Charles Victor), o qual possuía bem em frente à residência de Astra uma loja de pássaros. Êste explicou que a vira pela primeira vez quando ela o consultou sôbre a doença de um canário de sua propriedade. Ambos simpatizaram um com o outro e Pollard lhe prestara vários obséquios em sua casa. Embora a tivesse visto com o marinheiro Murray (John McCallum), Pollard alegou que precisamente 24 horas antes de Astra ser encontrada morta, êle a havia pedido em casamento e fôra por ela aceito.

Chegam à delegacia duas jovens Lana (Lana Morris) e Shirley (Vida Hope) a quem o delegado recebe, pois elas querem fazer algumas declarações à respeito de Astra, já que estão a par da sua morte. As sete e meia no dia antes, estavam ambas à porta da casa de Astra, a quem pretendiam consultar sôbre o que o futuro lhes reservara, quando ouviram do interior gritos de mulher e olhando através de uma fresta na porta viram como uma mulher lutava com um homem. A seguir aparecera um senhor com tôdas as características de homem do mar, a quem elas mais tarde identificaram através de fotografias publicadas nos jornais.

Lodge pretende reconstituir o crime. Aparece então Murray e conta de suas ligações com Astra a quem também conhecera na feira quando ela lia a sorte dos curiosos. Ambos se amaram à primeira vista e quando êle regressava de uma viagem foi visitá-la e a encontrou em companhia de Pollard. Êste incidente se repetiu, mas como êle se sentia fortemente atraído pela jovem mulher, queria torná-la sua espôsa. Na noite da tragédia Murray havia ido inesperaradamente à casa de Astra e a surpreendeu em colóquio amoroso com outro homem. Jogou-o escadas abanxo e mataria a mulher. Murray é retido.

Lodge então volta à casa da Senhora Finch para deixar bem esclarecido quem fôra o assassino.

RÁDIO SOCIAL

(Cont. da pág. 41)

CONFIRMANDO!

O Marcos Gassman está amando, pessoal! Há muito que suspeitava disso (e cheguei até a noticiar), porém agora é que tive a confirmação de tudo. De uns dias para cá, o fleugmático redator, a qualquer convite dos amigos, sai-se com esta:

— Não posso aceitar. Fica para outra vez. Ela está me esperando na Praia Vermelha.

E desaparece como por encanto em demanda do brotinho misterioso. Isto é amor!

VOCÊ SABIA?

Carlos Pallut pediu Alba Regina em casamento durante a transmissão do programa inaugural da nova fase da Rádio Guanabara.

VERA MUDA DE AMÔRES

Vieram dizer à Tia Laura que a cantora Vera Lúcia muda de amôres como as mulheres mudam de vestido; com uma naturalidade revoltante. Ainda agora (não sei com que intuitos), a exclusiva da Nacional enamorou-se de um repórter e com êle mantém um romance que, parece, irá longe.

Nas 5 lojas da PERFUMARIA MEYER

RUA ARQUIAS CORDEIRO, 275 a 279 e 285 a 293
MEYER — Tels. 29-0968 — 29-1850 — 29-1479 e 29-1786

FABRICA de Bibelots MITAC — Perfumes MIMO — Tintas TIC-TAC
RUA DOIS DE MAIO, 534-A — Telefone: 29-0756

V. S. encontrará o que desejar!. . .



SALÃO DE
CABELEIREIROS
DAS LOJAS
DA PERFUMARIA
MEYER

TALCO
MIMO
RIO

Grande variedade de artigos para presentes de Natal, em 5 lojas especializadas.

Vieiras de Castro & Cia. Ltda. Rio



O sugestivo perfume das rosas convida ao romance. Leite de Rosas é um convite à beleza. Graça e beleza!... fatôres decisivos no destino da mulher. Embelezando o presente e garantindo o futuro da cútis mais delicada, Leite de Rosas faz com que a linda noiva de hoje seja a irresistível espôsa de amanhã. Leite de Rosas amacia e perfuma deliciosamente a pele!... ★ Envolva-se no «it» de uma pele perfumada e macia e seja também... um tipo Leite de Rosas.

Laboratórios Leite de Rosas Ltda. - Rua Ana Nery 321 - Tel. 48-7660